

JULIETE RODRIGUES

**ESTUDOS DE PARÁBOLAS NO ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL,
NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

JULIETE RODRIGUES

**ESTUDOS DE PARÁBOLAS NO ENSINO
DA PRODUÇÃO TEXTUAL, NO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ASSIS
2023**

JULIETE RODRIGUES

**ESTUDOS DE PARÁBOLAS NO ENSINO
DA PRODUÇÃO TEXTUAL, NO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do Título de Mestrado Profissional em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos).

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

R696e Rodrigues, Juliete
 Estudos de parábolas no ensino da produção textual,
 no 6º ano do Ensino Fundamental / Juliete Rodrigues. —
 Assis, 2023
 109 p.

 Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
 Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
 Orientador: Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna

 1. Parábolas. 2. Letramento. 3. Língua portuguesa
 (Ensino fundamental). 4. Leitura e escrita (Ensino
 fundamental). 5. Compreensão na leitura. I. Título.

CDD 372.4



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: ESTUDOS DE PARÁBOLAS NO ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL, NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORA: JULIETE RODRIGUES

ORIENTADOR: MARCO ANTONIO DOMINGUES SANT'ANNA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Letras, área: Linguagens e Letramentos pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. MARCO ANTONIO DOMINGUES SANT'ANNA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. ANA PAULA FRANCO NOBILE BRANDILEONE (Participação Virtual)
UENP/Cornélio Procopio

Assis, 05 de abril de 2023

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus;
eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça.

Isaías 41:10

A Jesus por abençoar este trabalho com sua misericórdia, amor e ensinamentos.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida, da inteligência e por ter me fornecido saúde e incentivo na caminhada da realização do meu sonho.

Aos meus pais, Rudnei e Marilena, que com seu amor batalharam arduamente para eu me formar na minha primeira graduação.

Aos meus amigos que me incentivaram e ajudaram a nunca desistir dos meus objetivos, em especial meu amigo Alex Felisardo.

À minha amorosa filha Emanuelle, que faz os meus dias mais felizes desde o dia em que descobri que seria mãe. Ao meu companheiro Evandro Carlos, que compreendeu a minha ausência e me incentivou a nunca parar de estudar e, assim, contribuir para uma educação de qualidade.

Aos meus alunos, que me ensinam, cada dia, a ser uma professora melhor e mais dedicada em tudo que planejo. Aos Educadores do Programa de Mestrado Profissional em Letras da UNESP- FCL-Assis pelo trabalho, dedicação e carinho.

Ao meu querido orientador, Marco Antônio Sant'Anna Domingues, que não mediu esforços para me orientar neste trabalho, sendo sempre solícito.

A todos os professores que passaram em minha jornada escolar e deixaram um pouco de seus valores e conhecimentos.

“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. - Antoine de Saint Exupéry

RODRIGUES, Juliete. Estudos de parábolas no ensino de produção textual, no 6ª ano. 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Letras-Profletras, visa a proporcionar ao aluno do 6º ano do Ensino Fundamental ensino de parábolas antigas e contemporâneas para auxiliá-lo a realizar produções de textos, como parábolas, contos e fábulas de forma compreensível para o interlocutor, atingindo o objetivo de escrever de maneira correta. Esse ano escolar foi escolhido porque compreende-se que muitos alunos possuem muitas dificuldades na escrita nesse período; sendo assim, podem-se explorar várias maneiras de ensinar o gênero em questão, a fim de diminuir essas dificuldades. Além disso, será feito um estudo bibliográfico de como o ensinamento das parábolas pode auxiliar os discentes em sala de aula na construção de propostas de redações eficientes. Desse modo, de início será explicado aos alunos a história das parábolas, ou seja, o porquê foram utilizadas no passado e qual sua importância para a sociedade atualmente. Como os alunos, inegavelmente, apresentam muita dificuldade em realizar uma produção textual de qualidade, assim, o objetivo principal desta dissertação é incentivar o entendimento da escrita. Dessa maneira, serão analisadas parábolas, o que auxiliará na compreensão do texto narrativo e suas características. Ao final, o que se espera é que cada aluno construa parábolas que possam ajudá-los a compreender a maneira correta de se escrever e transmitir suas opiniões. Em suma, cada aluno deverá apreender o gênero parábola e, ainda, produzir textos compreensíveis por ele e pelo seu leitor.

Palavras-chave: Parábolas. Funções. Forma. Tema.

RODRIGUES, Juliete. Estudos de parábolas no ensino de produção textual, no 6ª ano. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

ABSTRACT

This work, developed in the Professional Master's Program in Letters-Profletras, aims to provide the student of the 6th year of Elementary School with the teaching of ancient and contemporary parables to help him to make productions of texts, such as parables, tales and fables in a way understandable to the interlocutor, reaching the goal of writing correctly. This school year was chosen because it is understood that many students have many difficulties in writing during this period; therefore, several ways of teaching this genre in question can be explored in order to reduce these difficulties. In addition, a bibliographic study will be made of how the teaching of parables can assist students in the classroom in the construction of proposals for efficient essays. In this way, the students will be initially explained the history of the parables, that is, why they were used in the past and what is their importance for society today. As the students, undeniably, present great difficulty in performing a quality textual production, thus, the main objective of this dissertation is to encourage the understanding of writing. In this way, parables will be analyzed, which will help in understanding the narrative text and its characteristics. In the end, what is expected is for each student to construct parables that can help them understand the correct way to write and convey their opinions. In short, each student must grasp the parable genre and also produce texts understandable by him and his reader

Keywords: Parables. Functions. Form. Theme.

Sumário

1	APRESENTAÇÃO	5
2	OS ENSINAMENTOS DAS PARÁBOLAS	9
2.1	A parábola como forma literária	9
2.2	A parábola aplicada a textos religiosos: conceituações	11
2.3	A parábola como narrativa curta	13
2.4	A parábola como narrativa amimética	14
2.5	A parábola como narrativa alegórica	20
2.6	As parábolas de Jesus e seus ensinamentos para a sociedade	25
2.7	A parábola no Antigo Testamento	28
2.8	A parábola contemporânea	30
2.9	Semelhanças e diferenças entre parábola e fábula.....	41
2.10	Os benefícios das parábolas na produção textual.....	44
2.11	Resenha crítica da análise da “Parábola do bom samaritano” realizada por Marco Antônio Domingues Sant’Anna.....	46
2.12	As figuras de linguagem nas parábolas.....	52
3	DIFICULDADES DOS ALUNOS NO MOMENTO DA ESCRITA	57
3.1	O uso da linguagem formal e informal.....	58
3.2	A coesão e a coerência	60
3.3	A ortografia	63
3.4	A intertextualidade no gênero parábola	69
3.5	Tipologia textual	74
3.6	Gênero textual	77
3.7	Linguagem verbal e linguagem não verbal	79

4	SEQUÊNCIA DIDÁTICA QUE DESENVOLVA A COMPETÊNCIA ESCRITA DO ALUNO DE ACORDO COM A BNCC.....	81
4.1	Exemplo de duas parábolas e sua utilização em sala de aula.....	82
4.2	Projeto “Sou escritor”, um auxílio da leitura na produção textual	86
4.3	Aulas conectadas no auxílio da construção de um livro digital.....	88
4.4	Tecnologia X escrita.....	95
4.5	A avaliação, devolutiva e reescrita	98
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS	104

1 APRESENTAÇÃO

No ano de 2008, ingressei na licenciatura em Letras no Instituto de Ensino Superior de Catanduva, quando começaria meu interesse pelos estudos aprofundados e de qualidade da educação brasileira. Inclusive, foi nesse mesmo ano que comecei um estágio não obrigatório nas escolas da rede municipal de Novo Horizonte, no estado de São Paulo. Nesse período, tive um grande aprendizado na minha vida profissional, pois passei a compreender melhor como funcionava uma escola.

Em 2011, após terminar minha graduação, comecei a ministrar aulas eventuais nas escolas do Estado, pois não havia aulas fixas na minha área de atuação. Já em 2012, fui aprovada no processo seletivo de professor na cidade de Novo Horizonte, onde passei a ministrar aulas de Língua Portuguesa nas escolas Francisco Álvares Florence e Hebe de Almeida Leite Cardoso.

Com a experiência em sala de aula, constatei a necessidade de me preparar para ser uma docente de qualidade, o que me conduziu à minha segunda graduação, em Pedagogia. Foi um aprendizado muito grande, pois adquiri novos conhecimentos ainda não assimilados no curso de Letras.

No ano de 2014, fui aprovada no concurso para professor efetivo de Fundamental I e II - Língua Portuguesa. Como fui convocada, primeiramente, para atuar na área da Pedagogia, ministrei, durante dois anos, aulas para crianças. Essa experiência foi muito gratificante, porque pude observar a evolução dos pequenos durante o período. Entretanto, quando fui chamada para o cargo de professora de Língua Portuguesa, exonerei-me do Fundamental I e continuei no que sempre foi meu objetivo e sonho: ser professora de Língua Portuguesa.

Nesse momento, fiquei grata a Deus porque o concurso havia sido muito extenuante, com várias etapas, como prova objetiva, redação, aula expositiva e prova psicológica. A prova foi muito concorrida, já que minha cidade é muito conhecida por sua educação de qualidade, apresentada pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Ainda no ano de 2014, fiz um curso de pós-graduação em “Teorias e práticas pedagógicas aplicadas à administração escolar”. Iniciei essa etapa para adquirir mais conhecimentos em outras áreas, pois, só assim pude compreender os desafios de uma escola diante das imensas dificuldades enfrentadas por ela.

Já efetivada como professora, percebia que precisava fazer algo a mais pela educação de meus alunos, visto que sabiam interpretar textos, mas tinham muita dificuldade na produção textual. Observava que os estudantes não dominavam nem a questão dos gêneros textuais e nem a da tipologia textual. Além disso, os discentes não apresentavam disposição para escrever, pois não tinham um incentivo, ou seja, um objetivo para expressar seus pontos de vista.

Sendo assim, iniciei mais duas pós-graduações, uma em “Língua Portuguesa e Filosofia” e outra em “Tutoria em educação à distância e educação especial”. Todavia, meu grande sonho, desde a minha primeira graduação, era cursar Mestrado em Letras. Dessa forma, em 2017, tentei o programa de Mestrado Profissional em Letras na FCL/Unesp de Assis. Apesar de ser aprovada, não fui chamada, por causa da minha colocação.

O ano de 2019 estava incerto por causa da pandemia, porém, fui fazer a prova do Mestrado em Letras, novamente, colocando-me em sétimo lugar. Assim, comecei a estudar mais, fazer vários cursos de extensão e participar de congressos, sempre com a intenção de me preparar para participar das aulas do Mestrado.

No momento em que fui questionada sobre o que abordaria minha dissertação, pensei no pré-projeto sobre o auxílio das parábolas na produção textual, pois escrevi um artigo em que discorria sobre as dificuldades dos alunos do início do Fundamental II em escrever suas redações. Nele, falava que ensinar narrativas curtas e figuradas chama a atenção do aluno e, conseqüentemente, ele aprende a escrever suas produções textuais de maneira mais rápida. Fiquei muito entusiasmada, pois professor Marco Antônio Domingues Sant’Anna, estudioso do assunto, veio a ser meu orientador.

Decidi trabalhar com parábolas, pois acredito que, ao utilizá-las nas aulas de produção textual, há uma contribuição significativa para a escritura de textos narrativos. Além de promover o enriquecimento emocional dos alunos, tornando-os cidadãos pensantes.

Ao discorrer sobre a produção textual, é averiguada uma grande dificuldade na construção de um texto proposto em sala de aula. Muitas vezes, o aluno não sabe por que precisa apreender aquele gênero e como ele pode auxiliá-lo em sua vida. Por isso, constrói um texto meramente por uma nota, como aprendido na situação escolar.

As parábolas trazem muitos ensinamentos, mas também auxiliam na aprendizagem e na construção de um texto narrativo, visto que prendem a atenção por serem histórias breves e fantasiosas. Em sua maioria, representam ações humanas do passado que acontecem atualmente.

Assim, este projeto pretende conduzir o docente na investigação dos problemas que os alunos apresentam na construção de seu texto, como a coesão, a coerência, as regras gramaticais, a paragrafação, entre outros que podem ocorrer no momento da escrita.

Com base nos problemas levantados, propomo-nos a realizar algumas atividades, visando a que cada aluno leia e interprete diversas parábolas. Deve-se ter em mente que o objetivo de aulas como essas é criar um ambiente lúdico, de modo que o estudante compreenda tanto a forma/gênero quanto o tema dessas produções literárias. Isso levará a que ele também possa criar suas próprias histórias de forma coerente e coesiva.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, através do conhecimento de vários estudiosos, tais como Sant'Anna (2010), Freire (2005), Geraldi (2015) e Dupont (1985). O tema aqui apresentado já foi matéria de reflexão, como no programa de Pós-graduação de Língua Portuguesa da PUC intitulado "O texto narrativo e a parábola: Leituras de desenvolvimento da compreensão, conhecimento linguístico e extração de sentido" de Adriana de Oliveira Souza. Assim, este trabalho busca a utilização desses estudiosos na construção de jovens que lutam para serem ouvidos pela sociedade.

Portanto, para entender de maneira eficaz o trabalho proposto, ele foi dividido em partes, as quais serão explanadas ao longo da dissertação. Dessa maneira, cada capítulo foi criado na intenção de passar informações claras e objetivas, deixando o professor leitor esclarecido sobre os assuntos.

O capítulo 2 abordará o gênero parábola. De início, ela é analisada como forma literária e depois são observadas as parábolas de Jesus e seus ensinamentos para a vida dos cidadãos. Em seguida, será explanada também a parábola na contemporaneidade e sua influência. Nesse capítulo, é mencionada a diferença e a semelhança entre as fábulas e as parábolas, contribuindo com o conhecimento e a curiosidade dos leitores que, muitas vezes, confundem esses dois gêneros.

Já no capítulo 3 são mencionados os problemas enfrentados pelos alunos na produção escrita. Na sequência, serão apresentadas as maiores dificuldades dos discentes na produção textual e a importância de escrever de forma clara e objetiva. Assim, o alvo desse capítulo é levantar os problemas para, posteriormente, apresentar caminhos para resolvê-los.

No capítulo 4, discorre-se sobre a construção de meios para diminuir os problemas levantados no capítulo anterior. Desse modo, será explanado o uso da tecnologia em sala de aula e seu benefício. Posteriormente, será abordada uma sequência didática que auxiliará o professor no processo de criar mecanismos para ajudar os alunos na escrita adequada.

Já no capítulo 5 serão apresentados os benefícios das parábolas em relação à produção textual; assim, o discente, quando utilizá-las ou outro gênero parecido, saberá quais melhorias podem ocorrer com as aulas de Produção Textual.

No capítulo 6, discorre-se sobre a avaliação, devolutiva e reescrita das produções textuais. O professor deve saber que essa é uma das partes mais importantes da construção textual, pois o aluno precisa ter uma devolutiva do que ele não compreendeu corretamente. Desse modo, ao fazer a reescrita, ele entende como seu texto poderia ser escrito mais adequadamente, contribuindo com seu conhecimento.

Nas considerações finais, será apresentado o que se espera da contribuição deste trabalho para a melhoria da produção textual no 6º ano do Ensino Fundamental II.

Por conseguinte, é esperado que este trabalho contribua com o entendimento do que é necessário para aprender e ensinar sobre textos, como abordado pelos autores Geraldi (2015), Brandão, (1989), Cagliari (2009), entre outros. Isso, além de conhecer mais sobre os gêneros em pauta, através de estudiosos como Tracy (1978), Fisher (1979), Dodd (1935), que, com seus trabalhos, puderam nortear esta dissertação na construção de caminhos para auxiliar educandos na escrita.

Em suma, este trabalho pode incentivar a busca de uma educação transformadora. Assim, de acordo com Nelson Mandela, “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Isso é o que se espera dessa dissertação.

2 OS ENSINAMENTOS DAS PARÁBOLAS

Este parágrafo explanará a respeito das parábolas e suas contribuições para todas as gerações. Esse gênero é muito confundido com as fábulas por serem narrativas curtas e por também transmitirem ensinamentos de forma figurada. Uma das principais diferenças entre elas é a utilização dos personagens, enquanto a fábula usa preferencialmente animais, a parábola fica com os seres humanos.

2.1 A parábola como forma literária

Quando estudamos o conceito de parábola como gênero literário na língua portuguesa, nos deparamos com uma grande lacuna porque seu material bibliográfico é conciso. Diversas obras de teoria literária abordam esse assunto, porém, não mostram, nem mesmo alistado o verbete em sua composição.

Além do mais, quando encontrado, o conceito de parábola é normalmente lacônico. Por causa disso, este trabalho visará a elencar várias definições encontradas sobre a parábola e, assim, analisará as suas características como um gênero literário e não somente como uma comparação ou legítima alegoria, como observado.

Assim, levamos em consideração a parábola como sendo um gênero literário, embora não faça parte da classificação das obras literárias em si. Para Sant'Anna, somente no Novo Testamento a parábola assume critérios literários bem definidos. Outro pesquisador que pensa o mesmo é Garrido:

Linguagem característica de Jesus são as parábolas. Para falar do Reino e sua missão, Jesus recorreu a diferentes gêneros: anúncios proféticos, bem aventurança sapienciais, comentários de texto, discursos, exortações, mas pode-se dizer que as parábolas são seu gênero literário favorito. Elas sintetizam o seu conhecimento da vida e revelam a personalidade de Jesus. Ouso dizer que, com as parábolas, Jesus não só foi um grande criador do gênero literário, mas encontrou o gênero literário adequado para expressar o Reino. A Palavra, o conteúdo e a missão formam a unidade original. É por isso que são atuais e têm a virtude de transmitir o conhecimento de Jesus. 7 (GARRIDO, 2006, p.134)

Em *O gênero da parábola*, Sant'Anna (2010) nomeia os conceitos extraídos das obras de teoria literária denominadas laicas para diferenciar daqueles aplicados a textos religiosos. Diversos autores discorreram sobre a parábola de maneira particular, como Wolfgang Kayser (1958) em *Análise e interpretação da obra literária*

“parábola, num sentido mais restrito, entende-se uma forma literária que, no todo, contém uma comparação. No fundo a fábula é uma forma especial de parábola” (p. 131).

Já Hênio Tavares (1978), em *Teoria literária*, defende a ideia de que, nas parábolas, há ensinamentos mais profundos e menos pragmáticos do que nas fábulas. Outra definição pertinente sobre parábola é a do *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés (1985), “do grego parabolê, alegoria. Narrativa curta, não raro identificada como apólogo e fábula, em razão da moral explícita ou implícita e de sua estrutura dramática”. Nota-se que vários autores sempre compararam a parábola à fábula.

Diversos estudiosos, como Moisés (1985) e Coutinho (1989) sempre citam as parábolas mais conhecidas, como a “Parábola do Filho Pródigo” e a “Parábola do Bom Samaritano”, dizem que elas têm em comum o aparecimento em textos bíblicos neotestamentários e são famosas por serem utilizadas pelas religiões.

A maioria dos autores mencionados anteriormente comentam sobre a narração na parábola, entretanto, alguns aspectos das particularidades não foram explorados por eles. Já para outros autores existe algo a declarar sobre esse gênero, como para Magne (1935), que explana a diferença entre conto e parábola, sendo apenas que a parábola tem uma extensão menor se comparada ao conto.

Enquanto Holanda e Rónai (1978), em “Mar de histórias”, comentam que a parábola influencia na evolução do gênero conto “influência decisiva em toda a evolução do conto” (p.61). Por causa das citações mencionadas, nota-se uma relação considerável entre conto e parábola.

Os conceitos de parábola e alegoria são discutidos por alguns autores, já que a parábola tem forte relação com a alegoria, Magne (1935) a considera “Narração alegórica” e Tavares (1978) a chama de “Narrativa de sentido alegórico”.

A parábola também é veiculada a princípios morais e religiosos, assim, a maioria delas são encontradas na Bíblia e utilizadas em cerimônias religiosas para transmitirem um ensinamento para a comunidade. Desse modo, ela contribui na construção da fé das pessoas.

Em relação à moral, a parábola é comparada ao apólogo e a fábula, já que ambos encerram ensinamentos morais. Entretanto, há uma diferença entre a gêneros citados, pois a parábola trata de seres humanos e a fábula e o apólogo falam mais de animais ou seres inanimados. Apesar de ambos os gêneros terem

como objetivo uma transformação humana, a parábola possui ensinamentos mais profundos que os demais.

Para Massaud Moisés (1985), a parábola detém uma estrutura dramática, o que pode sugerir uma estratégia para envolver o leitor na trama, mostrando um traço distinto, como conclui Sant'Anna

Esse aspecto, somado aos elementos já depreendidos tais como o estabelecimento de um identificável processo narrativo, caracterizado por uma extensão curta, de natureza alegórica que, de alguma forma, apresenta traços constitutivos da fábula e do apólogo, que tem um caráter didático, faz da parábola um gênero atraente que parece alcançar seus propósitos elementares (Sant'Anna, 2010, p. 145).

2.2 A parábola aplicada a textos religiosos: conceituações

A parábola, na teoria literária, é muito analisada no Novo Testamento. Assim, Fisher (1979) em "The parables of Jesus" ¹, comenta a respeito da definição de parábola por outro autor, Dodd (1935) "De uma maneira mais simples, a parábola é uma metáfora ou símile extraída da natureza ou da vida cotidiana."

Dessa maneira, Jesus Cristo, em suas parábolas, utilizava vários elementos de fácil percepção do dia a dia das pessoas, como sementes, pedras, filhos rebeldes e não assuntos totalmente religiosos, sendo apenas quatro parábolas que tratam esse aspecto, como explana Dodd (1935).

Alguns autores da teoria literária, em geral, já confirmam que a parábola é uma metáfora ou símile da vida, com processos de comparação, como algo conhecido versus algo desconhecido, Sant'Anna (2010) completa com seu conhecimento: "Quando dois elementos diferentes são confrontados, as convenções da linguagem são temporariamente colocadas de lado a fim de acionar a imaginação em direção a uma total compreensão da realidade" (p. 148).

A linguagem vívida também é citada pelo autor Dodd (1935), como uma característica dos textos parabólicos, deixando, com suas descrições, a história mais rica em detalhes e mais realista. O autor Sant'Anna (2010) confirma esta análise com suas palavras, na sequência

Podemos concordar com tal afirmação, já que se pode observar que, mediante um processo de economia de vocábulos, as parábolas de Jesus usam imagens fortes que se fixam nas mentes dos ouvintes/leitores (p. 148).

¹ As parábolas de Jesus

Um exemplo de linguagem vívida é quando a “Parábola do fariseu e do publicano”, em Lucas 18:9-14, descreve a postura do publicano deprimido e batendo no peito e a do fariseu reafirmando suas virtudes, deixando uma imagem muito viva da cena. Assim, contados com tanta credibilidade, podem ter sido baseados em acontecimentos reais.

O ouvinte como participante da parábola também é outro aspecto considerado por Dodd (1935), como quando Jesus pede respostas para suas indagações “Qual dos dois fez a vontade do pai?”, Mateus 21:28-32. Dessa forma, a parábola pede uma discussão, deixando claro o pedido de Jesus para uma reflexão das pessoas que o estão ouvindo.

Nota-se que as parábolas foram criadas não apenas para iluminar o intelecto do ser humano, mas também convocá-los para uma decisão, ou seja, Jesus convida as pessoas a posicionarem suas opiniões diante de fatos possíveis de ocorrer em suas vidas. Sant’Anna (2010) confirma essas afirmações com seus dizeres:

Portanto, na linha cristã, as parábolas foram dadas não apenas para iluminar o intelecto, mas para convocar as pessoas para uma decisão para viver no poder do reino de Deus, para responder ao convite do perdão de Deus (p. 150).

Camargo (1954), em *Ensino de Jesus através das parábolas*, afirma “É o símile em que se mostra certa analogia entre os fenômenos da natureza e da vida humana com os da vida espiritual”. Isso é, a parábola aponta uma semelhança específica e objetiva entre dois elementos.

Dessa maneira, Sant’Anna (2010) e Camargo (1954) empregam algumas variedades de termos que poderiam ser mais explicados, como no caso da símile, algo muito amplo e deveria ter sido melhor explicado para trazer objetividade e clareza à definição.

Em *A vida diária nos tempos de Jesus*, Rops (1983) apresenta também uma definição da parábola “Uma historieta com um apólogo que fornece uma lição moral ou espiritual de forma mais ou menos óbvia”. Percebe-se, até aqui, que a parábola é descrita de maneiras diferentes e semelhantes por vários estudiosos do assunto.

Keneth E. Bailey (1985), em “O Poeta e o Camponês”, explica que, mesmo sendo difícil de estabelecer um conceito abrangente de parábola, é necessário fazer uma definição dela “Elas revelam a natureza do reino de Deus e ou indicam como um filho do reino deve reagir” (p. 14).

Já Huberto Rodhen (1988), em *Sabedoria das parábolas*, demonstra crer que a parábola é um gênero pictórico que utiliza símbolos materiais para ilustrar verdades espirituais “toda parábola consta de dois elementos: símbolo material e o simbolizado espiritual” (p 16). E para David Tracy (1978), em “Metaphor and religion”, ²a religião cristã, com suas parábolas, representa um dos principais usos cristãos da metáfora.

Diante de várias análises, foi identificado que não há muita diferença entre definições da teoria literária e as aplicadas a textos religiosos. Contudo, percebe-se que os cristãos não distinguiram muito bem a diferença entre parábola e apólogo, principalmente quando se está atuando no campo das definições.

Não se deve esquecer, a respeito das parábolas de Cristo, que o destinatário não permanece neutro em relação ao que lhe fora exposto, pois, muitas vezes, era chamado a tomar decisões e responder perguntas, ou seja, esperava-se uma reação do ouvinte.

2.3 A parábola como narrativa curta

A parábola, em relação a outros gêneros narrativos, apresenta uma extensão curta, como já demonstrado por meio das diversas definições. Sendo assim, existe um consenso entre os autores, de que ela, em confronto a outros gêneros, tem a extensão mais curta.

William Kirkwood (1983), no artigo *Storytelling and self-confrontation: parables as communication strategies*³, também cita a brevidade da parábola:

Um exame das parábolas do Novo Testamento, uma pesquisa extensiva das narrativas hassídicas de Buber, da compilação das histórias sufis de Shah, e dos koans e das anedotas da coleção zen de Rep revela que nenhuma das histórias, em nenhuma destas fontes, excede a mil palavras em extensão, enquanto a média, nesta perspectiva, é de 150 a 200 palavras, sendo que muitas não apresentam mais do que 50 (p. 60).

Na visão de Kirkwood (1983), Amos W. Wilder (1971) e Martin Buber (1945), a brevidade da parábola, confere-lhe a facilidade de ser contada em diálogos interpessoais e em discursos públicos, estabelecendo uma estratégia de

² Metáfora e religião

³ Contação de histórias e autoconfrontação: parábolas como estratégias de comunicação.

comunicação tanto em situações conversacionais íntimas, quanto em contextos públicos.

Para Sant'Anna, a parábola funciona como metanarrativa, por isso, constitui um texto curto, como as parábolas do Novo Testamento. A parábola do juiz iníquo e da viúva inoportuna (Lucas 15:1-8), a seguir, descreve esse fato:

Contou-lhes ainda uma parábola para mostrar a necessidade de orar sempre, sem jamais esmorecer. Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração com os homens. Nessa mesma cidade, existia uma viúva que vinha a ele, dizendo: "Faz-me justiça contra o meu adversário!" Durante muito tempo ele se recusou. Depois pensou consigo mesmo: "Embora eu não tema a Deus nem respeite os homens, como essa viúva está me dando fastio vou fazer-lhe justiça, para que não venha por fim esbofetear-me." E o senhor acrescentou: "Escutai o que diz esse juiz iníquo. E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os faça esperar? Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve. Mas quando o filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?"

Percebe-se que a parábola está constituída dentro de uma outra história e, assim, é necessário que sua extensão não seja muito grande. Portanto, conclui-se que a parábola, por ser breve, é fácil de ser narrada em pregações públicas, sempre tentando influenciar seu público, sendo uma estratégia de comunicação, como demonstrado pelas falas de Cristo, em sua comunicação.

2.4 A parábola como narrativa amimética

O termo amimética é inspirado na obra *Texto/contexto* de Rosenfeld (1985), com base nas considerações que ele faz no capítulo "Reflexões sobre o romance moderno". Baseado em suas hipóteses fundamentais, como explicado por Sant'Anna (2010), pode-se dizer que a parábola é uma narrativa amimética, pois, em sua modalidade literária, representa, especificamente, o espaço, o tempo e as personagens de forma não mimética.

As parábolas neotestamentárias não apresentam suas personagens com um nome próprio definido, com exceção apenas de uma. Dessa maneira, classifica-se, como instância das personagens, de amimética, por não reproduzir, literariamente, esse aspecto da realidade empírica.

Podem-se notar essas características na "Parábola do Fariseu e do Publicano", narrada no evangelho de Lucas, capítulo 18, de 9 a 14 "Dois homens subiram ao templo para orar, um era fariseu e o outro publicano". Percebe-se que esses homens não têm nomes próprios, são classificados apenas por suas posições

sociais. Assim, esses personagens são estereotipados de acordo com sua veiculação a determinados grupos.

Portanto, como citado anteriormente, a parábola não oferece uma identidade nominal definida ao personagem, mas, sim, vincula-se a um estereótipo. Observe a “Parábola do fariseu e do publicano”, presente no Evangelho de Lucas:

E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao Templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado (Lc 18, 9.14).

De início, há uma antecipação do tema central, que será justiça; depois, percebe-se que as personagens são apresentadas de maneira genérica, deixando-as igualitárias, sem qualquer caracterização particular. Já na sequência da parábola é mostrado que se trata de duas pessoas pertencentes a grupos religiosos distintos e, como mencionado anteriormente, não são citados seus nomes próprios.

Existe uma exceção na “Parábola do Rico e do Pobre” em Lucas 16:10-31, quando é mencionado o nome Lázaro, referindo-se ao personagem principal. Alguns estudiosos do assunto, como Jacques Dupont (1980), não identificam esse texto como parábola, pois nele há nome próprio e descrição detalhada da personagem; muitos têm objeção em chamá-lo de parábola, já que não é amimética. A fim de compreender as informações, observe a parábola descrita:

Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá. E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para

que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite (Lc 16, 19.31).

Joacchim Jeremias (1983) e Russel N. Champlin (s.d), observam que a “Parábola do Rico e do Pobre” tem uma ligação com uma fábula egípcia que também tinha uma inversão de sorte no juízo final. Trata-se da história da viagem de Si- Osíris e do seu pai Seton Chaemwese ao reino dos mortos. A parábola discorre sobre a morte de um rico e de um pobre, em que suas vidas são julgadas após a morte. Dessa maneira, para Jeremias (1983) e Champlin esta parábola traz um ensinamento que “aquele que é bom na terra, passa bem no mundo dos mortos; e aquele que é mau, passa mal”.

Para Sant’Anna (2010) a “Parábola do rico e do pobre” deve ser considerada uma parábola, apesar de suas diferenças com as outras “Por tudo isso, do nosso ponto de vista, o texto de Lucas 16:19-31 configura uma narrativa parabólica, mesmo que as personagens recebam nomes próprios, contrariando os casos típicos do gênero, nesse aspecto”.

As parábolas em geral, não mostram os nomes das personagens porque querem demonstrar os vários tipos de seres humanos que existem, ou seja, seus estereótipos, como pobre e rico, publicano e fariseu, mau servo e bom servo, etc. Portanto, isso seria como um espelho para a reflexão das pessoas em suas próprias vidas.

O amimetista também é considerado no espaço narrativo do gênero parábola, ou seja, o de não reproduzir ou copiar a realidade empírica. Desse modo, não há uma localização específica ou reconhecimento de um local. Apenas duas parábolas, em Lucas 10:30-17 e Lucas 18:9-14, de 102 da lista oferecida por Jacques Dupont (1985) têm um espaço ligado à realidade extraliterária.

Sant’Anna (2010) criou um quadro que permite observar as parábolas e seus espaços, fazendo uma comparação das que tinham ou não indicações dos seus espaços, como por exemplo: “O bom e o mau administrador” (sem indicação de espaço) e “O tesouro e a pérola” (no campo). Os espaços dessas parábolas, muitas vezes, não são descritos ou são generalizados.

Assim, duas parábolas fogem a essa regra, tendo como indicadores de espaço, por exemplo, as cidades de Jerusalém e Jericó, na “Parábola do bom samaritano”. Elas podem ter sido citadas pelo fato de que a estrada era tão mal afamada que muitos passavam nela rapidamente, com medo de serem assaltados.

Acabam sendo o motivo para as pessoas não pararem para ajudar o moribundo retratado na parábola, como ressalta Daniel-Rops (1983), em *A vida diária nos tempos de Jesus*. Além de ser escolhida pelo autor para tornar a história mais dramática, já que era uma estrada considerada perigosa. Portanto, torna a parábola mimética em relação a espaço, utilizando do fenômeno de transfiguração do real.

Outra parábola que não possui amimética em relação ao espaço é a “Parábola do fariseu e do publicano”, em que templo era escrito com T maiúsculo para indicar que ele era grandioso, pois para os judeus ele tinha muita importância. O templo mencionado é o de Herodes, segundo Daniel-Rops no fragmento a seguir:

Ele [Herodes] dobrava a superfície plana do Monte Moriá, construindo grandes plataformas sustentadas por várias subestruturas e um exército de trabalhadores, cujos números variam de dez a 18 mil, ordenando o transporte de tonelada após tonelada de materiais e não vacilando diante das despesas(...) (1983, p.234 e 237)

Há também uma passagem que Jesus expulsa os cambistas desse templo em João 2:13-22 “Destruí este Templo e em três dias eu o levantarei”. No trecho, fica evidente o reconhecimento de Jesus à grandiosidade do templo citado.

Outro fato importante no texto é na utilização do verbo “subir”, indicando um indicador de espaço, pois, segundo Champlin, o templo se localizava no alto do Monte Moriá. Assim, não foi descrito sua grandeza, mas sim utilizou-se a letra “T” maiúscula para representá-lo. Sendo assim, o espaço anterior é indicado mimeticamente, diferente das demais parábolas, para intensificar um aspecto essencial para a compreensão da cena.

Diante das averiguações, a citação do espaço do templo de forma mimética na parábola do fariseu e do publicano fica a serviço da construção do ambiente, tornando evidente a arrogância do fariseu e a humildade do publicano, como ressalta Sant’anna (2014).

Portanto, nota-se que o amimetismo é utilizado para tornar as parábolas mais universais, com abertura aplicação a qualquer lugar e época, como de fato fazem.

O amimetismo, como já mencionado, é um termo inspirado nas reflexões de Rosenfeld (1996), que faz uma recusa a diversas expressões artísticas em copiar ou reproduzir a realidade empírica, como mencionado anteriormente. Tal classificação também se aplica em relação ao tempo, esse que não era marcado nas parábolas, ou seja, não existiam perspectivas cronológicas em suas composições.

Na obra *Estructura y función de los tiempos em el lenguaje*⁴ de Harald Weinrich, (1968), há questões pertinentes em relação à categoria tempo nas parábolas; assim, o autor dividiu os tempos verbais em dois tipos e formou grupos com características comuns. O grupo I tem o tempo presente como característica, já o grupo II é representado pelo pretérito (passado).

O mais relevante é que os tempos do grupo II estão relacionados às outras línguas com a situação comunicativa de narração e as do grupo I com situações de comentário, como em diálogos, ensaios filosóficos, etc.

Weinrich (1968) nomeia os tempos do grupo II em tempos do mundo narrado ou tempos da narração e do grupo I em tempos do mundo comentado. Ele diz que há características distintas entre os grupos, pois um indica uma atitude de relaxamento e outro uma atitude de comprometimento.

Dessa forma, para Weinrich (1968), a diferença entre os grupos também se dá por causa das pessoas do narrador e comentador. O primeiro é indicado como contador da história, cuja imagem, em todos os detalhes, indica uma figura de relaxamento, como expressão facial e tipos de movimento. Já no segundo, o mundo comentado é caracterizado por um comprometimento, sendo uma situação não narrativa.

Ao observar o corpus de 28 parábolas, Sant'Anna (2010) verifica uma partida de um total de 841 verbos com 455 flexionados em tempos do mundo narrado (pretérito perfeito e imperfeito). A “Parábola Semente que brota sozinha” dispõe de uma mistura dos dois tipos de grupos verbais, observe-a:

O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está

⁴ Estructura e função dos tempos da língua.

pronto, imediatamente se lhe *lança a foice, porque a colheita chegou*. (grifos da Bíblia de Jerusalém). (Marcos 4:26-9)

Nota-se que, no primeiro momento, em “um homem que lançou a semente na terra”, o verbo lançar pertence ao grupo temporal II, porém, com exceção do verbo chegar, os verbos que aparecem na sequência pertencem ao grupo temporal I (tempo presente).

É importante ressaltar que o pesquisador alemão prefere o narrador do estilo direto, em certos momentos, já que, para ele, o estilo direto exige uma presença mais imediata e uma participação mais íntima das pessoas dentro dos limites dos tempos da narração, atingindo assim, um efeito metafórico.

Ao analisar a “Parábola do devedor implacável” (Mateus 18:23-35), Sant’Anna (2010) explica que ela é aberta e concluída com verbos do mundo narrado, com verbos no pretérito perfeito do indicativo. Também há ocorrência de discurso direto, deixando a parábola com uma maior tensão e drama, como ocorrido abaixo:

“Por isso, o Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata: Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida. “O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: ‘Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo’. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir. “Mas quando aquele servo saiu, encontrou um de seus servos, que lhe devia cem denários. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: ‘Pague-me o que me deve!’ “Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: ‘Tenha paciência comigo, e eu lhe pagarei’. “Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. ³¹ Quando os outros servos, companheiros dele, viram o que havia acontecido, ficaram muito tristes e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido. “Então o senhor chamou o servo e disse: ‘Servo mau, cancelei toda a sua dívida porque você me implorou. ³³ Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?’ Irado, seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia. “Assim também lhes fará meu Pai celestial, se cada um de vocês não perdoar de coração a seu irmão” (MATEUS 18:23-35).

No interior da parábola apresentada, há fragmentos de discurso direto para não se apagar da consciência do público o signo da narrativa. Para Sant’Anna (2010), a inserção dos discursos diretos breves tem um porquê dentro de cada parábola. Observe:

Não há dúvidas de que essa inserção dos discursos diretos, breves, apresentados explicitamente por fórmulas introdutórias e, ainda, marcados no texto escrito por aspas, confere ao texto maior tensão e dramatismo,

solicitando a presença mais imediata e a participação mais íntima do público (p. 199).

Ainda sobre a “Parábola do devedor implacável” existem também os verbos que compõem a introdução e conclusão. No corpus em análise, as parábolas são introduzidas por 18 verbos e concluída no total de 52, em sua maioria no mundo comentado.

Sant’Anna (2010) discorre que a introdução e conclusão das narrativas parabólicas mostram marcas definidas entre o mundo comentado e o narrado. Conclui-se que a categoria dos tempos verbais do grupo II e das metáforas temporais constituem um índice alto de significado, caracterizando uma atitude de relaxamento entre narrador e público.

Já na perspectiva do aspecto das funções argumentativas da parábola, a inserção dos tempos do mundo comentado no interior da narrativa é muito significativo, como afirmado a seguir:

Parece estar nesse entrosamento de situações comunicativas diferenciadas, definidas pelo uso dos tempos verbais no discurso, e na alegoria que elas constroem um conjunto, um importante ponto particularizador da tessitura da parábola, relativamente a outros gêneros narrativos igualmente amiméticos quanto à mensuração do Tempo. (SANT’ANNA, 2010, p. 203).

Para finalizar, o amimetismo na parábola em relação ao tempo é manifesto pela neutralidade dos tempos-zero do discurso (por possuir as formas do presente e pretérito, que são neutras), deixando-a com uma validade onitemporal. Principalmente quando diz respeito à marcação da sucessividade histórico-cronológica do mundo narrado em seus fatos.

2.5 A parábola como narrativa alegórica

Neste tópico, Sant’Anna (2010) pretende estabelecer as relações que a alegoria mantém com a parábola. Para iniciar, o autor mostra a existência de dois tipos de alegoria, a exemplo de João Adolfo Hansen, *Alegoria* (1986). Os dois tipos são a que se refere a um procedimento construtivo “o que a Antiguidade clássica e cristã, continuada pela Idade Média, chamou de alegoria dos poetas: expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações” (1986, p.1) e

a que se convencionou denominar de alegoria dos teólogos, que constitui um método de interpretar textos sagrados.

Assim, os dois tipos são complementares e simetricamente inversos. Hansen (1986) conclui “como expressão, a alegoria dos poetas é uma maneira de falar; como interpretação, a alegoria dos teólogos é uma maneira de entender”. Iniciamos, assim, pela definição de alegoria explicitada pelo Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique:⁵

A alegoria é uma narrativa de caráter simbólico ou alusivo. Como uma narrativa, ela é um encadeamento de atos; ela coloca em cena personagens (seres humanos, animais, abstrações personificadas) cujos atributos e vestuário, cujos feitos e gestos têm valor de signos, e que se movem num lugar e num tempo que são eles mesmos símbolos. (1981, p.65)

A parábola como discurso alegórico coloca em cena personagens que apresentam certas particularidades, já comentado anteriormente. Cabe ressaltar que, nas parábolas, as personagens são essencialmente humanas, sendo uma das distinções entre a fábula.

De qualquer maneira, sendo a alegoria uma união de intersecções ou uma metáfora continuada, nos moldes de Quintiliano, ou sendo ela uma conjunção de símbolos, constituindo um símile, o fato é que, em um ou outro caso, ela difere da parábola pelo fato de esta última não requerer uma união de aplicações sucessivas ou uma união de correspondências entre os elementos simbolizantes e os elementos simbolizados (SANT’ANNA, 2010, p. 207).

O estudioso citado acima ainda afirma que a parábola prevê a narrativa em sua totalidade, e não apenas com seus elementos constitutivos, como as personagens, o tempo, o espaço, o seu vestuário, etc. Logo, o autor conclui que a parábola constitui uma alegoria por se colocar como uma narrativa de caráter simbólico ou alusivo, tornando o texto narrativo por inteiro.

Hansen, recorrendo a Lausberg, apresenta uma tipologia de alegoria; assim, para ele, as subdivisões retóricas da alegoria podem ser admitidas em: *tota allegoria*, *permixta apertis allegoria* e *malla affectatio*. A *tota allegoria* seria chamada de enigma ou perfeita, sendo fechada sobre si mesma, não contendo marca lexical.

Desse modo, nas palavras de Hansen “conforme a classificação retórica tradicional, chama-se também enigma, constituindo o efeito de recepção chamado obscuritas (obscuridade, hermetismo) e, por isso, também defeito, dono do ponto de vista da prescrição implícita da clareza” (1986, p.24).

5 Dicionário de Poética e Retórica

Já a *malla affectatio* ou *inconsequentia rerum* ou *incoerência* é a alegoria em que se detecta uma mescla de metáforas pertencentes a campos semânticos diferentes, que não se ordenam em um único bloco. Sendo assim, Hansen (1986) tira um exemplo de Lausberg (1970) quando ele discorre sobre as incongruências de Camões (Lus. IV,87,8), ao atribuir aos olhos qualidade equina e, assim, impossível se usada no sentido clássico.

No meio dos dois tipos de alegoria, há a *permixta apertis allegoria* ou *alegoria imperfeita*, e é a mais significativa para o assunto porque é nela que se encaixa a parábola. Nesse tipo de alegoria, é perceptível uma mistura do sentido próprio com o figurado, o que confere clareza ao texto, dando-lhe um caráter didático.

Para Hansen (1986), quando a alegoria é denominada imperfeita não é por causa de mau funcionamento, mas sim por seu grau de abertura de significação ao ser comparada com as outras. Ele também esclarece que, devido aos seus atributos, a *permixta apertis allegoria* foi recomendada pela retórica antiga.

O autor explicita que, por esse tipo de alegoria ter um grau de compreensão instaurada, é, muitas vezes, chamada de parábola. Como mencionado anteriormente, por constituir uma narrativa curta, a parábola passa pelo critério da retórica antiga da brevidade. Quando se fala sobre a clareza da parábola é necessário ressaltar que ela apresenta certa facilidade de compreensão, especialmente no Novo Testamento.

Outro aspecto é mencionado por Sant'Anna (2010) a respeito da "Parábola do Semeador", em Marcos 4:13-20. O estudioso observa que, na parábola, há um primeiro caso de comparação em "Hoje semeio minha lei em vosso coração, ela dará fruto em vós", comparando a palavra divina com a semente. Sant'Anna (2010) explana dizeres da denominada teoria do endurecimento de Jeremias (1983), portanto conclui:

Mesmo que toda a argumentação apresentada por Jeremias tenha fundamento reconhecidamente sólido, a transferência do caráter enigmático das parábolas de Jesus para o contexto geral de sua pregação do reino de Deus, especialmente baseada na questão de parabolé (parabolê) por enigma, no texto de Marcos 4, a nosso ver, não resolve o problema da clareza das parábolas (p. 213).

Desse modo, Jeremias (1983) conclui que a parábola é compreensível para aqueles que creem, para os que não creem ela constitui um enigma. Assim, explicita

Sant'Anna (2010) que as parábolas neotestamentárias, enquanto representantes da *permixta alegoria*, mostram uma clareza comparada a *tota allegoria*.

A parábola se torna mais acessível aos destinatários por causa da sua própria estrutura. Como já citado, há ao redor do corpo da parábola um grupo de verbos responsáveis em marcar a sua introdução e conclusão. E são eles que têm a responsabilidade em marcar a metanarrativa do início ao fim da parábola. Sant'Anna (2010) cita as introduções que são realizadas por meio da fórmula

O reino dos céus é semelhante a (...), encontradas especificamente nos textos de Mateus 13:24 (O joio no meio trigo), 33 (O fermento) 44-45 (Do tesouro e da pérola), 47 (A rede), 18:23 (O devedor implacável), 20:1 (Os operários da vinha), 22:1 (O banquete de núpcias), 25:1(As dez virgens, com a ínfima diferença de que o verbo ser encontra-se flexionado no futuro do presente será, em vez de no presente é, como nos demais casos), Marcos 4:26 (A semente que brota sozinha, em que, em vez da fórmula costumeira, encontra-se “ O reino de Deus é como (...)”). Como se observa, nessas ocorrências, o sentido próprio é indicado de maneira explícita (p. 214).

Já na parte das conclusões, pode-se citar alguns textos como: Mateus 22:14 (O banquete de núpcias): “Com efeito muitos são chamados, mas poucos escolhidos” e Mateus 25:13 (As dez virgens): “Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora”.

Outro dado que oferece clareza às parábolas é que, como textos alegóricos que são, encontram-se permeadas por outros códigos. Maria Zenilda Grawunder (1996) comenta que os códigos trazem muita clareza ao texto de aspecto cultural oriental, a escritura do Novo Testamento e suas parábolas, deixando-as muito familiares aos seus ouvintes originais.

Para Kenneth E. Bailey (1985), em “O Poeta e o Camponês”, na introdução, o próprio autor expressa as convicções que tem sobre o aspecto histórico, que deve ser examinado à luz da evidência adicional do ambiente cultural das parábolas. Para Sant'Anna (2014), “Uma das ferramentas que Bailey privilegia em suas análises, e que constitui uma inovação, é o estudo das formas literárias das parábolas, em uma abordagem estética”.

Jacques Dupont (1985), em “Por que parábolas”, destaca que o material embutido das parábolas era retirado do cotidiano dos ouvintes originais e, por isso, não trazia dificuldade de entendimento. Traziam uma familiaridade com personagens como camponês, semeador, operário, filhos, viúvas, pobre, fariseu, etc. Dessa forma, essas personagens estavam presentes na vida dos palestinos na época.

Outros dados constituintes das parábolas são os relativos à numismática, como a dracma e o talento. Eles sugerem influências da cultura greco-romana, como também os tipos de plantas cultivadas, os aspectos sociológicos e os contextos histórico-político social.

Entretanto, o que mostra relevância em relação à parábola e à alegoria não é o vasto material da cultura judaica, mas, sim, a cumplicidade entre narrador e ouvintes. Essa detecção embutida na narrativa parabólica, sendo familiar tanto ao autor quanto aos ouvintes originais, é a constatação de um esquema composicional entre introdução e conclusão que garante equilíbrio. Tudo isso permite configurar como uma alegoria *permixta* alegoria.

Outro aspecto pertinente em relação à parábola e à alegoria é o procedimento literário em si. Trata-se de uma questão desenvolvida por Grawunder (1996), ao mostrar que outros códigos presentes no interior das narrativas “aumentam as possibilidades semânticas e interpretativas e, sob o princípio da superposição e contiguidade, por exemplo, podem gerar duplicidade e ambiguidade no esquema da ficção” (p.169).

Para Umberto Eco (1976), “o discurso primeiro da arte, ela faz através do modo de formar; a primeira afirmação que a arte faz do mundo e do homem, aquela que pode fazer por direito e a única de significado real, ela o faz dispondo de uma maneira determinada” (p. 256).

A parábola como forma de discurso alegórico/analógico revela um modo e uma forma de ver, revelando, também, o procedimento em si. Como destaca Grawunder

Ao representar uma abstração alegoricamente, o artista, voltado para o mundo das relações Eu/Outro, reúne elementos do seu mundo conceptual e sentimental, real experienciado, além e também do simbólico, bem como do mundo histórico que ele observa, permitindo que as diferentes significações, em contato, objetivem novo significado, síntese de um mundo plurivocal. O significado então se apresenta como forma de representação arbitrária, ligado ao artista, mas aberto e mediador, enquanto modo de visão e objeto de interpretação de relações humanas com seus significados, no espaço de intersubjetividade. (1996, p.145)

Desse modo, para Sant’Anna (2010), a parábola, enquanto discurso alegórico, é marcada por códigos organizados em princípios que regem o processo narrativo e que se relacionam a contextos e mundos, conectando dois textos no interior do mesmo discurso.

O autor conclui que a parábola constitui uma forma narrativa, uma história, um conjunto de ações e uma descrição de ações. Em sua estrutura, é considerada curta e breve, o que funciona como estratégia de comunicação. A parábola é considerada amimética, pois não atribui aos personagens uma identidade nominal, mas vincula-se a estereotipados grupos.

Outro sentido amimético da parábola é o espaço, não indicada a relação com locais definidos, salvo algumas exceções. O tratamento do tempo, na parábola, indica a amimética também, pois os índices de marcação temporal, não mantêm relação com os cronos, principalmente nas situações comunicativas.

Já no tocante à alegoria, a parábola constitui uma *permixta allegoria* ou *alegoria imperfeita*, com marcas de brevidade, clareza e verossimilhança. Também há que se pontuar que, enquanto alegoria, incorpora uma visão plural de mundo em que a marca do “Eu” e do “Outro” estão presentes. Todas essas características dão à parábola especificidade como gênero da literatura, no contexto do Novo Testamento.

Finalmente, de acordo com Sant’Anna (2010) “O fato de a parábola constituir uma narrativa curta, amimética e alegoria, está intimamente ligado ao desempenho de seus papéis a serviço do ensino, do confronto interpessoal”.

2.6 As parábolas de Jesus e seus ensinamentos para a sociedade

O gênero parábola é utilizado para explicar algo complexo da vida humana; assim, conta uma história fictícia, de forma figurada, contudo, traz um ensinamento profundo, usando conceitos do dia a dia. Com sua relação entre o figurado e o literal, mostra uma lição de vida para as pessoas. Sendo assim, faz com que muitos reflitam sobre suas maneiras de viver e, assim, mudem suas atitudes perante o próximo.

Ao discorrer sobre as parábolas, não podemos esquecer de Jesus Cristo, que as utilizou para ensinar a Palavra de Deus, ou seja, transmitiu um ideal de vida cristã para as pessoas. Com suas histórias, conseguiu, de forma didática e simples, disseminar todos os ensinamentos que chegam a milhões de vidas até hoje, depois de vários séculos.

Jesus utilizava as parábolas para ajudar as pessoas a entenderem seus ensinamentos de forma mais compreensível; dessa maneira, fazia comparações

figuradas para propagar sua verdade. Ao fazer essas comparações, Jesus chegava ao seu objetivo mais rápido, pois as pessoas entendiam melhor suas lições.

O contexto social também deve ser considerado quanto às parábolas, pois, ao contar determinada história, Jesus queria ensinar algo ocorrido naquele momento. Embora, por serem atemporais, façam sentido atualmente também, os autores Gaby e Gaby (2018) discorrem sobre o contexto social das parábolas:

Uma das questões mais importantes ao ler uma parábola é procurar entender os elementos culturais operados em cada uma delas, pois são histórias contadas a partir de outra cultura e tempo. Torna-se impossível entender as parábolas sem vinculá-las ao seu contexto social, pois elas se referem a experiências de pessoas que viveram na época de Jesus. Para tanto, torna-se necessário identificar a conexão com as estruturas daquela sociedade. Quase um terço dos ensinamentos de Jesus foram realizados através de parábolas. Ele contou parábolas sobre a natureza: O trigo e o joio (Mt 13.24-30), trabalho e salário: O senhor e o servo (Lc 17.7-10), e até sobre casamentos e festas; as dez virgens (Mt 25.1-13) (p. 13).

O objetivo de Jesus era de, naquele momento, diante de milhares de pessoas, transformar em ensinamento um fato vivido; dessa maneira, unia as pessoas para ouvirem suas palavras e as propagarem pela comunidade.

No Novo Testamento da Bíblia Sagrada (1969), estudiosos confirmam uma média de 40 parábolas nos livros de “Marcos, Lucas e Matheus”. Os títulos estarão abaixo para demonstrar que existem diversas parábolas, não apenas as mais difundidas.

- O administrador desonesto (Lc 16.1-9);
- O amigo importuno (Lc 11.5-8);
- As bodas (Mt 22.1-14);
- O bom samaritano (Lc 10.29-37);
- A casa vazia (Mt 12.43-45);
- Coisas novas e velhas (Mt 13.51-52);
- O construtor de uma torre (Lc 14.28-30);
- O credor incompassivo (Mt 18.23-35);
- O dever dos servos (Lc 17.7-10);
- As dez virgens (Mt 25.1-13);
- Os dois alicerces (Mt 7.24-27);
- Os dois devedores (Lc 7.40-43);
- Os dois filhos (Mt 21.28-32);

- A dracma perdida (Lc 15.8-10);
- O fariseu e o publicano (Lc 18.9-14);
- O fermento (Mt 13.33);
- A figueira (Mt 24.32-33);
- A figueira estéril (Lc 13.6-9);
- O filho pródigo (Lc 15.11-32);
- A grande ceia (Lc 14.15-24);
- Jejum e casamento (Lc 5.33-35);
- O joio (Mt 13.24-30,);
- O juiz iníquo (Lc 18.1-8);
- Os lavradores maus (Mt 21.33-46);
- Os meninos na praça (Mt 11.16-19);
- A ovelha perdida (Lc 15.3-7);
- O pai vigilante (Mt 24.42-44);
- A pedra rejeitada (Mt 21.42-44);
- A pérola de grande valor (Mt 13.45-46);
- Os primeiros lugares (Lc 14.7-11);
- A rede (Mt 13.47-50);
- O rei que vai para a guerra (Lc 14.31-32);
- O remendo com pano novo (Lc 5.36);
- O rico e Lázaro (Lc 16.19-31);
- O rico sem juízo (Lc 12.16-21);
- O semeador (Mt 13.3-9,18-23);
- A semente (Mc 4.26-29);
- A semente de mostarda (Mt 13.31-32);
- O servo fiel (Mt 24.45-51);
- Os servos vigilantes (Mc 13.33-37);
- Os talentos (Mt 25.14-30);
- O tesouro escondido (Mt 13.44);
- Os trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16);
- O vinho e os odres (Lc 5.37).

Portanto, até hoje as parábolas de Cristo são utilizadas como forma de ensinamento das celebrações das religiões cristãs. Como Jesus, o líder religioso observa um problema na comunidade e comenta uma parábola para fazer as

peessoas repensarem suas atitudes diante de algum fato. Desse modo, as parábolas são atemporais porque serviam como fonte de ensinamento no passado, como também servem atualmente.

2.7 A parábola no Antigo Testamento

No Antigo Testamento já existiam as parábolas, visto que os hebreus gostavam de contar várias histórias e, com elas, traziam seus ensinamentos para a época. Hoje em dia, os rabinos em suas sinagogas contam essas parábolas para dar suas lições de vida e auxiliar a comunidade judaica, presente em Israel e em diversos países do mundo.

Acompanhe a lista criada por Cassonato (2015) das parábolas existente no Antigo Testamento. Assim como as parábolas de Jesus Cristo, elas serviam para a reflexão de um povo e são utilizadas pela religião Judaica como fonte de história e aprendizagem até os dias atuais.

Lista de algumas parábolas do Antigo Testamento:

- O autor foi Balaão, no monte Fisga: Os moabitas e os israelitas. (Nm 23,24).
- O autor foi Jotão, no monte Garizim: As árvores que escolheram um rei. (Jz 9,7-15).
- O autor foi profeta Natã, em Jerusalém: A ovelha e o pobre. (II Sm 12,1-5).
- A autora foi uma mulher de Tecoa, em Jerusalém: O conflito entre irmãos. (II Sm 14,9).
- O autor foi um jovem profeta, da Samaria: O prisioneiro que escapou. (I Rs 20,25-49).
- O autor foi o rei Joás, em Jerusalém: O espinheiro e o cedro. (II Rs 14,9).
- O autor foi Isaías, em Jerusalém: A videira que deu uvas bravas. (Is 5,1-7).
- O autor foi Ezequiel, em Babilônia: As águias e a vinha (Ez 17,3-10).
- O autor foi Ezequiel, em Babilônia: Os filhotes de leão (Ez 19,2-9).
- O autor foi Ezequiel, em Babilônia: O caldeirão fervente (Ez 24,3-5).

A parábola “A ovelha e o pobre”, (Samuel II 12,1-5), do Antigo Testamento, mostra que não se deve julgar as atitudes das pessoas porque, muitas vezes, fazemos o mesmo e, desse modo, não reparamos nos próprios erros cometidos. Outra lição demonstrada na história é a da ingratidão, como quando Davi utilizou

essa atitude com Deus, que lhe dera nações e o salvara da mão do inimigo. Porém, Davi matou pessoas e roubou suas mulheres. Assim, Deus ficou descontente com suas atitudes e ordenou que o profeta Natã lhe transmitisse a mensagem da parábola a seguir:

E o Senhor enviou a Davi o profeta Natã. Ao chegar, ele disse a Davi: "Dois homens viviam numa cidade, um era rico e o outro pobre. O rico possuía muitas ovelhas e bois, mas o pobre nada tinha, senão uma cordeirinha que havia comprado. Ele a criou, e ela cresceu com ele e com seus filhos. Ela comia junto dele, bebia do seu copo e até dormia em seus braços. Era como uma filha para ele. "Certo dia, um viajante chegou à casa do rico, e este não quis pegar uma de suas próprias ovelhas ou dos seus bois para preparar-lhe uma refeição. Em vez disso, preparou para o visitante a cordeira que pertencia ao pobre". Então, Davi encheu-se de ira contra o homem e disse a Natã: "Juro pelo nome do Senhor que o homem que fez isso merece a morte! Deverá pagar quatro vezes o preço da cordeira, porquanto agiu sem misericórdia". Então Natã disse a Davi: "Você é esse homem! Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Eu o ungi rei de Israel, e livre-o das mãos de Saul. Dei-lhe a casa e as mulheres do seu senhor. Dei-lhe a nação de Israel e Judá. E, se tudo isso não fosse suficiente, eu lhe teria dado mais ainda. Por que você desprezou a palavra do Senhor, fazendo o que ele reprova? Você matou Urias, o hitita, com a espada dos amonitas e ficou com a mulher dele. Por isso, a espada nunca se afastará de sua família, pois você me desprezou e tomou a mulher de Urias, o hitita, para ser sua mulher' [...]" (Sam. 12, 01.05).

Nota-se, na parábola, que a pessoa má sofreu a consequência de sua atitude negativa. Por isso, essa parábola, certamente, poderia ser utilizada como reflexão de que toda ação terá uma consequência no futuro. Ela pode ser trabalhada até mesmo com alunos, abordando-se de sua estrutura até seu ensinamento.

Dessa maneira, as parábolas de Jesus foram inspiradas nas histórias dos profetas do Antigo Testamento porque fazia parte das pregações dos judeus naquela época. Gonçalves (2010), em seu artigo *"A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem"*, descreve esse assunto:

[...]no contexto do Antigo Testamento, a parábola, com muita frequência, vinculava-se ao ofício profético. Eram, desta forma, os profetas quem usavam mais frequentemente deste expediente para trazer suas mensagens a um homem específico ou ao povo de Israel de modo mais geral. Com isto, mostravam que a parábola era um meio pelo qual Deus procurava transmitir um ensinamento, uma orientação, ou mesmo uma advertência para o seu povo. Deste modo, vemos que Jesus não poderia deixar de se utilizar do expediente das parábolas na pregação do Evangelho, ligando-se, assim, a uma tradição discursiva do uso de narrativas alegóricas breves com um fundo pedagogizante. Portanto, sendo o exercício profético um de seus ofícios, Cristo teria desta forma de, a exemplo dos profetas que lhe antecederam, também fazer uso deste método de pregação que era um método bem conhecido do povo israelita (p. 159).

Com afirmado anteriormente, Jesus utilizava as parábolas para oferecer um ensinamento, orientação ou advertência às pessoas. Esses recursos já eram utilizados por profetas no Antigo Testamento. Dessa forma, ao comunicar com as parábolas, Jesus queria transmiti-las ao maior número de pessoas, como faziam seus antepassados.

2.8 A parábola contemporânea

Entre os povos que não utilizavam a escrita, antigamente, era comum encontrar a figura do mais velho, como o sábio possuidor da capacidade de transmitir um ensinamento por meio de histórias simples e fáceis de serem compreendidas. Muitas destas histórias servem, nas mais diversas culturas/tempos, para educar crianças e inspirar a sociedade como um todo.

Atualmente, histórias que buscam a reflexão do indivíduo são muito utilizadas em pregações religiosas, como as parábolas bíblicas. Existem algumas mais atuais que desempenham a mesma função de outrora e que podem ser utilizadas na escola por sua importância, para a compreensão da produção textual.

Desse modo, serão analisadas algumas parábolas contemporâneas para o entendimento da diferença e semelhança entre as parábolas antigas e as atuais. Observe a parábola retirada do livro *Para que minha família se transforme*, de Maria Salete A. Silva, Wilma Ruggeri e Jota Lima:

Retratar a paz

Um rei queria adquirir para o seu palácio um quadro que representasse a paz. Para isso, convocou artistas de diversas partes do mundo e lançou um concurso por meio do qual seria escolhido o tal quadro e premiado o seu autor. Logo começaram a chegar ao palácio quadros de todo tipo. Uns retratavam a paz através de lindas paisagens com jardins, praias e florestas; outros a representavam através de arco-íris, alvoradas e crepúsculos. O rei analisou todos os quadros e parou diante de um que retratava uma forte tempestade com nuvens pesadas, redemoinhos de ventos e uma árvore arqueada abrigando, dentro de seu tronco, um pássaro que dormia tranquilamente. Diante de todos os participantes do concurso, o rei declarou aquele quadro da tempestade o vencedor do concurso. Todos ficaram surpresos, e alguém protestou dizendo: - Mas... Majestade! Esse quadro parece ser o único que não retrata a paz! Nesse momento o rei respondeu com toda a convicção: - O pássaro dorme tranquilamente dentro do tronco apesar da tempestade lá fora. Esta é a maior paz que se pode ter: a paz interior. (2003, p.75)

Analisando sua estrutura:

Ao observar a parábola acima, percebe-se que ela faz parte da tipologia narrativa, pois há elementos característicos, como narrador, personagens, tempo, espaço e enredo. Como mencionado por Sant'Anna (2014), estatisticamente, no corpus de 101 parábolas modernas, apenas 2% são teatrais. Assim, nota-se uma semelhança muito significativa com as parábolas neotestamentárias, que eram totalmente narrativas.

Em relação à extensão, observa-se que a parábola “Retratar a paz” é curta, como tradicionalmente as antigas são. Assim, constituídas de apenas 2% ficam as de extensão maior, como as teatrais. Para Sant'Anna “na modernidade, com uma variação nesse aspecto das funções, a manutenção da extensão média das parábolas de duzentas palavras pode ser tomada, então, apenas como um possível reflexo da tradição do gênero”. Desse modo, as parábolas curtas têm a função mais confrontativas e didáticas, diferentemente das médias.

Entendendo a história:

Quando observada a parábola, fica nítido que cada pessoa tem uma visão do significado da paz, uns com mais criatividade outros com menos. Todavia, o autor enfatiza que a verdadeira paz é aquela interior, como a do pássaro que, mesmo no meio da tormenta, dorme tranquilamente. Assim, essa história diz muito sobre o significado de paz que é o de estar bem consigo, mesmo vivendo em um momento de dificuldade.

Outra parábola contemporânea que traz uma história reflexiva, podendo ser trabalhada em sala de aula é a parábola “Encontrando a maneira correta de agir” localizada no livro *As mais belas parábolas de todos os tempos*, de Alexandre Rangel. Contemple-a na sequência:

Um velho resolveu vender seu burro na feira da cidade. Como ia retornar andando, chamou o neto para acompanhá-lo. Montaram os dois no animal e seguiram viagem. Passando por umas barracas de escoteiros, escutaram os comentários críticos: “Como é que pode duas pessoas em cima deste pobre animal!” Resolveram, então, que o menino desceria e o velho permaneceria montado. Prosseguiram... Mais à frente tinha uma lagoa e algumas velhas estavam lavando roupa. Quando viram a cena, puseram-se a reclamar: “Que absurdo! Explorando a pobre criança. Poderia bem deixá-la em cima do animal.” Constrangidos com o ocorrido, trocaram as posições, ou seja, o menino montou e o velho desceu. Tinham caminhado alguns metros, quando algumas jovens sentadas na calçada externaram seu espanto com o que presenciaram: “Que menino preguiçoso! Enquanto este velho senhor caminha, ele fica todo prazeroso em cima do animal. Tenha vergonha!” Diante disso, o menino desceu e, desta vez, o velho não subiu.

Ambos resolveram caminhar, puxando o burro. Já acreditavam ter encontrado a fórmula mais correta quando passaram em frente a um bar. Alguns homens que ali estavam começaram a dar gargalhadas, fazendo chacota da cena: “São mesmo uns idiotas! Ficam andando a pé enquanto puxam um animal tão jovem e forte!” O avô e o neto olharam um para o outro, como que tentando encontrar a maneira correta de agir. Então, ambos pegaram o burro e o carregaram nas costas. (2006, p.56)

Analisando a estrutura:

A parábola anterior não constitui uma metanarrativa como as parábolas antigas, pois não está inserida em um discurso mais amplo. Ou seja, um discurso com um tom mais pedagógico ou confrontativo.

As parábolas neotestamentárias são vinculadas entre as histórias bíblicas que têm uma ligação umas com as outras. Assim, estão inseridas em um aprendizado de princípio universal para um preceito generalizante. Portanto, há uma diferença importante entre as parábolas antigas e modernas, sendo as modernas mais autônomas.

Outra distinção significativa entre os tipos de parábolas é o caráter enigmático que as modernas possuem, diferentemente das tradicionais que abordam um valor de verdade geral. Assim, para entender as parábolas contemporâneas é preciso um trabalho hermenêutico fastidioso. Talvez, muitas nem tenham sido escritas para serem compreendidas, como destaca Sant’Anna (2014). Dessa forma, a parábola apresentada não possui um tom didático e confrontativo como as parábolas de Jesus.

Analisando a história:

A parábola fala a respeito de que não adianta viver conforme a vontade dos outros, porque sempre haverá alguém julgando suas atitudes, como ocorrido na narrativa em que os personagens ficavam trocando de posições para agradar as pessoas. Deixando claro que, muitas vezes, o problema não está nas ações de alguém, mas sim o olhar do outro.

Essa história pode ser explorada na escola, comentando sobre o amor próprio e seus benefícios para a vida dos cidadãos. Já a próxima parábola, intitulada “*O otimista e o pessimista*”, encontrada também no livro *As mais belas parábolas de todos os tempos*, discorre a respeito da maneira das pessoas enxergarem o mundo. Observe:

Era uma vez uma indústria de calçados, aqui no Brasil, que desenvolveu um projeto de exportação de sapatos para a Índia e enviou dois de seus consultores a pontos diferentes do País para fazer as primeiras observações do potencial daquele futuro mercado. Após alguns dias de pesquisas, um dos consultores enviou o seguinte fax à direção da indústria: “Senhores, cancelem o projeto de exportação de sapatos para a Índia. Aqui ninguém usa sapatos.” Sem saber desse fax, alguns dias depois o segundo consultor mandou o seu: “Senhores, tripliquem o projeto da exportação de sapatos para a Índia. Aqui ninguém usa sapatos, ainda. (2006, p 149)

Analizando a estrutura:

As parábolas modernas possibilitam múltiplas interpretações, como averiguamos no exemplo acima. Desse modo, cabe a cada pessoa ter a sua interpretação da intenção do autor, em cada história. Certamente, quem ler a parábola analisada, entenderá de modo distinto o modo de enxergar as dificuldades de cada personagem. E, assim, refletirá sobre sua própria vida e suas atitudes perante as adversidades.

O prazer estético é outra diferença que existe entre as parábolas modernas e as tradicionais, pois as bíblicas não foram escritas para provocar um prazer estético, mas, sim, reflexões, ainda que admitam uma abordagem literária. Dessa maneira, a intencionalidade das parábolas modernas é mais despreocupada das tradicionais neotestamentárias.

Analizando a história:

Como o título já antecipa, o texto discorre sobre o otimismo e o pessimismo, ou seja, cada consultor teve uma visão de mundo diferente, o que surtiu um efeito positivo para o otimista, pois não desistiu no momento de dificuldade. Sendo assim, ele enxergou no problema a chance de melhorar suas vendas, ao contrário do outro consultor. O texto remete à crença que a pessoa otimista sempre pode fazer as tribulações serem aliviadas ou até mesmo sanados.

Agora, observe uma parábola que, ao contrário das demais, não é curta e sim bastante extensa “Rodrigo, o rei que queria conhecer o seu reino” do livro *Parábolas em português*, de Inácio Rebelo de Andrade:

Era uma vez um rei dotado de figura e de espírito, que andava sempre triste e parecia descontente com sua sorte.

De nome Rodrigo e cognome “O formoso”, o rei vivia num palácio enorme.

Com mais de cem divisões, paredes cobertas de quadros a óleo, lustres de cristal descendo dos tetos, mobiliários em pau-santo, tapetes persas sobre os pavimentos, baixelas de ouro e de prata, animais de raça nas cocheiras, nos canis e nos aviários, jardins floridos a toda volta – o palácio era tão faustoso e tão belo que nem parecia verdadeiro.

Rodrigo não era feliz aí. Alguns diziam que fora a morte prematura do pai que lhe roubara a alegria, outros achavam que fora a obrigação de governar tão jovem que lhe assombrara o rosto.

Não importava quem tinha razão: o certo é que Rodrigo não era feliz. Horas a despachar papéis com os ministros, a receber credenciais dos embaixadores, a dar audiências, a ocupar o lugar de honra em festas e recepções, e ele sempre triste, sem esboçar um sorriso.

Rodrigo ia completar vinte e um anos. Alto, olhos azuis, cabelo louro, nariz delicado, boca perfeita, não era só por ser rei, mas por ser belo, que despertava paixões nas meninas fidalgas que estavam para casar.

A nobreza interrogava-se: qual dessas meninas iria até ao altar vestida de noiva, para pôr aliança no dedo, responder “sim” à pergunta do bispo, receber na face o beijo da praxe e tornar-se finalmente, primeira esposa, depois rainha? Qual delas (e eram tantas, tantas, tantas) iria dar descendentes ao trono?

Rodrigo, ele próprio, se interrogava: com qual de tantas meninas compartilharia a sua vida? Com qual poderia libertar-se do fastio e do tédio habituais, razões da sua tristeza, tão presente e tão grande que não dava para esconder?

A nobreza interrogava-se, Rodrigo interrogava-se, a hora de casar vinha aí e ninguém conseguia responder a tais perguntas.

Rodrigo não saía nunca do palácio enorme. Sabia que era rei, que tinha território e súditos para governar --- mas a verdade é que não percorria o primeiro nem contava os segundos. Um e outros existiam efetivamente, mas lá longe, para além do paço, onde quem assinava as proclamações, os éditos, os mandados, não punha o pé.

Pelas muitas horas que passava a despachar papéis com os ministros, Rodrigo informava-se do que acontecia no seu território e com os súditos; através dos embaixadores, informava-se do que acontecia nos territórios e com os súditos dos países estrangeiros. Ficava assim a par de tudo, mas também cada vez mais

convencido de que esse conhecimento (embora rigoroso e cheio de pormenores, sempre acompanhado de números, de mapas e de gráficos) não revelava a realidade-real, aquela que existia de fato, mas apenas a imagem correspondente.

Rodrigo não se dava por satisfeito. Queria mais, muito mais: ansiava conhecer de perto a sua terra e a sua gente; queria andar pelos campos, cheirar o perfume das flores, colher os frutos das árvores, escutar o canto dos pássaros; queria encontrar-se pessoalmente com quem arroteava o solo todos os anos, punha aí a semente, segava o cereal, enchia o celeiro de grão; queria conhecer sem intermédios, cara a cara, olhos nos olhos, os homens e as mulheres que alimentavam o reino com os seus braços, labutando de sol a sol, no Inverno e no Verão, à neve, à chuva e ao vento.

Rodrigo queria fazer tudo isso, mas não podia (pelo menos, não devia), porque parentes e conselheiros achavam que proceder desse modo, andar sozinho no meio do povo, sem escolta nem séquito, era prática imprópria de monarca...

Os bailes no palácio enorme custavam como um sacrifício. As meninas casadoiras vestiam-se de brocado, punham colares de pérolas ao pescoço, anéis de brilhantes nos dedos, sapatos de cetim nos pés; com gestos estudados, abanavam-se com leques de penas, qual delas a mais requintada, qual delas a mais deslumbrante. Tinham ordens das mamãs para sorrir ao rei, falar-lhe com meiguice, cumulá-lo de atenções, porque poderiam conseguir assim o prêmio ambicionado (ou seja, o casamento com ele).

A orquestra chegava. Ia acomodar-se no balcão onde devia, afinava pela última vez os instrumentos e começava a tocar. A música soava pelo salão, mas igual do princípio ao fim, sem brilho, sem cor, sem ânimo.

Rodrigo ia tirar para dançar as meninas casadoiras. Primeiro uma, depois outra, e outra, e outra, até não esquecer nenhuma. Enquanto evoluía na pista, ouvia de todas elas as frases de sempre (“que o baile estava lindo”, “que o baile estava grandioso”, “que o baile estava magnífico”); tinha também de responder às perguntas habituais (“quando iam encontrar-se de novo?”, “quando iam continuar a conversa?”, “quando isso?”, “quando aquilo?”).

Farto de ouvir as mesmas sentenças e de responder às mesmas questões, Rodrigo bocejava; bocejava; aborrecido até não poder mais, pedia a Deus e a todos os Santos que a noite passasse depressa, que os convidados se cansassem, que as meninas e as mamãs fossem dormir para casa.

Os despachos com os ministros não eram menos maçadores: o encarregado de cada pasta justificando as medidas propostas com os argumentos do costume (o prestígio e a defesa dos interesses do reino); os documentos em séries que vinham já selados, com o brasão sobre o lacre e prontos para assinar; as vênias e as reverências para trás, às arrecuas, aos salamaleques, até à porta de saída.

Cansado de tudo aquilo, Rodrigo decidiu-se. Desagradasse ou não a parentes e a conselheiros, ele deixaria o palácio enorme e iria viajar pelo reino.

Se bem o pensou, melhor o fez.

Despiu a roupa rica que trazia e vestiu-se como convinha: blusão muito simples (sem punhos de renda, sem alamares de prata, sem enfeites especiais), calções de burel, botas altas de montar, gorra de estaménha na cabeça. Já pronto, montou o cavalo “ligeiro” meteu o pé no estribo e partiu.

Na manhã cheia de sol, Rodrigo avançou pelo seu reino, a passo, a trote e a galope.

Ficou espantado. Não imaginava nunca como era senhor de tantos bens e de tantas almas. Viu rios correndo para a foz, depois de irrigar campos de cultura; viu colinas e serras, onde a floresta cobria a terra de verde e dava lenha para as lareiras; viu animais de muitas espécies, uns mancos, outros bravos; viu vilas e aldeias, umas grandes outras pequenas; viu homens e mulheres que trabalhavam anos a fio, mas contentes, sem protestar contra essa necessidade.

Enquanto cavalgava, desabafava consigo próprio: “Estou longe do palácio enorme, dos ministros e dos embaixadores, das meninas casadoiras e das mães interesseiras; não tive de assinar hoje proclamações, nem éditos, nem mandados.” Concluía com satisfação: “Como é bom estar livre de tudo isso e ir aqui sem preocupações nem destino...”

Já a transpirar por baixo das roupas, Rodrigo cavalgava, sem faltar a curiosidade. Sob a pele da frente dos pulsos, sentia o sangue latejar nas veias. Mas continuava: sempre a frente, sempre para diante.

Rodrigo cavalgou horas e horas --- até que se cansou e parou à porta da casa de um lenhador.

A tarde declinava e a noite vinha aí. Como um afago refrescante, o vento soprava agora sobre o campo, abanando levemente as copas das árvores.

Rodrigo desceu do cavalo e chamou:

--- Ó de casa! Ó de casa!

Um cão que estava de guarda levantou o focinho e começou a ladrar.

Alguém perguntou de dentro:

--- Quem vem aí?

Rodrigo respondeu em tom cordial:

--- Gente de paz, que pede abrigo.

Um homem alto, entroncado, de barbas até ao peito, assomou à porta: trazia uma vela de sebo na mão e uma criança agarrada às pernas (sua filha certamente, que parecia assustada, mas dava conta de tudo o que acontecia à volta).

Experimentado pelos anos a avaliar num relance as intenções das pessoas, o homem alto olhou demoradamente o mancebo bem parecido que reclamava guarida. Já seguro e confiante, saudou:

---Bem-vindo então a este lar quem é de paz e pede abrigo. Bem-vindo quem Deus traz aqui a descansar.

A casa não era bem uma casa, mas uma choupana, toda feita de troncos de pinheiro. Com o teto de aba única, as duas janelas pequenas, o fumo a sair enrolando pela chaminé, prometia abrigo --- e isso era o bastante.

Rodrigo entrou e viu a mesa posta: uma terrina de sopa que fumegava, uma broa de milho cortada às fatias, um naco de carne assada, um canjirão de vinho tinto.

Com o apetite que trazia, comeu regaladamente: a sopa, a broa, a carne, o vinho, tudo lhe sabendo bem o consolo como nunca.

O homem alto e a filha foram depois buscar à arca dois lençóis de linho e uma manta de lã; cada um puxando do seu lado, fizeram a cama, e todos os três (ele, ela e Rodrigo), apagada luz da candeia, rezadas as orações do costume (pelos que se encontravam ali nesse momento, por todos os vivos e por todos os mortos, pelo rei que tinha fama de infeliz) se deitaram e adormeceram.

Na companhia do homem alto e da filha, Rodrigo passou uma semana sem dar pelo tempo. Com os dois, ia diariamente à aldeia vizinha, onde era recebido em casas hospitalares, jogava malha na rua, confraternizava na taberna, ouvia canções de louvor à terra e ao trigo já pronto para colher:

Terra negra, cultivada

Onde o homem semeou.

Terra negra, abençoada,

Onde a messe germinou.

Trigo louro, madurinho,
Tão carregado de grão.
Trigo louro, douradinho,
Que vai acabar em pão.

Foi nessa semana que Rodrigo conheceu de fato o seu povo, que pode ver como os seus súditos viviam e eram felizes. Foi nessa semana que conheceu uma moça linda de encantar, chamada Ofélia, que tinha os cabelos negros como ébano, a pele branca como a neve, os olhos verdes de esmeralda, os lábios rubros de carmim.

Ofélia não falava como aquelas meninas casadoiras que iam aos bailes; não dizia nada a pensar nas conveniências, ou para agradar, ou para parecer bem. Quando concordava, dizia “sim”; quando discordava, dizia “não” –sem acrescentar outras palavras de circunstância, fingindo dizer “sim” quando dizia “não” ou dizer “não” quando dizia “sim”. Ofélia era simples, sincera, desinteressada: era ela própria, sem disfarces – e precisamente por isso, mais até do que pelos predicados físicos, não tinha rival muitas léguas em redor.

Rodrigo e Ofélia apaixonaram-se um pelo outro, como não podia deixar de ser. Levados pelos seus sentimentos, trocaram beijos e juras de amor, marcaram dia e hora de casamento.

Lá longe, no palácio enorme, os ministros, os embaixadores, os parentes, os amigos, toda a corte começou a interrogar-se: “Por onde andaria o rei que devia assinar os documentos necessários ao governo do país? Sem escolta nem séquito, correndo o risco de morrer às mãos dos malfeitores, onde estaria naquele momento? Por que demorava tanto?”

A corte interrogava-se e não percebia: “Como é que Rodrigo virava as costas a parentes e amigos e desaparecia assim? Por que é que não dava notícias?”

As meninas casadoiras e as mããs interesseiras interrogavam-se ainda mais: “Como é que um jovem tão belo, tão dotado, tão pretendido se portava tão mal?... Como podia frustrar tantas expectativas?...”

Cansados de tanto esperar (e também porque as proclamações, os éditos e os mandados se amontoavam nas secretárias), os ministros enviaram emissários em busca do rei.

Os emissários partiram: para todos os pontos cardeais (o Norte, o Sul, o Este e o Oeste); subiram montes, desceram vales, galoparam sem parar.

Os que demandaram o Norte, o Este e o Oeste não tiveram sorte; somente os que foram para o Sul encontraram o rei.

Rodrigo ia casar no dia seguinte. Não parecia o mesmo: ainda mais belo (se tal podia estar), sem carregar consigo o semblante fechado de outrora. Os olhos brilhavam de esperança, a boca sabia já sorrir, e isso dava à fisionomia um ar de satisfação inegável.

Rodrigo ouviu atentamente os mensageiros: soube assim das preocupações dos ministros e dos documentos para assinar, soube do desagrado dos embaixadores que não tinham interlocutor para as incumbências diplomáticas; soube da saudade dos parentes e amigos.

Rodrigo ia ouvindo tudo com atenção – e conforme ouvia, dava conta de que caía de novo no fastio e no tédio de antigamente.

Rodrigo olhou Ofélia e viu nela a mãe que queria para os filhos; olhou o povo e viu nele a gente que queria conviver – gente simples, generosa, solidária, que se embasbacava e surpreendia agora com a identidade do seu hóspede.

Rodrigo decidiu-se: não, não ia meter Ofélia no palácio enorme, nem levá-la, nem obrigá-la, nem forçá-la a estiolar ali; não ia voltar ao despacho com os ministros, nem às conversas de faz-de-conta com os embaixadores, nem por o nome em mais proclamações, éditos e mandados; não ia dar mais audiências, nem ocupar o lugar de honra em festas e recepções. Estava farto!... A corte que reunisse, que escolhesse, que aclamasse outro rei!

O que a corte fez efetivamente --- e depressa, para alegria dela própria e de Rodrigo, que morreu de velho aos noventa e nove anos, rodeado de netos e bisnetos.

Analisando a estrutura:

Quando observada a parábola apresentada, nota-se, imediatamente, sua extensão em relação às parábolas tradicionais, deixando-a menos didática e confrontativa.

O amimetismo é um aspecto que deve ser comparado entre os tipos de parábolas, assim, percebe-se que, em relação aos personagens, o texto lido não é amimético, pois apresenta seus nomes, diferentemente das parábolas bíblicas, que normalmente utilizam um estereótipo da pessoa como nome. Outro aspecto é que as parábolas bíblicas, geralmente, mostram personagens unitários e polarizados, diferente dessa história em que Rodrigo tem diversos conflitos pessoais para resolver.

Essa história também não é amimética em relação ao espaço, pois ele é bem delimitado, ou seja, é possível identificar facilmente cada local em que o personagem se encontra. Assim, nota-se que ela é mimética ao abordar o espaço quando indica os locais que o personagem vai cavalgando, por exemplo. Descrições feitas do palácio, do vilarejo e da choupana são aspectos que confirmam o mimetismo em cada detalhamento.

Nas parábolas bíblicas não são representadas especificidades de localizações, ou seja, geralmente não há o reconhecimento de um determinado lugar. São fatos criados a partir das parábolas tradicionais, fazendo com que sejam o mais atemporal e universal possível.

O amimetismo é um conceito que demonstra a recusa em reproduzir ou copiar a realidade empírica de diversas expressões artísticas. Assim, ele não está presente também na categoria de tempo da parábola apresentada. Desse modo, o tempo é marcado com perspectiva cronológica, utilizando um começo, meio e fim. Ou seja, o personagem principal sai de sua zona de conforto, vai em busca de seu sonho e, no final, conquista uma vida que sempre almejou.

Entendendo a história:

A parábola acima aborda o conceito de felicidade. Assim, observa-se que o personagem principal não era feliz, apesar de sua beleza, poder e riqueza. Isso nos ensina que a felicidade nem sempre está naquele que tem riqueza e poder, mas sim naquele que a tira das pequenas coisas. Dessa forma, Rodrigo ficou feliz com uma vida mais modesta, porém mais amistosa e amorosa.

Essa parábola pode ser apresentada aos alunos, pois traz uma mensagem de que muitas vezes avistamos vidas perfeitas, principalmente na internet. Contudo, a verdadeira felicidade está nas coisas simples.

Para finalizar, ao ouvir sobre parábolas, logo vem à mente passagens bíblicas de Jesus com suas pregações para milhares de pessoas. Contudo, também existem parábolas contemporâneas que não são encontradas na Bíblia, além daquelas mais conhecidas.

É necessário apresentá-las, também, aos alunos, a fim de incentivar a criação de suas produções textuais, visto que são narrativas curtas/figuradas e podem chamar sua atenção. Portanto, percebam que esse gênero é muito antigo, entretanto necessário ser mais conhecido e compreendido.

2.9 Semelhanças e diferenças entre parábola e a fábula

A fábula é citada por vários estudiosos, como Hênio Tavares, por ser semelhante à parábola. Assim, esse capítulo foi criado para tratar dessas semelhanças e, ainda, das diferenças entre as tipologias. O professor deve mostrá-las aos alunos, para que eles não confundam esses gêneros.

Ao discorrer a respeito da fábula e parábola, logo pensamos nos ensinamentos que esses gêneros trazem. Entretanto, eles exibem características distintas, assim necessárias de serem citadas, analisadas e compreendidas.

De início, será comentado sobre a fábula, considerada uma narrativa simples e breve, que apresenta animais como personagens, agindo como seres humanos, com suas fraquezas e vícios. Diante disso, vejamos a fábula de Esopo “A cigarra e a formiga” e a versão de La Fontaine (1999) na sequência, disponibilizadas por Marcello (2020). Ambas falam, principalmente, sobre o valor do trabalho.

Num belo dia inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comidas. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. De repente aparece uma cigarra:– Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de comida! As formigas pararam de trabalhar, coisas que era contra seus princípios, e perguntaram: – Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno? Falou a cigarra:– Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando! Falaram as formigas:– Bom...se você passou o verão todo cantando, que tal passar o inverno dançando? E voltaram para o trabalho dando risadas. MORAL DA HISTÓRIA: Os preguiçosos colhem o que merecem.

Versão de La Fontaine

Tendo a cigarra em cantigas
Passado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brilho,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

- "Amiga", diz a cigarra,
- "Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes d'agosto
Os juro e o principal."

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
- "No verão em que lidavas?"
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: - "Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora."
- "Oh! bravo!", torna a formiga.
- "Cantavas? Pois dança agora!"

Essa história, repleta de sabedoria popular, mostra duas posturas opostas perante a vida: a dos preguiçosos que só pensam no presente, sem considerar as consequências do amanhã, e a dos esforçados, que batalham por um futuro melhor. Diante de tais informações, as notas preliminares da coleção "*As mais belas fábulas de La Fontaine*", de José de Arruda Penteado (1999), discorrem que

as fábulas procuram (...) satirizar, numa linguagem indireta, hábitos e condutas do mundo social e político de determinada época. Assim, as sátiras têm seu endereço certo, na história social, e refletem muito das ideias, tristezas e alegrias, bem como as aspirações de conduta futura de um momento histórico (1999, p. 9).

Diversas características dos seres humanos são mostradas nas fábulas, como a astúcia, a maldade e a preguiça. Já as parábolas usam agentes humanos, ou seja, animais e plantas são subordinados ao homem e não são personificados na história.

Além dos aspectos mencionados, a parábola visa o misterioso e os valores mais espirituais. Com sua moral mais implícita, não tem um tom moralizante tão elevado e nem tão satírico. Na verdade, a parábola busca a crença antiga, presente na memória de um povo.

Na sequência, vejamos a "Parábola do filho pródigo" para entender melhor os pontos já comentados e compreender que Jesus ensinava para multidões fatos

do cotidiano, fazendo todos refletirem e, principalmente, terem compaixão até mesmo pelos pecadores, como ele mesmo fazia.

Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (Lc 15, 11.32).

Nota-se que a parábola demonstra a prática do amor e o cuidado com o próximo. Ou seja, mesmo o filho sendo egoísta fora recebido de braços abertos e perdoado pelo pai. Assim, percebe-se as características principais da parábola, como narrativa breve, ensinamento exposto, personagens humanos e moral implícita.

É perceptível, também, que fábulas e parábolas podem ser construídas em forma de poema e prosa, sendo a última mais utilizável, como nas histórias apresentadas até esse momento.

Aristóteles (1964), em “Retórica de Aristóteles”, diz que as parábolas e fábulas se assemelham como formas de prova comum e como uma subdivisão dessas provas, são ainda tipos de exemplos criados para fortalecer a argumentação com vistas à persuasão.

Conforme “The new encyclopedia Britannica” ⁶(1974), a parábola e a fábula fazem parte da cultura oral-literária, relacionada à sabedoria do povo, ou seja, eram histórias passadas de geração a geração e chegaram até os dias atuais.

A moral é incorporada à fábula como provérbio, diferentemente da parábola, que tem um tom mais tênue. Assim, pode-se encontrar a moral mais facilmente na fábula, porque, muitas vezes, ela está explícita.

No que diz respeito às suas diferenças, verifica-se, então, que a fábula apresenta um tom satírico muito mais reconhecível, atingindo basicamente as relações sociais entre os homens. Talvez seja por isso que também o tom moralizante que a caracteriza seja tão acentuado. A fim de cumprir os seus propósitos, a fábula passa por um processo mais radical de alegorização, já que trabalha, sobretudo, com a personificação de animais. Já a parábola típica, embora também lide com os males e defeitos do homem, nunca o faz por meio do motejo e do escárnio. Somado a isso, as personagens que atuam nas construções parabólicas são sempre seres humanos, mesmo recebendo elas um tratamento diferenciado, passando por um processo de tipificação (Sant’Anna, 2010, p. 236).

La Fontaine (1999) descreveu a fábula como corpo e alma, sendo o corpo a narrativa, e a alma as verdades gerais. Em contrapartida, Holanda e Rónai (1978) definiram a parábola também corpo e alma, porém de maneira diferente, como corpo a narrativa, e alma a tese religiosa. Essas comparações mostram que elas têm muito em comum.

Sabendo que ambos gêneros contribuem com status de universalização, cada qual com seu propósito comunicativo, são incontestavelmente importantes na construção de cidadãos mais pensantes, humanos e conscientes.

Em suma, parábola e fábula contêm aspectos semelhantes e diferentes, cabe conhecê-los a fundo para utilizar seus ensinamentos nos dias atuais de forma clara e eficiente, para auxiliar na vida, principalmente, do aluno que ainda tem muito o que conhecer e aprender.

2.10 Os benefícios das parábolas na produção textual

Sabe-se que a narrativa é a primeira tipologia textual que os alunos aprendem na escola, ou seja, o estudante principia a colocar no papel suas histórias, fantasias e imaginação, desde o começo de sua escolarização. Assim, na fase da alfabetização inicia a produção textual com narrativas, como contos, fábulas e

⁶ A Nova Enciclopédia Britânica

lendas para, na sequência, aprenderem textos mais complexos como a crônica, o relato pessoal, a biografia, etc.

A parábola ainda é pouco explorada em sala de aula, entretanto, será de grande valia se o professor a utilizar como ferramenta de aprendizagem. Sendo assim, ao explanar a parábola nas aulas de produção textual de maneira exímia, o professor poderá contribuir com o processo de aprendizagem do aluno em diversos aspectos, observe-os a seguir:

- Ortografia;
- Criticidade;
- Paragrafação;
- Bons princípios;
- Coesão e coerência;
- Linguagem formal e informal;
- Concordância verbal e nominal;
- Linguagem conotativa e denotativa;
- Conhecimentos de fontes históricas;
- Estrutura narrativa com seus componentes.

Todos os pontos supracitados precisam ser trabalhados antes do professor apresentar a proposta de produção textual, sendo necessário também que utilize o conhecimento de mundo do aluno. Observamos a parábola a seguir, em Mateus, para levantarmos alguns dos benefícios já mencionados:

A parábola dos talentos

"E também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem. O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou mais cinco. Também o que tinha dois talentos ganhou mais dois. Mas o que tinha recebido um talento saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor. "Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles. O que tinha recebido cinco talentos trouxe os outros cinco e disse: 'O senhor me confiou cinco talentos; veja, eu ganhei mais cinco'. "O senhor respondeu: 'Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!' "Veio também o que tinha recebido dois talentos e disse: 'O senhor me confiou dois talentos; veja, eu ganhei mais dois'. "O senhor respondeu: 'Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!' "Por fim, veio o que tinha recebido um talento e disse: 'Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Por isso, tive medo, saí e escondi o seu talento no chão. Veja, aqui está o que pertence ao senhor'. "O senhor respondeu: 'Servo mau e negligente! Você sabia que eu colho onde não plantei e junto onde não semeei? Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para

que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. 'Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez. Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado. E lancem fora o servo inútil, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes'. (Mateus 25:14-30)

Ao ler a parábola acima para os alunos, o professor deve comentar sobre o uso da linguagem formal, a linguagem conotativa presente no texto e também ensinar sobre paragrafação, coesão e coerência.

Entende-se que o docente precisa auxiliar a escrita do aluno e, para conseguir isso, deve explicar cada etapa da produção textual de forma clara e objetiva. Além do mais, o aluno deve entender o objetivo daquela produção, ou seja, o que ela vai ser útil em sua vida. Geraldi (2015) explana o assunto a seguir:

Mas há condições para que a escrita se dê: um sujeito somente escreve quando tem o que dizer, mas não basta ter o que dizer, ele precisa ter razões para dizer o que tem para dizer. Muitas vezes temos algo para dizer a alguém, mas temos razões para não dizer. Mas ainda não basta eu ter o que dizer e ter razões para dizer, eu preciso ter claro para quem eu estou dizendo. Nos processos de produção de texto, nas escolas, o aluno não tem para quem dizer o que diz, ele escreve o texto não para um leitor, mas para um professor para quem deve mostrar que sabe escrever (p. 98)

Portanto, com tantos benefícios que a parábola pode propiciar ao educando, é preciso utilizá-la mais nas aulas e entender que o professor estará mostrando um novo gênero textual e não algo estritamente religioso. Mesmo porque podem ser trabalhadas parábolas neotestamentárias ou as modernas.

2.11 Resenha descritiva e crítica da análise da “Parábola do bom samaritano”, realizada por Marco Antônio Domingues Sant’Anna

No início da análise de Sant’Anna (2010), ele ressalta a necessidade de esclarecer a inter-relação entre os conceitos de subversão de gêneros, cenografia e posicionamento da “Parábola do bom samaritano”. Ou seja, aqui já se encontra a preocupação do autor em explicar sobre quais serão os pontos principais de sua análise.

Assim, o autor comenta que o texto bíblico de Lucas 10 25-37 lembra um fragmento de um arquitexto, cuja noção foi introduzida por Maingueneau e Cossuta (2004). A parábola analisada pelo autor tem a noção descrita pelos autores citados, como em “para designar as obras que possuem um estatuto exemplar, que

pertencem ao corpus de referência de um ou de vários posicionamentos de um discurso constituinte” (apud 2006, p. 64).

Dessa forma, sem se ater apenas aos pontos já mencionados, Sant’Anna discorre que seu objetivo é demonstrar a maneira como a parábola tinha a intenção de conferir legitimidade ao cristianismo, como também validar, referendar e conferir-lhe autoridade. Vejamos a “Parábola do bom samaritano” a seguir para entender os pontos citados e os que ainda serão:

Certa ocasião, um perito na lei levantou-se e, para pôr Jesus à prova, lhe perguntou: “Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?” “O que está escrito na Lei?”, respondeu Jesus. “Como você a lê?” Ele respondeu: “‘Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’ e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’”. Disse Jesus: “Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá”. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Em resposta, disse Jesus: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários[c] ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’”. “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” “Aquele que teve misericórdia dele”, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo” (Lc, 10, 25.37).

No fim do século I d.C., o texto de Lucas, tanto para ele quanto para seus leitores, não tinha a dimensão que tem hoje. Isso posto, para Sant’Anna, o essencial da parábola é saber que foi produzida na Palestina, no primeiro século I d.C, pelo médico grego Lucas, com a função de atender uma necessidade política e religiosa.

Sant’Anna explica o porquê fora construída esta parábola; isso é importante para chamar a atenção dos leitores, já que muitos não imaginam a intenção de Lucas ao construir a narrativa.

Sendo assim, Sant’Anna continua sua reflexão dizendo que a parábola possuía um posicionamento contrário, já que ela saía a favor do cristianismo crescente e não do judaísmo cristalizado pelo povo. Ele traz, de forma bem explicada, o porquê desta parábola ser tão importante para os cristãos.

Ao repassar os ensinamentos de Jesus, muitos judeus eram vistos como hereges. O que mais agravou a situação foi a perda da independência de Israel para os romanos, o que era visto como um castigo para os judeus, visto que alguns

estavam aceitando o cristianismo em suas vidas. Por isso, a parábola de Lucas foi organizada para uma legitimação e compromisso da disseminação do cristianismo.

Esse levantamento é muito interessante porque, ao ler a “Parábola do bom samaritano”, talvez se enxergue o ensinamento que ela traz, porém, a sua real função na história pode não ser evidenciada.

Logo, com seus apontamentos, Sant’Anna informa que a parábola tem indícios de não ser original, como em “O que aponta para a possibilidade plausível de o narrador haver buscado e selecionado uma fonte que houvesse uma unidade de composição, procedendo-se assim a uma cuidadosa observação das particularidades do diálogo controverso típico da tradição rabínica”.

O autor também encontra um certo interesse de Lucas pela Samaria e pelos samaritanos, pois utiliza-os em outros textos. É muito importante destacar o quão importante foi essa análise, já que aponta até para outros textos de Lucas, evidenciando a busca aprofundada.

Para dar continuidade, é explanado que, no início da parábola, o legista já assume o papel de enunciador, em “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”, usando um discurso inquisitório, com ar de superioridade para com Jesus. Assim, o gênero que se instala é considerado didático dialético, com questionamentos e posições.

O ponto de vista de Charaudeau e Maingueneau (2004), em *Dicionário de análise do discurso*, é comentado aqui em que duas formas particulares, dialogam em dois parceiros (questionado e do respondente), mostrando algo decorrente na religião judaica.

O fato é que, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 108), “as doutrinas são inseparáveis das instituições que as fazem emergir e as mantêm”, ou seja, dentro da parábola não se pode negar a cultura judaica da época.

A parábola em análise tem um espaço conflituoso de um debate em que o legista assume um papel de um legítimo especialista, como descrito por Sant’Anna (2010). Desse modo, a utilização desse gênero mostra um posicionamento de Lucas em defender identidade social e religiosa, não só sua, mas também de sua comunidade, como destaca a análise feita.

A “Parábola do bom samaritano” atribui ao legista o papel de si mesmo, já que ele faz a seguinte pergunta “Que farei para herdar a vida eterna?”, detectando uma linguagem tensa, característica de um momento de prova.

Isso acontece também no texto de Lucas 11:37-53, em que há outro confronto entre doutores da lei e Jesus. É importante essa ligação entre as parábolas que Sant'Anna faz para sabermos da existência de outros textos com esse mesmo tema. Assim, há normas e padrões éticos nas duas parábolas, com o papel característico de especialista no debate dialético e com papel de examinador que impõe seu interlocutor a ser examinado.

Na sequência da análise, apresenta-se a contraquestão de Jesus “Que está escrito na lei? Como lê?”, subvertendo totalmente as funções pretendidas pelo doutor da lei. Assim, Jesus identifica o gênero e discurso realizado pelo legista com seus valores e estilo de vida (identidade social e religiosa) e vislumbra a tensão que percebe, pela fala, que o locutor quer determinar.

Sant'Anna afirma que o fato da contraquestão ser uma confirmação para o contrato de comunicação, como uma rejeição aos papéis sociorreligiosos fixados pelo legista em relação ao examinado, é esperada uma reação. Todavia, o examinado não tem essa atitude imposta pelo doutor da lei, mas, sim, propõe seu próprio questionamento dentro do gênero.

No momento em que o coenunciador (Jesus) passa a fazer o questionamento, ele se equipara ao doutor, atribuindo-se um papel de especialista, o que traz uma tensão para a cena. Desse modo, o doutor da lei replica a questão e passa a ter um papel invertido na sua resposta. Assim, Jesus teve uma grande habilidade discursiva, como ressalta Sant'Anna, visto que ele não aceitou a função a ele designada. Ao fazer essas comparações entre o legista e Jesus, fica claro que o autor aprofundou seus conhecimentos históricos para analisar esses personagens.

Outro ponto de interesse é quando Jesus, de maneira irônica, dá uma nota ao legista “Respondeste bem” e, em seguida, o legista levanta outro tema para se justificar. Assim, o autor faz o seguinte questionamento “O que explicaria a observação sobre a tentativa do doutor em se justificar?” ou seja, ele recebeu uma nota positiva e não precisava desta justificativa. Sant'Anna de forma perspicaz tem uma resposta para este questionamento:

Tudo indica que o esforço de manter-se em posição superior de questionar no espaço instituído pelo gênero do debate dialético, de legitimar seu papel sociorreligioso na comunidade discursiva e de confirmar o de seu parceiro como respondente é que pode explicar essa exigência de justificação. (Sant'Anna, p.288)

Dessa forma, a situação poderia ter sido criada para ele se situar, no espaço conflituoso, como detentor do poder, ou seja, para não perder as rédeas da discussão. Pode ser que ele imaginasse que Jesus não iria concordar com ele, entretanto, como decorreu tudo em paz, quis provocar uma discussão.

Outros elementos que também foram analisados na sequência é quando o legista chama Jesus de *didáskale*, “mestre”. Esse termo não é suficiente para suas implicações de significado naquela comunidade discursiva. Para nós, a palavra mestre indica respeito e prestígio, contudo, naquela época, para isso era preciso ter o chamado de “rabi”, já que *didáskale* era uma palavra grega.

Para Marco Antônio, essa troca foi realizada de propósito pelo narrador e materializada pelo doutor, para demonstrar que ele continuava querendo ser superior a Jesus. Esse apontamento realizado pelo autor é muito interessante, visto que um leitor leigo não imaginaria como, realmente, a palavra mestre naquela situação não condiz com o que conhecemos.

Na continuação da análise, o autor destaca a focalização temática do problema do texto analisado. Assim, para Sant’Anna, na verdade, o doutor da lei queria derrubar Jesus com seus questionamentos, como se fosse uma tentação do mal. Ele queria desmerecer e desprestigiar Jesus Cristo que, naquele momento, estava ameaçando a estabilidade e manutenção do esquema sociorreligioso.

Na sequência, Sant’Anna aponta para o caso de as perguntas do doutor da lei estarem no círculo judaico rabínico, querendo saber o porquê o doutor da lei as apresentou, já que não considerava à sua altura. E, assim, resumindo a análise da estrutura formal, foi deixado claro que o doutor da lei foi hábil em tentar desmascarar Jesus publicamente. Todavia, Jesus dominou o gênero proposto e mostrou conhecer profundamente o tema abordado, mostrando-se, também, mais hábil.

Como já mencionado, Lucas aponta, no decorrer da parábola, o modo do legista tentar se justificar com uma nova indagação. Assim, para Marco Antônio, os elementos reunidos até esse momento levam à conclusão que houve uma quebra do acordo comunicacional em relação a Jesus, chegando a um propósito narrativo específico.

De acordo com Sant’Anna, verifica-se na “Parábola do bom samaritano” um contraste no primeiro bloco analisado (v. 25-29) “aquele que inicia com a introdução aparentemente repentina e sem precedentes da pequena história materializada pela voz do enunciador”. Desse modo, no primeiro momento há uma atitude de tensão

em que o legista tenta desmascarar Jesus e no segundo, a adoção do gênero parabólico com o extravasamento das emoções. Muito bem lembrada essa mudança de gênero, pois faz o leitor refletir sobre essa mudança no texto analisado.

Outro ponto interessante de ser analisado são os procedimentos adotados no investimento genérico da parábola, que mostram, na tradição judaica, a evocação de sentimentos e atos de consciência significativos em si mesmos. Ou seja, a história é contada não só para desafiar atitude e crenças. Dessa forma, quando Jesus conta uma parábola, ele tem o objetivo de ter um discurso pessoal e não uma discussão esterilizante, como destaca o autor analista.

Ao narrar a parábola, cria-se um novo jogo discursivo em que há uma recriação de um ambiente familiar entre interlocutor e locutor, sendo um dado amplo de comunicação entre pais e filhos, construindo uma associação dos ouvintes. Essa percepção de mudança foi bem analisada pelo autor, visto que uma pessoa leiga talvez não conseguisse perceber essa diferença.

Para Sant'Anna, a "Parábola do bom samaritano" tem seu conceito de gênero da narrativa, apresentando um mundo em que a situação de enunciação narrativa é imposta, destacando a parte em que Jesus respondeu ao doutor da lei em forma de parábola para criar um novo jogo relacional por meio do discurso.

Mais um aspecto que autor faz reflexão é sobre o chocante contraste na apresentação do levita e do sacerdote em relação ao moribundo. Assim, de forma bem explicada e sucinta, o autor fala o porquê, certamente, o sacerdote não parou para ajudar o necessitado, já que, de acordo com as regras, um sacerdote não poderia ter contato com um não-judeu ou com uma pessoa morta. Já o levita não tinha nenhum impedimento ritualístico, porém também foi desumano ao não prestar ajuda ao pobre homem.

Em seguida, surge o samaritano; o autor analista conta sucintamente a história do ódio entre judeus e samaritanos. Assim, nem o sacerdote e nem o levita ajudam o homem necessitado, todavia o samaritano, que seria um rival dos judeus, teve misericórdia com o próximo. Ao analisar a situação, Sant'Anna conclui "conferir importância e relevância a quem de fato, e não apenas pela identidade estereotipada na comunidade discursiva, as merecia."

Na sequência, é falado do doutor da lei que faz várias perguntas para Jesus para continuar com sua condição de autoridade "Quem eu vou ajudar?" e Jesus, empregando a sua misericórdia, pergunta: "Quem você acha que usou de

misericórdia para com ele?” (moribundo). E assim, o doutor da lei tem que responder que foi o samaritano e não os outros dois, que tinham o dever de ajudar.

Portanto, a intenção primordial ao optar pela história da parábola não foi a transmissão da mensagem de ajudar um necessitado, como muitos imaginam, mas sim, a inversão de um clérigo mau e um bom samaritano. Com sua análise, Sant’Anna nos faz refletir sobre o título do texto: esse bom samaritano permite duas análises; uma, de ele ter sido mesmo bom, e outra, do autor frisar que o samaritano que tem problemas com judeus foi bom, mas um religioso não ajudou seu povo, como deveria.

E por fim, Jesus diz “Vá e faça o mesmo”, deixando a parábola destinada à discussão temática racial ou religiosa. Por isso, o discurso narrado por Lucas é marcado pela necessidade de expandir o cristianismo com o discurso mediado pelas parábolas. Sempre deixando as necessidades humanas acima de tudo, tanto pessoas como instituições, e com a incógnita de quem realmente é uma pessoa solícita para com os próximos.

Sant’Anna comprova, pela organização do discurso, a hipótese levantada de que existe uma inter-relação entre os conceitos por ele abordados, de subversão de gêneros, cenografia e posicionamento. A análise feita pelo autor nos mostrou pontos que poderiam ter passado despercebidos, porém, devem ser explorados, já que nos mostram a ascensão de uma religião que começou pequena e que hoje ocupa uma posição de destaque.

2.12 As figuras de linguagem nas parábolas

O sentido figurado está presente em vários campos sociais, com sua natureza de enfatizar situações diversas do dia a dia. Desse modo, ele vem se modificando de acordo com o tempo. Todavia, sempre servindo de apoio na comunicação entre as pessoas. No livro “As figuras de linguagem”, o autor aborda esse levantamento

As concepções sobre a natureza do sentido figurado nunca foram inteiramente unânimes. Cada época ou autor tem procurado descrevê-lo levando em conta aspectos ligados as suas preocupações dominantes e de acordo com o arsenal de soluções conceituais disponíveis. Mas se, na prática, esse fenômeno sempre se opôs a um enquadramento mais rigoroso isso se deu também a própria complexidade que ele apresenta. Aliás, uma coisa acaba decorrendo da outra. Forma aberta a duas ou mais interpretações, o sentido figurado parece que projeta nas razões de sua

estrutura a polivalência que caracteriza seu efeito no receptor. Daí o profundo compromisso que mantém não só com a literatura, mas praticamente com todos os campos de interesse do homem, arte, cinema, mitologia, cultura, psicanálise etc (BRANDÃO, 1989, p. 7).

As figuras de linguagem são bastante utilizadas na literatura, assim, cabe ao professor explicar seu uso em cada texto, como por exemplo a metáfora, tão presente nas parábolas. Figuras de estilo é outro modo de chamá-las, pois são recursos estilísticos utilizados para oferecer maior ênfase ao discurso e torná-lo mais belo diante dos leitores. Segundo Fernandes (2013), elas são classificadas em quatro tipos:

- Figuras de pensamento: Trabalha com a combinação de pensamentos e ideias. Exemplos: eufemismo, ironia, litote, personificação, antítese, paradoxo, gradação, apóstrofe e hipérbole.
- Figuras de palavras ou semânticas: Correlaciona o significado das palavras entre si. Exemplos: comparação, catacrese, sinestesia metáfora, perífrase e metonímia.
- Figuras de sintaxe ou construção: Atua na estrutura gramatical da frase. Exemplos: hipérbato, zeugma, elipse, polissíndeto, assíndeto, anacoluto, pleonismo, anáfora e silepse.
- Figuras de som ou harmonia: Relaciona a sonoridade das palavras. Exemplos: paronomásia, aliteração, onomatopeia e assonância.

Primeiramente, será comentado a respeito das figuras de palavras ou semânticas, pois é nela que a metáfora se encontra. Desse modo, as figuras de palavras ou semânticas são figuras de linguagem que exploram o sentido conotativo de expressões ou palavras. Elas são constituídas por meio de associação, proximidade, similaridade ou comparação de termos existentes.

As principais figuras de palavras são:

comparação;
 metáfora;
 catacrese;
 metonímia;
 antonomásia.

sinestesia;
perífrase.

Vejamos as características principais das figuras de palavras destacadas anteriormente:

- Comparação: é uma analogia feita por meio de locução conjuntiva ou conjunção comparativa.
- Metonímia: é a troca de uma palavra por outra, desde que haja algum tipo de associação entre ambas.
- Catacrese: é a aplicação inapropriada de um termo devido à falta de conhecimento do sentido original que possui
- Sinestesia: é a combinação de dois ou mais dos cinco sentidos humanos.
- Antonomásia ou perífrase: é a troca de uma expressão por outra que lhe dê qualidade.

Nesse momento, a metáfora será explanada de forma mais ampla, já que está incluída no interior de várias parábolas. Por isso, observaremos as características principais dessa figura de linguagem. A metáfora é uma figura de linguagem em que se averigua uma comparação implícita, ou seja, não são utilizados, em sua construção, elementos comparativos como: com, como, tal qual, tal como, assim, tão, quanto, parece, etc. Dessa forma, existem dois tipos de metáforas:

- puras: mais complexas, por serem indiretas.
- impuras: mais simples, por serem diretas.

Por isso, se aparecer, entre os elementos comparados na frase, elementos comparativos, não se configurará em metáfora, mas sim na figura de linguagem comparação ou símile.

Exemplo de metáfora pura

Como mencionado anteriormente, a metáfora pura é indireta e necessita ainda mais do conhecimento de mundo do ouvinte ou leitor para ser entendida. Veja, a seguir, um soneto de Mario Quintana (1906-1994), em que se pode observar algumas metáforas puras:

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de vela, amarelada.
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca!
(QUINTANA, 1992, p. 41)

Pode-se apontar as subseqüentes metáforas puras: “aves da noite” e “asas do horror” (pode significar ameaça) “mataram” e “assassinaram” (pode significar o ato de magoar alguém), “cadáveres” (pode significar uma pessoa, ferida ou magoada), “corvos” (pode significar pessoas supersticiosas) “vela” (pode significar a própria vida, que vai se acabando), “chacais” (pode significar pessoas aproveitadoras), “a luz sagrada” (pode significar vida, fé ou esperança). Por conseguinte, existe uma comparação indireta entre esses termos destacados e seus possíveis significados adquiridos.

Exemplo de metáfora impura

Observe trechos da letra de música “Amor e sexo”, de Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor, do álbum Balacobaco (2003), para demonstrar algumas metáforas impuras. Pode-se reparar que a canção é constituída de várias metáforas impuras, isso é, por serem diretas são consideradas mais simples de serem compreendidas. Nessa situação, as metáforas são usadas para tentar definir o que é o amor e o que é o sexo, bem como a diferença entre eles:

Amor é um livro
Sexo é esporte

Sexo é escolha
Amor é sorte

Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia

O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos

Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa-nova
Sexo é carnaval
[...]

Ao observar a canção, nota-se que o amor é comparado a: sorte, livro, pensamento, teorema, novela, prosa, bossa-nova e latifúndio. Porém, o sexo é comparado a: escolha, esporte, cinema, imaginação, fantasia, poesia, invasão e carnaval e a uma selva de epiléticos. Desse modo, para entender cada metáfora, basta que você conheça cada um desses elementos de comparação para associá-los entre amor e sexo. Lembrando que cada pessoa tem um determinado conhecimento de mundo, ou seja, uma associação diferente do outro.

Portanto, pode-se afirmar que a metáfora é essencialmente o recurso humano pelo qual se constrói e reconstrói os significados para orientar a interação comunicativa entre as pessoas. Assim como afirmam Lakoff e Johnson (2002):

[...] a metáfora permeia nosso sistema conceptual normal. Pelo fato de tantos conceitos, que são importantes para nós, serem ou abstratos ou não claramente delineados em nossa experiência (as emoções, as ideias, o tempo etc.) precisamos apreendê-los por meio de outros conceitos que entendemos em termos mais claros (as orientações espaciais, os objetos etc.). Essa necessidade introduz a definição metafórica em nosso sistema conceptual (p.205).

Diante do levantamento das características da metáfora, é o momento de mostrá-la no interior de uma parábola e, assim, identificarmos o seu uso e o objetivo de serem criadas pelos autores. Desse modo, observe a “Parábola da figueira estéril” a seguir, para encontrar possíveis metáforas:

“Então, Jesus contou a seguinte parábola: certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou. Então disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra? O viticultor respondeu: Senhor, deixa ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume. Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la.” (Lucas 13.06-09)

Ao analisar a parábola em questão, deve-se lembrar que os ouvintes originais tinham uma visão de mundo e cultura diferentes das pessoas de hoje em dia. Por isso, para entender a metáfora é necessário conhecer um pouco da cultura daquele povo. Assim, a figueira, o fruto e a vinha são elementos metafóricos dentro da parábola em questão.

Percebe-se, na parábola, que a figueira é comparada, implicitamente, aos líderes religiosos que, diante de suas pregações, não conseguem materializar bons frutos, que no caso seria o povo. Já a vinha seria a nação que o povo habita e não respeita. Para finalizar, temos o viticultor que teve compaixão da figueira e poderia ser comparado aos líderes religiosos que, a serviço de Deus, sempre tem esperança de transformar a vida das pessoas.

3 DIFICULDADES DOS ALUNOS NO MOMENTO DA ESCRITA

Neste momento, serão comentadas as principais dificuldades que os alunos apresentam em relação à produção textual no Brasil. Desse modo, com tal problemática levantada, fica mais fácil procurar meios para que os educandos melhorem o ensino-aprendizagem da produção textual, além de ajudar na construção do seu próprio ser.

Logo, o professor deve ensinar ao aluno o verdadeiro significado do que realmente é um texto. Além do mais, também é preciso mostrar a eles os diversos gêneros e tipos de textos e como escrevê-los corretamente, assim Cagliari (2009, p. 106) afirma:

A produção de um texto escrito envolve problemas específicos de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação, de organização das ideias e escolha das palavras, do objetivo e do destinatário do texto etc. Por exemplo, escrever um bilhete é diferente de escrever uma carta, uma notícia, uma propaganda, um relato de uma viagem, uma confissão de amor, uma declaração perante um tribunal, uma piada etc. Cada texto tem sua função, e todas essas formas precisam ser trabalhadas na escola.

De acordo com o mencionado acima, ao escrever o aluno pode encontrar várias dificuldades na construção de seu texto. Por isso, é importante conhecer os tipos e gêneros textuais, pois cada proposta de texto pede uma tipologia ou gênero distinto, ou seja, com características diferentes. Consequentemente, o aluno não pode escrever uma história se a proposta de produção pede um artigo de opinião, por exemplo.

Por conseguinte, cabe ao professor construir estratégias para o aluno aprender a escrever de maneira prazerosa e eficaz. Estratégias vistas até aqui e outras que ainda surgirão ao longo da dissertação.

3.1 O uso da linguagem formal e informal

Os educandos sabem se expressar normalmente na linguagem informal/coloquial, todavia, quando utilizam a linguagem formal eles têm uma acentuada dificuldade, porque não a usam no dia a dia. O uso excessivo da internet é um dos motivos, visto que a linguagem informal é mais trabalhada nesse meio. Assim, quando o aluno precisa realizar uma produção textual, ou seja, utilizar a formalidade na escrita, essa dificuldade aumenta, juntamente com sua falta de compreensão.

Como dito anteriormente, o estudante, ao usar a linguagem informal diariamente, às vezes se esquece do uso da linguagem formal; dessa forma, não consegue utilizá-la na escrita. Desse modo, é dever do professor estimular o conhecimento do aluno em relação à leitura e interpretação textual, com a intenção de apreender corretamente todos os gêneros textuais e a diferença das linguagens formais e informais.

A linguagem informal e formal são duas variantes linguísticas que possuem a função de comunicação entre as pessoas. Todavia, são utilizadas em contextos distintos, por isso, é muito importante saber diferenciá-las para compreender seus usos em determinadas situações do nosso cotidiano.

Quando conversamos com amigos e familiares, utilizamos a linguagem informal, pois a situação possibilita esse posicionamento. No entanto, se estamos numa entrevista de emprego, numa reunião de negócios ou escrevendo um texto, devemos utilizar a linguagem formal para nos comunicarmos, já que são situações

em que esse tipo de linguagem é mais valorizado e, por isso, lhes confere maior credibilidade.

No âmbito da linguagem escrita, podemos cometer erros graves entre as linguagens formal e informal, já que, muitas vezes, escrevemos da maneira como falamos; por isso, a escola deve ensinar que certos tipos de texto o aluno deve escrever de maneira formal.

Para evitar a escrita incorreta, o professor deve utilizar várias atividades ortográficas, bem como explicar cada ocasião em que cada linguagem pode ser empregada.

O incentivo à leitura é uma forma de os alunos aprenderem o uso correto das linguagens formal e informal, pois encontra os dois tipos de linguagens e observa como o autor as emprega.

Diante das afirmações anteriores, é preciso explicar, enfaticamente, aos alunos sobre a maneira de falar das pessoas, que não deve ser motivo de preconceito e chacota, mas sim uma maneira de estudar a variação linguística do país. Sendo assim, o educando deve conhecer os tipos de linguagens para utilizá-las no momento oportuno. Ou seja, o docente deve repensar sua maneira de explicar o assunto da variação linguística, como afirma Bagno (1999)

Para romper o círculo vicioso do preconceito linguístico no ponto em que temos mais poder para atacá-lo - a prática de ensino -, precisamos rever toda uma série “velhas opiniões formadas” que ainda dominam nossa maneira de ver nosso próprio trabalho. (Bagno, p.118)

Diversas atividades sobre variação linguística podem ser realizadas em sala de aula, como mostrar vários textos ou trechos de situação de comunicação e perguntar aos alunos qual linguagem está sendo utilizada e qual seria a mais adequada naquela situação. Para complementar o estudo, observe o poema “Autopsicografia” a seguir do poeta português Fernando Pessoa (1995).

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Ao ler o poema, percebe-se que ele utiliza a linguagem formal, assim o docente pode introduzi-lo em suas explicações falando sobre o gênero, sua finalidade e a sua linguagem. Como a linguagem está sendo mais explanada nesse momento, o professor pode mostrar as palavras mais formais e perguntar se eles têm contato com elas no dia a dia ou se já as ouviram em alguma ocasião.

É pertinente mostrar aos alunos outros textos, como os artigos de opinião, notícias e reportagens (textos que utilizam predominantemente a linguagem formal). Lembrando que não é preciso aprofundá-los, visto que esse trabalho visa o 6º ano do Ensino Fundamental.

A linguagem informal também deve ser mostrada aos discentes para que eles entendam que ela pode ser usada na escrita também, desde que haja uma introdução explicando seu uso naquele momento. Nota-se seu uso nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, por personagens como Cascão e Chico Bento, por exemplo. Na sequência temos um trecho como exemplificação:

O Doutor André foi até o portão espera o filho que chegava da aula. Nisso, a Lidiane ficou em casa preparando o jantar. Quando eles chegarão em casa a Lidiane tava na cozinha preparando a famosa receita da família boa pra caramba o bolo de milho cremoso. Aquele que ela aprendeu cum a senhora Carminha anos antes da gente se casâ (OLIVEIRA, 2020).

Averigua-se, no trecho, muitas palavras escritas erroneamente, bem como sua concordância; isso quer dizer que o texto não apresenta uma linguagem adequada perante o português padrão. Desse modo, dependendo da situação de comunicação não está incorreto, porém se esse texto for escrito em uma proposta de produção textual formal ou em uma situação de comunicação formal, ele não será aceito.

Diante do conteúdo abordado, ao utilizar parábolas nas aulas, além de ensinar um gênero distinto, também se auxilia na compreensão da linguagem formal, visto que as parábolas são usadas nas igrejas. Assim, os líderes religiosos pregam para muitas pessoas, por isso devem falar formalmente, como já mencionado anteriormente.

3.2 A coesão e a coerência

Na construção textual a coesão e a coerência são mecanismos fundamentais para haver uma compreensão adequada. Destarte, para um texto ser eficiente na transmissão da sua mensagem é primordial fazer sentido para os

leitores. Além do mais, precisa ser harmonioso, de forma que a mensagem flua naturalmente, segura e agradável aos ouvidos das pessoas.

A coesão textual é resultado da disposição e correta utilização das palavras dentro de um texto, proporcionando a ligação entre frases, períodos e parágrafos de maneira correta. Ela auxilia na ordenação do texto, que ocorre por meio de palavras chamadas conectivos.

Já a coerência é a relação lógica das ideias de um texto, ou seja, ele precisa ter sentido para quem lê, resultado especialmente dos conhecimentos do transmissor da mensagem pretendida. Dessa forma, a incoerência não é só uma questão de desconhecimento, decorre também da emissão de ideias contrárias e do uso de tempos verbais incorretos.

Um texto contraditório, redundante ou no qual cujas ideias iniciadas não são concluídas é um texto sem coerência. A incoerência compromete a clareza do discurso, a sua fluência e a eficácia da leitura do enunciado.

A coerência está ligada à lógica e ao raciocínio textual, todavia, para fazer julgamento de um texto como coerente ou incoerente deve-se levar em consideração o gênero textual e contexto em que o texto está inserido. Portanto, uma produção textual pode ser feita, por exemplo, em um mundo “imaginário ou “real”. Tais conceitos são reafirmados por Vilela e Koch (2001. p.10).

[...] o juízo de incoerência não depende apenas do modo como se combinam elementos linguísticos no texto, mas também de conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como do tipo de texto.

Ainda sobre esse assunto, sabe-se que na produção de texto o aluno não tem que se preocupar apenas com a utilização do português padrão, mas também com outros aspectos essenciais, como o a coesão e da coerência, por exemplo. E assim, com tantas regras gramaticais, os discentes acabam perdendo o interesse em escrever de maneira correta.

Conforme Michel Charolles (1978), existem quatro meta-regras de coerência; assim, se o aluno não utilizar os quatro elementos centrais para fazer um texto coerente, com certeza terá mais dificuldades na realização de sua redação. À vista disso, esses elementos podem ser usados em um plano de aula para auxiliar os alunos no ensino- aprendizagem. Esses elementos são:

A repetição, que seria a utilização de pronomes ou palavras e expressões equivalentes para a retomada dos elementos do texto.

A progressão seria o acréscimo de novas informações para a continuação da produção textual.

A não contradição, significando que para um texto ser coerente ele não pode começar falando algo e depois desmentir a afirmação realizada.

A relação entre fatos e conceitos, que devem se relacionar para a organização textual. Trata-se aqui de relações como causa e consequência, que se estabelecem entre segmentos sucessivos de discurso, por exemplo.

Charolles ressalta ainda a importância das meta-regras da repetição e da progressão andarem juntas, devendo haver um equilíbrio entre elas. Observe:

“A produção de um texto coerente supõe que este seja realizado em delicado equilíbrio (cuja natureza é difícil de avaliar exatamente) entre continuidade temática e progressão semântica, ou remática. Um tal desempenho exige que sejam conjuntamente dominadas as meta-regras I e II.” (Charolles, p. 58)

Já para compreender de maneira clara e eficiente a coesão textual, observe como algumas palavras/frases estão ligadas entre si, dentro de uma sequência lógica. Na fábula de Esopo, “O cão e a lebre”, encontramos tais conexões.

Um cão de caça espantou uma lebre para fora de sua toca, mas depois de longa perseguição, ele parou a caçada. Um pastor de cabras vendo-o parar, ridicularizou-o dizendo: “Aquele pequeno animal é melhor corredor que você”. O cão de caça respondeu: “Você não vê a diferença entre nós: eu estava correndo apenas por um jantar, mas ela por sua vida.” Moral: O motivo pelo qual realizamos uma tarefa é que vai determinar sua qualidade final (NERY, 2020).

Nota-se que há diversos elementos de coesão na fábula anterior, como os artigos indefinidos **um** e **uma** no início da narrativa que indicam uma informação nova, também mostram uma situação genérica, normalmente usada nas fábulas. Já quando utiliza o artigo definido em “**o** cão”, sabe-se agora quem é o cão.

Em “sua toca”, o pronome **sua** é referente à casa da lebre. Assim como, ao utilizar o vocábulo “cão”, são percebidos elementos coesivos para não repetir novamente a palavra, como em: “ele”, “vendo-o” e “ridicularizou-o”. A palavra “lebre” também é retomada em “Aquele pequeno animal” e “ela”.

Não se pode esquecer também de um elemento de coesão muito utilizado, a conjunção. Aqui no caso é usada a conjunção, mas em “[...] eu estava correndo apenas por um jantar, **mas** ela por sua vida”, indicando um contraste entre as orações.

É perceptível que os sentidos do texto são "fios entrelaçados" e não frases desconexas ou palavras soltas. Assim, são os elementos coesivos que organizam o texto de maneira lógica e eficaz, auxiliando também na coerência do texto. Percebe-se que a fábula também tem coerência, pois não contradiz nada do início ao fim, ou seja, ela tem lógica.

Portanto, para o professor trabalhar a coesão e coerência, deve utilizar muita leitura em suas aulas, como também oferecer diversas atividades sobre coesão e coerência. Por exemplo, para trabalhar a coerência, o professor pode apresentar um texto que não tenha nenhuma coerência, e assim os alunos têm que identificar as partes incoerentes do texto.

Já para trabalhar a coesão, o professor pode apresentar um texto cheio de lacunas e solicitar aos alunos o preenchimento com os conectivos que estão fora do texto (em um quadro, por exemplo). São atividades como essas que despertam o aprendizado. Por isso, não basta diagnosticar um problema, mas sim propor solução para ele.

Segundo Fávero e Koch (1998), é no texto que o discente expõe o que ele sabe sobre o mundo, por isso, quando utiliza da coesão e coerência abre-se um leque de possibilidades para dizer o que pensa sobre determinado assunto.

(...) texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (sentido estrito). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independentemente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, dentre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência (FÁVERO e KOCH, 1998, p. 25).

Conforme o trecho acima, texto não é só o que a maioria das pessoas pensam como um amontoado de parágrafos, mas sim uma manifestação de comunicação do ser humano, ou seja, com ele as pessoas podem expor suas opiniões. Lembrando que só conseguirão fazê-lo de maneira coesa e coerente.

3.3 A ortografia

A ortografia estuda a forma correta de escrita das palavras de uma língua. Assim do grego "*ortho*", que quer dizer correto, e "*grafo*", que significa escrita, por sua vez. Por isso, é importante conhecer a forma correta da escrita para que todos saibam se expressar de forma compreensível.

O Brasil é um país de grande extensão territorial e, portanto, possui uma grande diversidade de falares, é impossível unificar a forma de falar dos brasileiros. Contudo, no momento da escrita, é preciso que haja uma homogeneização para facilitar a comunicação entre as pessoas. Diante disso, Moraes (2003, p. 19) discorre:

A ortografia funciona assim como um recurso capaz de "cristalizar" na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, lê em voz alta.

Desse modo, necessita-se detectar possíveis "erros" dos discentes para diminuí-los ou saná-los. E assim, segundo Moraes (1998, p. 9) "A ortografia é um tipo de saber resultante de uma convenção de negociação social e que assume um caráter normatizador prescritivo".

Nota-se, também, que é imprescindível que o aluno conheça a grafia correta das palavras de sua língua-mãe, para utilizá-la nas propostas textuais de forma coerente e eficiente. Diante de tais informações, observe a seguir as maiores dificuldades que os alunos têm em relação à ortografia.

Utilização do h: A letra h é usada nas seguintes situações a seguir:

- Por força da etimologia: homem, habilidade, hoje
- No final de algumas interjeições: Uh! Ah! Oh!.
- Nos dígrafos ch, lh, salsicha, vermelha, nenhuma.
- Nas palavras compostas: super-homem, sobre-humano, bem-humorado.

Utilização do x: O x é usado nas seguintes situações a seguir:

- Palavras com origem africana ou indígena: xingar, xará, xavante.
- Depois da sílaba inicial *-en*: enxame enxofre, enxada
- Normalmente, depois dos ditongos: peixe, caixa, deixa.
- Depois da sílaba *-me*: mexicano, mexer, mexido.

Algumas exceções: O verbo "encher" escreve-se com ch. Assim como as palavras que dele derivem: encharcar, enchido enchente. O vocábulo "mecha" (porção de cabelo) escreve-se com ch.

Observe abaixo algumas palavras que os alunos se confundem:

- Palavras escritas com x

mexerico;
bexiga;
lagartixa;
faxina;
bruxa;
caxumba;
graxa.

- Palavras escritas com ch

broche;
mochila;
salsicha;
colcha;
bochecha;
boliche;
fachada;

- Utilização do z e do s

O z é utilizado nas seguintes maneiras:

- Sufixos -ez / -eza que formam substantivos a partir de adjetivos: belo – beleza, grande – grandeza, magro - magreza.
- Sufixo - izar, que forma verbo: hospitalizar, atualizar, batizar.

O s, por sua vez, é utilizado nas seguintes maneiras:

- Conjugação dos verbos pôr e querer: quis, quiseram pôs.
- Adjetivos terminados pelos sufixos -oso / -osa que indicam grande quantidade, estado ou circunstância: feioso, bondosa, oleoso.
- Nos sufixo -ês, -esa, -isa que indicam origem, título ou profissão: francesa, marquesa, poetisa.

- Depois de ditongos: lousa, coisa, maisena.
- Algumas palavras escritas com s e z que os discentes têm dificuldade
São escritas com s:
groselha;
invés;
análise;
atrás;
através;
aviso;
jus;
uso;
alisar;
gás.
- São escritas com z
aprazível;
azia;
amizade;
azar;
rodízio;
giz;
desprezo;
prazer;
talvez.
- Utilização do g e do j
O g é usado nas situações seguintes:
 - Nos substantivos que terminem em *-gem*: vagem, viagem, alavancagem.
 - Nos vocábulos que terminem em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*: contágio, régio, litígio, relógio, subterfúgio.

Já o j, por sua vez, é utilizado nas situações seguintes:

- Palavras com origem africana: jagunço, jabá, jiló.
- Palavras com origem indígena: jerimum, canjica, pajé.
- Atenção: quando utilizamos o do verbo viajar no Presente do Subjuntivo escreve-se com j: (Que) eles/elas viajem.

Verbos que, no infinitivo, contenham g antes de e ou i, o g é substituído para j antes do a ou do o, de forma a que seja mantido o mesmo som pretendido. Assim: ajam - ajo, afligir - aflija, aflijo; eleger - elejam, elejo; agir.

- Escreve-se com g

tangerina;
gim;
estrangeiro;
gingibre;
angélico;
geringonça;
tigela;
gíria;
ligeiro;
sargento.

- Escreve-se com j

berinjela;
cafajeste;
anjinho;
traje;
jiló;
sarjeta;
jiboia;
gorjeta;
laje;
jeito.

Existem uma série de palavras e expressões que oferecem dificuldades. Abaixo temos alguns exemplos delas:

Mas / Mais

Participei da corrida, mas não ganhei nada. (porém)

Eu preciso de mais sal (aumento de quantidade)

Abaixo / A baixo

Faça a lição que consta abaixo. (em posição inferior)

Ele olhou de cima a baixo para mim. (relação com a expressão "de cima" ou "de alto")

Onde / Aonde

Eu não sei onde deixei minhas chaves. (não sugere movimento)

Aonde você vai com pressa? (sugere movimento)

Mal/ mau

Eu não desejo mal a ele (antônimo de bem)

André foi demitido porque era um mau funcionário (antônimo de bom)

Parônimos e homônimos

Existem palavras que são muito confundidas na Língua Portuguesa por serem parecidas, todavia possuem significados e objetivos diferentes. Consequentemente, confundem os alunos no momento da criação da produção textual. Dessa forma, estamos diante de palavras parônimas quando são parecidas na grafia ou na pronúncia, mas têm significados diferentes, observe:

emigrar (deixar o país) imigrar (entrar no país)

cavaleiro (de cavalos) cavalheiro (educado)

descriminar (absolver) discriminar (distinguir)

descrição (descrever) discrição (de discreto)

comprimento (tamanho) cumprimento (de cumprir ou cumprimentar)

Pode-se estar diante de palavras homônimas quando elas têm a mesma pronúncia, mas significados diferentes.

tachar (censurar)	taxar (fixar taxa)
cela (cômodo pequeno)	sela (de cavalos)
cheque (meio de pagamento)	xeque (do xadrez)
ruço (pardo claro)	russo (da Rússia)
esperto (perspicaz)	experto (experiente)

Em suma, se o professor identificar os maiores problemas de seus alunos, deve buscar estratégias para solucioná-los. Os problemas aqui apontados são poucos diante de tantos possíveis, por isso, cabe aos docentes aplicarem produções diagnósticas no início do ano letivo, para identificar as dificuldades de seus alunos. Dessa forma, como conclusão final, Morais (1999) declara que

Um melhor desempenho ortográfico pode ser obtido através de estratégias de ensino que levem o aprendiz a tomar consciência, a um nível explícito, das restrições regulares de nossa notação escrita. Defendendo, então, que um ensino sistemático de ortografia, baseado no debate e na reflexão das restrições da norma ortográfica, possibilita uma maior capacidade dos alunos notarem corretamente as palavras (p.22).

Com a afirmação de Morais, nota-se que, para obter um resultado satisfatório na escrita correta das palavras, o professor precisar usar estratégias de caráter mais reflexivo, para que os alunos entendam as regras e o porquê da necessidade de se escrever de maneira correta. Estratégias já vistas e outras que ainda encontraremos neste trabalho.

3.4 A intertextualidade no gênero parábola

Antes de conhecer a intertextualidade nas parábolas, é necessário saber em que consiste esse instrumento tão presente na sociedade. A intertextualidade é um recurso praticado entre textos, isso é, a relação e influência que um texto estabelece sobre outros. Dessa maneira, determina o fenômeno relacionado ao processo de produção de textos que faz referência (implícita ou explícita) aos elementos que compõem em outro texto, seja em nível de conteúdo, de forma ou de ambos.

Portanto, a intertextualidade é o diálogo entre textos, de forma que essa relação possa ser estabelecida entre as produções textuais que apresentem linguagens diversas (escrita, visual, auditiva), sendo expressiva nas artes (cinema, literatura, pintura, escultura, música, dança), em propagandas publicitárias, charges, provérbios, etc.

Deve-se ensinar ao discente que a intertextualidade não é simplesmente uma cópia de um texto que já existe, mas sim uma chance de o aluno fazer uma associação textual com suas semelhanças e diferenças. Diante disso, ele pode vir a ter um novo olhar sobre determinada obra ou história. Jenny (1979) em seu artigo “A estratégia da forma”, discorre que:

Fora da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra duma língua ainda desconhecida. De facto, só se apreende o sentido e a estrutura duma obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos - por sua vez abstraídos de longas séries de textos, de que constituem, por assim dizer, a constante. Esses arquétipos, provenientes de outros tantos “gestos literários”, codificam as formas de uso dessa “linguagem secundária” (Lotman) que é a literatura. Face aos modelos arquetípicos, a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou de transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define [...]. Fora de um sistema, a obra é, pois, impensável (p. 5).

Existem diversas maneiras de acontecer a intertextualidade, conforme o que o autor quer enfatizar em sua situação comunicativa. Por isso, observemos os principais tipos de intertextualidade para compreender a intenção de cada texto.

- **Paráfrase:** é a recriação de um texto já existente mantendo a mesma ideia contida no texto de origem, porém com o uso de outras palavras distintas.
- **Paródia:** é a reformulação de um texto, entretanto o autor usa como base um discurso já existente e opõe-se a ele. A paródia se baseia em um caráter contestador do texto anterior que aparece, normalmente, em forma de crítica irônica de caráter humorístico. Recurso muito usado em programas de humor.
- **Alusão:** é a ação de insinuar ou indicar um texto anterior sem, entretanto, aprofundar-se. Assim, esse mecanismo de intertextualidade apresenta de forma superficial e objetiva ideias, informações ou outros dados presentes em texto.
- **Citação:** é o acréscimo de partes de outras obras numa produção textual, de forma que dialoga com ele; em geral vem expressa entre aspas e itálico, já que se trata da enunciação de outro autor dentro do texto. A citação é um importante recurso, haja vista que sua apresentação sem relacionar a fonte

utilizada é considerado um plágio, ou seja, algo ilegal. Dessa forma, é necessário explicar isso aos alunos.

- Epígrafe: Um recurso bastante utilizado em obras, textos científicos, desde artigos, resenhas, monografias, visto que consiste no acréscimo de uma frase ou parágrafo que tenha alguma relação com o que será discutido no texto.

Muitas vezes, o autor do texto não original quer mudar o sentido da história e fazer as pessoas olharem-na com uma nova perspectiva, como no caso do texto a “Parábola do filho pródigo”, que já suscitou diversos autores a compor músicas destacando a ideia de júbilo por parte do pai e de remissão por parte do filho. Para entender a intertextualidade que será apresentada posteriormente, veja a parábola mencionada a seguir:

Continuou: Certo homem tinha dois filhos: O mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então ele foi e se agregou a um dos cidadãos aquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, o abraçou e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos. Porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se. Ora, o filho mais velho estivera no campo; e quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar, saindo, porém, o pai procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado. Então lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu (LUCAS 15, 11 – 31).

Ao analisar a parábola, percebe-se que fala sobre o perdão que um pai dá ao filho que pensava estar morto. Ao mesmo tempo, mostra a indignação do outro filho com as atitudes de seu pai. Assim, ela pode trazer várias interpretações para quem a ouve e também pode ser fonte de intertextualidade, como a seguir, numa

canção. Podemos ver que, nas duas construções, o filho vai embora de casa procurando novas aventuras e gasta todo o dinheiro que o pai lhe dera. Entretanto, nas duas histórias ele volta para casa arrependido e é bem recebido pelo pai. Observe a canção mencionada a seguir: “Este pranto em minhas mãos – Dom Carlos Alberto Navarro/Waldeci Farias”.

Muito alegre eu te pedi
O que era meu Partir!
Um sonho tão normal.
Dissipei meus bens, o coração também.
No fim, meu mundo era irreal.
Confiei no teu amor e voltei.
Sim, aqui é meu lugar!
Eu gastei teus bens, ó Pai,
E te dou este pranto
Em minhas mãos.
Mil amigos conheci; disseram adeus.
Caiu a solidão em mim.
Um patrão cruel levou-me a refletir: meu pai não trata
um servo assim!
Nem deixaste-me falar
de ingratidão;
Morreu, no abraço,
O mal que eu fiz.
Festa, roupa nova, o anel,
sandálias aos pés;
Voltei à vida; sou feliz.

Outra canção que pode dialogar com a “Parábola do filho pródigo” é “Ovelha Negra” de Rita Lee (1997). Observe-a na sequência:

“Levava uma vida sossegada
Gostava de sombra e água fresca (...)
Foi quando meu pai me disse: filha
Você é a ovelha negra da família.
Agora é hora de você assumir e sumir.”

Assim, a “ovelha negra” pode ser lembrada como o filho da parábola que também não tinha responsabilidade e foi embora de casa. Nesse contexto, percebe-se que uma diferença consistente é que o filho pródigo foi embora porque quis, já a filha da canção é mandada embora pelo pai.

O professor pode mostrar essas intertextualidades aos alunos e pedir para encontrarem as semelhanças e diferenças com os textos originais; com isso, além de ensinar esses recursos, pode trabalhá-los também na produção textual. Dessa maneira, pode ser solicitado aos alunos criarem uma paráfrase ou paródia de algum texto trabalhado em sala de aula anteriormente. Como o exemplo a seguir, da canção “Alô, Meu Deus”, do Padre Zezinho, que faz intertextualidade com a “Parábola do filho pródigo”. Observe-a.

Alô meu Deus
 Fazia tanto tempo
 Que eu não mais te procurava
 Alô meu Deus
 Senti saudades tuas
 E acabei voltando aqui

Andei por mil caminhos
 E, como as andorinhas
 Eu vim fazer meu ninho
 Em tua casa e repousar
 Embora eu me afastasse
 E andasse desligado
 Meu coração cansado
 Resolveu voltar

Eu não me acostumei
 Nas terras onde andei
 Eu não me acostumei
 Nas terras onde andei

Alô meu Deus
 Fazia tanto tempo
 Que eu não mais te procurava
 Alô meu Deus
 Senti saudades tuas
 E acabei voltando aqui

Gastei a minha herança
 Comprando só matéria
 Restou-me a esperança
 De outra vez te encontrar

Voltei arrependido
 Meu coração ferido
 E volto convencido
 Que este é o meu lugar
 (Padre Zezinho)

Na canção, percebe-se uma paráfrase em relação à “Parábola do filho pródigo”, assim como quando o eu lírico está arrependido de ter abandonado seu pai e quer voltar para casa. Desse modo, como na parábola, gasta toda sua herança e volta para seu lar pedindo perdão pelas atitudes erradas.

Em suma, a intertextualidade é uma maneira de lembrar uma obra e por meio dela criar outra. Esse recurso faz o leitor buscar seu conhecimento de mundo e interpretá-lo da maneira que achar coerente. Em vista disso, é importante o aluno conhecer os tipos de intertextualidades, bem como criar um texto que a utiliza. Assim, mostrar a intertextualidade das parábolas que foram escritas no passado é um meio que pode ser interessante e exitoso.

3.5 Tipologia textual

A tipologia textual se refere às diferentes formas de organização e apresentação linguística de um texto. Conhecida também como tipo textual, ou ainda como modo de organização do discurso, esse método de classificação de texto se dá por meio dos seus aspectos sintáticos, das relações lógicas, do objetivo comunicativo, dos tempos verbais empregados, entre outros. Assim, conforme Werlich (1973), a tipologia textual é dividida em cinco partes que são: narração, descrição, injunção, exposição e argumentação.

O tipo textual apresentado na parábola é a narração, pois dispõe de características dessa tipologia, como personagens, espaço, tempo, narrador e sequência narrativa. Dessa maneira, a seguir veremos essas características mais detalhadamente:

- **Enredo:** é o assunto ou tema da história que pode ser contada de maneira não linear ou linear. Lembrando que ele tem início, complicação, clímax e conclusão.
- **Narrador:** chamado também de foco narrativo, representa a "voz do texto". Dependendo de como compõem a narração, ele é nomeado em três tipos: Narrador personagem (O narrador personagem participa da história como um personagem da trama), narrador observador (esse tipo de narrador conhece a história de modo que observa e relata os acontecimentos) e o narrador onisciente (aquele que conhece toda a história e sabe tudo sobre os outros personagens, inclusive suas ideias e pensamentos).
- **Personagens:** são os seres que estão presentes na história e atuam nela. Assim, se forem muito importantes são chamados de personagens principais ou protagonistas da história. E os demais, que não possuem grande destaque, são os personagens secundários ou coadjuvantes.
- **Tempo:** é que determina o período em que a história percorre. Dessa forma, pode ser psicológico, que não segue uma linearidade dos fatos, podendo ser um tempo interior que ocorre na mente das personagens, ou pode ser cronológico, quando segue uma ordem de acontecimentos.
- **Espaço:** é o local onde se desenvolve a narrativa. Ele pode ser físico (praia, campo, apartamento, hospital, rua, etc) ou psicológico (ambiente interior de um personagem, a história é narrada num fluxo de sentimentos e ideias).

A parábola como tipologia narrativa possui os elementos citados anteriormente, conforme sua particularidade. Por isso, observe a “Parábola dos talentos” de Matheus para identificar cada elemento narrativo em sua composição:

Um homem rico, prestes a iniciar uma longa viagem, chamou os seus três servos e lhes disse que eles seriam os guardiões de seus bens enquanto estivesse ausente. Após o mestre analisar as habilidades naturais de cada um, ele deu 5 talentos a um servo, 2 a outro, e 1 ao terceiro. Em seguida, partiu para sua viagem. Os servos não perderam tempo e imediatamente adentraram o mundo do empreendimento e dos investimentos. Aquele que recebera cinco talentos empreendeu e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas o que havia recebido apenas um fez uma cova no chão e escondeu ali a propriedade do seu mestre. Depois de muito tempo, o mestre retornou e foi acertar as contas com seus servos. O servo que havia recebido 5 talentos se apresentou. “Meu senhor”, ele disse, “o senhor me confiou 5 talentos; veja, aqui estão mais cinco que eu consegui!”. “Muito bem, servo bom e fiel!” o mestre respondeu. “Já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra no gozo do teu senhor!” Em seguida, o servo que havia recebido 2 talentos se aproximou do mestre. “Meu senhor”, disse, “o senhor me confiou 2 talentos; veja, obtive mais dois!” O mestre disse: “Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito, entra no gozo do teu senhor”. Finalmente, aquele que havia recebido 1 talento se aproximou de seu mestre. “Meu senhor”, disse, “eu soube que és um homem severo, ceifas onde não semeaste e recolhes onde não joeiraste; e, atemorizado, fui esconder o teu talento na terra; aqui tens o que é teu!”. A resposta do mestre foi rápida e severa: “Servo mau e preguiçoso! Se sabias que ceifo onde não semeiei e que recolho onde não joeirei, devias, então, ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, ao meu retorno, teria recebido o que é meu com juros”. O mestre ordenou que o talento fosse tomado do servo preguiçoso e dado àquele que tinha dez talentos: “Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos; porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá o choro e o ranger de dentes!”
(Mt 25:14-30)

O primeiro elemento narrativo analisado serão os personagens da parábola, constituídos do senhor e seus três servos, haja vista que eles atuam na narrativa. O segundo elemento é o narrador que, conforme suas características, é considerado observador, pois não participa da história.

Percebe-se que o tempo é cronológico, seguindo uma ordem de acontecimentos, como na conversa do senhor e seus servos, sua viagem e sua volta. Por fim, o espaço não é apresentado com exatidão, ou seja, é amimético. Porém, cada leitor pode imaginá-lo de acordo com seu conhecimento de mundo.

A tipologia narrativa é predominante nas parábolas, todavia isso não quer dizer que elas não tenham nenhum fragmento de outras tipologias existentes, como descritiva e argumentativa, por exemplo. Assim, para se compreender um texto em sua totalidade, é preciso conhecê-las.

Para Werlich (1973), a base temática de um texto é representada pelo início dele ou pelo seu título, como adequada à formação de sua tipologia. A seguir, vejamos a tabela segundo Werlich (1973, apud MARCHUSCHI, 2002, p.29-30).

Bases Temáticas	Traços Lingüísticos	Exemplos
1. Descritiva	“Sobre a mesa havia milhares de vidros”	Este tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples, comum, verbo estático no presente ou imperfeito, um complemento e uma indicação circunstancial de lugar
2. Narrativa	“Os passageiros aterrissaram em Nova York no meio da noite.”	Este tipo de enunciado textual tem um verbo de mudança no passado, um circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação.
3. Expositiva	(a) “” Uma parte do cérebro é o córtex.”” (b) “” O cérebro tem 10 milhões de neurônios.””	Em (a) temos uma base textual denominada de exposição sintética pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos. Em (b) temos uma base textual denominada de exposição analítica pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como: “” contém””, “” consiste””, “” compreende””) e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. Trata-se de um enunciado de ligação de fenômenos.
4. Argumentativa	“” A obsessão com a durabilidade nas Artes não é permanente. “”	Tem-se aqui uma forma verbal com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade.

5. Injuntiva	“pare!”, “seja razoável!”	Vem representada por um verbo no imperativo. Estes são os enunciados incitadores à ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um “deve”. Por exemplo; “Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistarem-se.”
--------------	---------------------------	---

A tabela proposta por Werlich (1973) é muito importante porque explica a tipologia apresentada e, ao mesmo tempo, mostra um exemplo da sua característica principal. Assim, pode-se atrelar os gêneros conforme sua característica principal, para encontrar sua tipologia adequada. O estudioso Marcuschi (2008) explana sua opinião em relação à definição tipológica:

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas (p. 8).

Por fim, é necessário que o aluno saiba identificar cada tipologia com suas características principais, assim, quando construir um texto, o fará de maneira consciente. Além disso, ele também precisa aprender a diferenciar a tipologia textual do gênero textual, para ter um entendimento eficaz na construção de um texto adequado.

3.6 Gêneros textuais

Os gêneros textuais são classificados conforme as características comuns que os textos apresentam em relação ao conteúdo e à linguagem. Há muitos gêneros textuais os quais promovem uma interação entre os interlocutores (emissor e receptor) de um discurso. Alguns exemplos são: a resenha crítica, o anúncio publicitário, a receita culinária, o menu do restaurante, o bilhete, o artigo científico, a crônica, a parábola, etc.

Desse modo, é necessário considerar seu contexto, função e finalidade, pois o gênero textual pode possuir mais de um tipo textual dentro de sua estrutura. Isso quer dizer que uma receita culinária contém a lista de ingredientes necessários para a sua preparação (texto descritivo) e o modo de seu preparo (texto injuntivo), já um

romance, que é um texto predominante narrativo, pode conter bastantes descrições na sua composição.

Diante das informações anteriores, observe a seguir a tipologia textuais com seus respectivos gêneros. Lembrando que foram utilizados apenas alguns gêneros entre os incontáveis existentes, já que há muitos e sempre surgem novos, como por exemplo o WhatsApp e o Meme.

- Tipo textual narrativo: Conta uma história

romances;	crônicas;
parábolas;	contos;
novelas;	fábulas.

- Tipo textual descritivo: Descreve objetos, pessoas, animais, entre outros

relatos de viagens;	anúncios de classificados;
folhetos turísticos;	cardápios de restaurantes.
diários;	

- Tipo textual expositivo: Informa sobre assuntos sem expressar opinião.

notícias;	verbetes de dicionário.
resumos escolares;	reportagens;
artigos científicos;	

- Tipo textual argumentativo: Defende uma ideia com argumentos.

teses;	abaixo-assinados;
manifestos;	sermões.
artigos de opinião;	

- Tipo textual injuntivo: Instrui e explica algo.

receitas culinárias;	tutoriais de beleza;
guias rodoviários;	bulas de remédio.
manuals de instruções;	

Ao observar os gêneros textuais com suas respectivas tipologias, verificamos que cada gênero corresponde a uma tipologia predominante. Ao saber

disso, temos uma visão melhor da intencionalidade de cada um, por exemplo uma receita culinária tem a função injuntiva de ensinar a fazer algo, já a notícia tem a função expositiva de informar um assunto. E assim, destaca-se o gênero parábola, que é narrativo, porém com particularidades distintas.

3.7 Linguagem verbal e linguagem não verbal

Linguagem verbal e linguagem não verbal são termos frequentes nos estudos linguísticos, uma vez que, enquanto atividade humana, pode ser manifestada de diferentes maneiras, a depender da intenção que temos no momento de se comunicar.

Pesquisadores dessa área do conhecimento, a linguística, costumam dividir a linguagem em: verbal e não verbal. Assim, saber reconhecer e utilizar essa importante ferramenta, seja na modalidade que for, é muito importante para que possamos realizar atos comunicativos eficientes.

Sabe-se que as pessoas têm necessidade se comunicar, então, é por meio desse processo que há uma construção social, que se produz conhecimentos, que há convivência entre as pessoas. Nessa perspectiva, recorreremos a diferentes maneiras de estabelecermos esses contatos, que não se limitam ao uso da linguagem verbal apenas.

Ao observar nosso corpo, vemos que as nossas expressões faciais e o próprio silêncio, às vezes, possuem mais sentido do que um texto escrito ou até mesmo uma fala. É só nos lembrarmos daquele olhar de um professor, ao repreender um aluno sem sequer pronunciar uma palavra.

Por causa disso, também nos valem da chamada linguagem não verbal em nossos atos comunicativos; um tipo de linguagem que não se estabelece por meio de palavras, mas, muitas vezes, por meio de gestos, índices, ícones, símbolos, etc.

A linguagem não verbal é tão importante que, mesmo quando estamos nos comunicando com uma pessoa que não compartilha conosco do mesmo código, conseguimos, muitas vezes, nos comunicar por meio de mímicas, da forma como postamos o nosso corpo, ou até mesmo pelo olhar.

Exemplos de linguagem não verbal:

pinturas,

Mímicas,

desenhos,
esculturas,
semáforos,

coreografias,
placas de trânsito.

Portanto, são incontáveis os modos de ocorrência da linguagem não verbal dentro do discurso. Já a linguagem verbal é aquela que se estrutura por meio da palavra – escrita ou oral. É correto dizer que, para que façamos uso da linguagem verbal, é essencial que sejamos falantes/usuários de uma língua, que consiste em um sistema de representação (historicamente construído e social), formado por signos linguísticos, por exemplo.

A linguagem verbal se manifesta na fala, nas produções textuais, nos livros, assim como em propagandas, textos científicos, e em tantas outras situações comunicativas.

Existe também a linguagem mista, ou seja, é quando há um uso simultâneo da linguagem verbal e da não verbal para a construção da mensagem comunicativa, como por exemplo uma tirinha ou um cartaz.

Ao utilizar esse tipo de linguagem, a ideia é a de ampliar as possibilidades comunicativas, uma vez que, em determinados atos comunicativos, apenas a linguagem verbal, ou apenas a não verbal, não se fazem suficientes para o entendimento, sendo, dessa forma, necessário unir as duas para obter êxito.

A linguagem verbal e a não verbal precisam ser apreendidas pelos alunos para que possam utilizá-las em seus textos, conforme o que pretendem transmitir, por isso ambas fazem parte deste trabalho.

Assim, ao criar uma parábola, o aluno constrói um texto verbal, todavia, isso não o impede de fazê-la em formato de história em quadrinhos, ou seja, utilizando a linguagem mista. Isso é uma forma de despertar o interesse do aluno para o visual, haja vista que assim ele pode compreender de uma maneira mais fácil a produção textual. Para complementar, fiquemos com as palavras de Waldomiro Vergueiro:

As crianças naturalmente gostam dos quadrinhos, se identificam com a narrativa. Afinal, a linguagem dos quadrinhos se aproxima muito do universo das crianças e também dos adolescentes. Felizmente, aqui no Brasil, temos uma forte produção infantil [basicamente assinada por Maurício de Sousa] que está facilmente disponível no mercado e ao alcance de boa parte dos leitores. A leitura é fácil e prazerosa. Se compararmos com a de outros países, a produção de quadrinho infantil brasileiro é bastante significativa. Nos EUA, por exemplo, não se publica mais quadrinho infantil. Lá, as histórias são voltadas para os jovens (VERGUEIRO, 2009, n.p.).

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA QUE DESENVOLVA A COMPETÊNCIA ESCRITA DO ALUNO, DE ACORDO COM A BNCC

Este capítulo referirá a respeito de meios para colocar em prática todo o estudo adquirido em relação à produção textual e à parábola. Desse modo, se discorrerá, no primeiro momento, sobre duas parábolas e seus usos na sala de aula, em contribuição à produção de texto. Em seguida, se abordará sobre o projeto intitulado “Sou escritor”, que visará a colaboração da leitura na produção textual, bem como em atividades que auxiliem esse processo de escrita. Na sequência, será explanado sobre aulas conectadas no auxílio da construção do livro digital da turma do 6º ano. Para finalizar, será abordado o auxílio que as novas tecnologias propiciam aos educandos.

Este projeto tem como objetivo final a elaboração de um livro digital construído com as parábolas criadas pelos alunos, fazendo com que aprendam, de maneira lúdica, como escrever de maneira compreensível. Toda essa sequência didática comporá uma apostila para o professor de Língua Portuguesa utilizar em sua prática docente.

Em consonância com a BNCC, esse material visa um ensino mais concreto e menos abstrato, com práticas de textos orais ou escritos contextualizadas para o discente. Sendo assim, tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, Brasil, 2018 p. 67)

Desse modo, esse material será dividido em quatro partes: A tecnologia versus a escrita, Exemplos de duas parábolas e sua utilização em sala de aula, Projeto “Sou escritor”, um auxílio da leitura na produção textual e Sequência didática na construção de alunos escritores. Em concordância com o que já foi explicitado, em sua Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa Lato Sensu - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profª Drª Marilena Zanon, Souza (2015) ressalta

O texto narrativo e a parábola são os objetos de apoio ao ensino, instrumentos de contribuição ao processo cognitivo e interpretações, movem a interação com diversas fontes de conhecimento, envolvem o

processamento do texto e o uso das experiências com objetivo de extração de sentido, desenvolvimento pessoal e social. São modelos de leituras interativas que ensinam a pensar, num exercício de desenvolvimento psicológico de linguagem que repercute em atitudes positivas e criativas. Favorecem a construção do conhecimento, desenvolvimento da compreensão e extração de sentido, aspectos relevantes no âmbito educacional e no aprendizado para a vida. A organização narrativa, a presença de metáforas, a possibilidade de variadas interpretações, a estrutura sistemática, capacitam e auxiliam o processo de produção e compreensão de conceitos sociais, ideais históricos, culturais, presentes na linguagem comunicativa do indivíduo.

4.1 Exemplo de duas parábolas e sua utilização em sala de aula

Esta é a primeira etapa da sequência didática. Aqui, o objetivo é trabalhar com duas parábolas antigas para contribuir na criação da parábola que os alunos criarão no final da atividade.

As parábolas do Novo Testamento fazem as pessoas repensarem suas atitudes perante o próximo, sendo utilizadas no passado e atualmente como fonte de reflexão. Por isso, são essenciais na construção de cidadãos mais pensantes e racionais. Assim, veja a parábola a seguir a “Parábola do semeador”:

Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se à beira-mar. E, como o povo se reunia em massa e vinha ter com ele gente de todas as cidades, reuniu-se em torno dele tão grande multidão, que Jesus, entrando num barco que estava no mar, sentou-se nele, e, dirigindo-se ao povo que estava em terra, de pé na praia, ensinou-lhes muitas coisas por meio de parábolas. E disse-lhes no seu ensinamento: “Ouvi: Eis que o semeador saiu a semear a sua semente”. E ao semear, uma parte das sementes caiu à beira do caminho, e vieram as aves do céu e a comeram, e outras foram pisadas. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra nem umidade, e logo nasceu porque a terra não era profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, porque não tinha raiz, secou. Outra parte das sementes caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto algum. “Outras, finalmente, caíram em terra boa, fértil e, brotando, cresceram e produziram fruto que cresceu e se desenvolveu, e uma produziu trinta, outra sessenta e outra cem”. E, dizendo isso, exclamou em voz mais alta, acrescentando: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mt 13, 1.9).

Essa parábola revela um forte ensinamento, que pode ser compreendido de várias maneiras; uma delas poderia ser, de acordo com a religião cristã: Jesus compara as sementes do semeador com as palavras de Deus, ou seja, alguns utilizam em suas vidas e outros não. Ao discorrer a respeito das sementes caídas à beira do caminho, pode estar se referindo às pessoas que ouvem, mas não dão atenção às palavras de Deus.

Já as sementes caídas nos pedregulhos são as pessoas que ouvem as palavras com entusiasmo, mas, na primeira dificuldade, desistem de segui-las. Assim, as sementes caídas nos espinhos são aquelas pessoas indiferentes às palavras ouvidas. Para finalizar, as sementes caídas em terra boa são as pessoas que ouvem a palavra de Deus e as põem em prática.

As parábolas retratam por volta de um terço dos ensinamentos de Jesus, sendo um gênero literário utilizado várias vezes no Novo Testamento. É importante ressaltar a utilização de elementos do cotidiano das pessoas da época, como sementes, moribundos e servos para disseminar uma ou mais lições importantes. Dessa maneira explana Graff:

Parábolas em geral são usadas para ilustrar ou facilitar a compreensão de um assunto complicado; falar do desconhecido a partir do conhecido, do abstrato para o concreto e servir como uma ponte para chegar lá. Quando Jesus fala do semeador que vai semear (Mt 13.3), ele não está falando de alguém realizando literalmente esse trabalho, mas de sua própria missão de semear o Evangelho. O objetivo da história é descrever alguma coisa diferente do que ela na verdade está afirmando. E é justamente pelo fato de uma parábola não ser nem sempre uma simples metáfora, que ela às vezes adquire um grau de complexidade maior em sua interpretação. É preciso atenção nas ações, personagens, situações e outros detalhes significativos. Por essa razão, parábolas também poderiam ser chamadas de alegorias, ou seja, há um outro sentido pretendido pelo texto. Porém, é importante observar que dizer que uma parábola é uma alegoria não significa necessariamente que podemos “alegorizar” uma parábola. Isso por sinal nem é recomendável. Graff (2014, p. 303)

Outra parábola que tem uma lição importante é a “Parábola do joio e do trigo”, assim, várias conclusões podem ser tiradas dela, conforme a religião do Cristianismo, como: o joio sendo as pessoas não seguidoras dos ensinamentos de Deus, que vivem no meio de seus fiéis, porém não têm poder de convencer os seguidores de Deus a mudar suas atitudes.

Dessa forma, as pessoas que têm atitudes boas, mesmo próximas das pessoas que têm atitudes más não serão influenciadas se, realmente, forem seguidoras das palavras de Deus, como observamos a seguir:

Jesus contou outra parábola. Ele disse ao povo: — O Reino do Céu é como um homem que semeou sementes boas nas suas terras. Certa noite, quando todos estavam dormindo, veio um inimigo, semeou no meio do trigo uma erva ruim, chamada joio, e depois foi embora. Quando as plantas cresceram, e se formaram as espigas, o joio apareceu. Aí os empregados do dono das terras chegaram e disseram: “Patrão, o senhor semeou sementes boas nas suas terras. De onde será que veio este joio?” — “Foi algum inimigo que fez isso!”, respondeu ele. — E eles perguntaram: “O senhor quer que a gente arranque o joio?” — “Não”, respondeu ele, “porque, quando vocês forem tirar o joio, poderão arrancar também o trigo. Deixem o trigo e o joio crescerem juntos até o tempo da colheita. Então eu direi aos

trabalhadores que vão fazer a colheita: ‘Arranquem primeiro o joio e amarrem em feixes para ser queimado. Depois colham o trigo e ponham no meu depósito’” (Mt 13, 24.30).

Ao trabalhar com as parábolas, o professor, além de ensinar um novo gênero narrativo, também conta a história de povos passados e seus ensinamentos na época. Isso não significa que o docente vai incentivar o aluno a seguir uma religião, mas, sim, a conhecer mais a fundo uma história milenar e valores positivos.

Sendo assim, o professor pode ensinar sobre a história e fazer os alunos imaginarem como era a cultura da época de uma civilização passada, além de poder comparar diferentes momentos da humanidade. Vejamos a possibilidade de uma aula de produção textual com a aplicação das parábolas.

Em primeiro lugar, a “Parábola do semeador” será lida e interpretada, com algumas perguntas para o entendimento da história. Em seguida, o professor mostrará um vídeo que a ilustre visualmente, ou seja, utilizará o recurso visual para complementar o entendimento da narrativa. No final, pedirá uma parábola que aborde o mesmo tema da história estudada. Lembrando que o professor tem que explicar a estrutura do gênero, bem como o tema que ele quer trabalhar. Perguntas que auxiliarão os alunos no momento de refletirem sobre a parábola lida.

- Qual mensagem Jesus quer transmitir com essa parábola?
- O que, para você, representam as sementes dentro da parábola?
- Qual tipo de terra as sementes germinaram? Por quê?
- Você considera essa parábola importante nos dias de hoje? Explique.

Ao utilizar os vídeos das parábolas em sala de aula, há uma contribuição com a representação gráfica de tudo o que o discente tem em sua mente sobre a história contada. Assim também prende a sua atenção por se tratar de uma maneira diferente e dinâmica de conhecer a narrativa. Ou seja, o vídeo motiva a curiosidade do aluno no desenvolver da história, porém, é preciso serem planejadas as aulas com essa ferramenta tecnológica e não apenas colocar o vídeo na televisão, como ressalta Mandarino (2002),

Ao explorar um vídeo, deve-se fazer analogias com outras concepções, métodos, técnicas e resultados que já foram ou podem ser explorados em sala de aula; O vídeo pode ter a função de apresentar conceitos novos ou já estudados no sentido de motivar o aluno, despertar a curiosidade e interesse, além de transmitir as ideias básicas relacionadas com o conteúdo da aula; O vídeo deve ser complementado pela apresentação dos conceitos/conteúdos na forma textual. O texto pode ser mais linear,

detalhado e acrescido de exercícios de fixação e aplicação. Vídeos e textos devem se complementar mutuamente; O vídeo tem a capacidade de aproximar o conhecimento científico do cotidiano, fazendo com que algumas concepções do senso comum passem a se fundamentar nas ciências; A dinâmica e o tempo de aula devem ser bem planejados, pois o uso do vídeo pressupõe sempre a atuação do professor; O vídeo pode ser usado como instrumento de leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento científico e da própria mídia (p. 3).

Assim, como afirmado anteriormente, a produção textual a ser trabalhada é uma parábola, o que contribuirá com a aprendizagem do aluno sobre a estrutura narrativa. Observe a proposta de produção textual que poderá ser trabalhada com os alunos.

- Construa uma parábola que aborde o mesmo tema da “Parábola do semeador”, ou seja, ela percorrerá sobre os caminhos que as pessoas seguem em suas vidas conforme seu livre arbítrio. Não esqueça de escrever de acordo com a estrutura do gênero em questão. Sua história deverá ter, no mínimo, 15 linhas e seguir as regras gramaticais.

A “Parábola do joio e do trigo” também deve ser utilizada como maneira de aprendizagem de produção textual em sala de aula. No primeiro momento, o professor passará um áudio com a parábola e, depois, comentará sobre a intenção do autor com aquela história.

No próximo passo, os alunos ilustrarão a história para expressarem os conhecimentos adquiridos através dela. Para finalizar, o docente pedirá para refletirem sobre uma única questão, fazendo assim que aprendam a explicar sua opinião sobre determinado assunto. Veja as propostas das atividades:

- Faça uma ilustração com base na parábola analisada, pense em todos os elementos presentes na história e solte sua imaginação. Não esqueça de dar um título interessante para seu desenho.
- Escreva um parágrafo de cinco linhas para responder à questão: Nos dias de hoje, quem são o trigo e o joio, em um sentido denotativo?

Essa primeira etapa tem o objetivo de ensinar, primeiramente, a tipologia narrativa e o gênero da parábola, para, posteriormente, discutir sobre as mensagens

trazidas por esses textos de forma figurada, convidando o aluno a refletir e buscar referência na vida real, com algum exemplo extraído de tantas parábolas construídas.

4.2 Projeto “Sou escritor”, um auxílio da leitura na produção textual

A escrita e a leitura são fatores fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade contemporânea, por isso, essa segunda etapa é essencial para a eficácia da sequência didática. Dessa forma, o ato de ler pode fornecer ao leitor a ampliação do vocabulário, o acesso às informações, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos diversos que, além de instigá-lo a pensar criticamente sobre diversas questões, pode impulsionar sua relação com as pessoas.

Por consequência, através de uma leitura formativa e informativa, o indivíduo poderá aprimorar a escrita, desenvolvendo-a com mais coesão e conhecimento (científico, cultural, entre outros) constituído por informações pertinentes a um assunto determinado. Segundo Kramer (2003, p. 66):

O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se. (...) A leitura e a escrita podem, à medida que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação.

A escola deve criar maneiras de incentivar o aluno a escrever de forma proveitosa para seu desenvolvimento como cidadão. Uma das opções é construir um projeto que vise um conhecimento adequado do aluno sobre a escrita. Sendo assim, o discente precisa, primeiro, gostar de ler para depois se aprofundar na leitura dos diversos gêneros e, na sequência, começar a escrever. Por isso, Menezes (2010) afirma:

“seja criada uma cultura escolar baseada no princípio “ler por prazer”, isto é, todos os intervenientes da comunidade educativa devem estar empenhados em criar nos alunos o gosto pela leitura, pois esta competência é um fator importante no sucesso escolar. Uma escola empenhada em alcançar melhores níveis de aprendizagem e melhores resultados escolares deverá motivar os docentes e os alunos para o valor da palavra escrita em todas as suas formas, criando uma cultura de leitura” (p.52).

Conforme os dizeres da autora, a escola precisa tornar a leitura um ato de prazer que, no primeiro momento, não seja uma obrigação, para só depois fazer uma avaliação do livro lido, por exemplo. Para garantir um ensinamento que possibilite um auxílio aos alunos, essa segunda etapa da sequência didática será constituída de três momentos: chá da tarde com leitura lúdica, contação de histórias em espaço aberto e construção de um livro digital da turma. Lembrando que esse projeto é direcionado aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Momento I- O professor disponibilizará um sábado por bimestre, com auxílio da escola, para realizar um chá da tarde com seus alunos do 6º ano. Assim, cada aluno que puder trará uma guloseima para o encontro a ser realizado na escola. O objetivo aqui é despertar o interesse do aluno na leitura, pois, em seguida, cada um poderá escolher um livro para ler em casa.

No encontro, também deve acontecer leitura de diversos gêneros textuais, como contos, fábulas, lendas e parábolas, a fim de se familiarizarem com o conteúdo trabalhado. Para finalizar, o docente contará uma história e ou pode fazer uma encenação com fantoches (apesar da idade, eles gostam).

Momento 2- Nesta etapa, o docente deve escolher uma data por bimestre, também, no horário de aula, em local ao ar livre, para uma Contação de histórias aos alunos. Esse lugar pode ser debaixo de uma árvore, em um quiosque da escola, ou até no jardim da mesma. O importante é fazê-lo em um local ao ar livre.

O professor escolherá um livro para cada aluno ler uma parte dele. Dessa maneira, o objetivo aqui é despertar no aluno a vontade de ler e querer aprofundar seu conhecimento na Língua Portuguesa. Essa etapa visa também a importância de mostrar que a leitura não precisa ser feita, necessariamente, na biblioteca ou na sala de aula, mas em qualquer lugar onde estejam pessoas propícias a vivenciá-la. Pode ser convidado algum contador de histórias para participar desse momento, o que será fascinante para os alunos, principalmente para sua imaginação e criatividade.

Momento 3- Nesse momento, serão desenvolvidas atividades com os alunos, culminando com a produção de um texto que fará parte do livro digital da turma. Assim, o texto construído pelo aluno integrará um livro digital, elaborado juntamente com o professor (existem várias ferramentas gratuitas na internet, que facilitarão essa tarefa).

Ao fazer um livro digital, o professor instiga o aluno a construir uma história para ser mostrada não só para ele, mas sim para diversas pessoas. Garantindo que

aquela história não ficará esquecida no papel. Ou seja, o aluno terá *para quem* escrever.

Em suma, cada etapa foi pensada da melhor forma para incluir o aluno na leitura e na escrita de maneira prazerosa, a fim de que ele perceba a oportunidade de aprender de maneira dinâmica e participativa. Lembrando que os alunos têm que poder opinar a respeito do trabalho realizado, contando com seu protagonismo. Zabala (1999) ressalta esse posicionamento a seguir:

Para a elaboração de um projeto de trabalho é preciso primeiro esboça-lo, para que assim possam se elaborar as linhas básicas de um plano que queremos realizar. Este procedimento tem muita importância, requer a aplicação de uma série de passos, ordenados de forma adequada para a obtenção de bons resultados. O esboço de um projeto, por mais simples que seja, ajudará os alunos a aprenderem a formular hipóteses sobre o tema desenvolvido e ao mesmo tempo aplicar outras que já conhecem (ZABALA, 1999, p.32).

Primeiramente, o professor trabalhará com diversas parábolas antigas e contemporâneas, para, depois, pedir uma história que aborde as características desse gênero. Por isso a etapa seguinte é fundamental.

4.3 Aulas conectadas no auxílio da construção do livro digital

Esta próxima parte visa o fechamento do aprimoramento dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental em relação à compreensão da estrutura textual, bem como sua construção de maneira exímia.

Na elaboração das aulas, utilizando essa atividade, percebe-se que ela torna o trabalho do professor mais organizado e, conseqüentemente, isso deixa o aluno mais confiante, sabendo o que se espera dele em cada aula. Diante disso, Arnemann afirma que:

O plano de aula, organizado sob forma de sequência didática, contribui tanto com o professor, pelo viés do ensino, como com os momentos, de caráter dinâmico, mantém o fio condutor para atender um determinado objetivo, no caso, que os alunos utilizem a informação para construir seus argumentos (ARNEMANN, 2016, p. 7).

Assim, a atividade será dividida em quatro aulas de 45 minutos, para deixá-las mais organizadas e, conseqüentemente, compreensível ao discente. Diante disso, observe-as a seguir.

Primeira aula: Conhecendo o gênero parábola

O docente apresentará aos alunos a história e estrutura das parábolas para compreenderem sua essência e importância. A apresentação será visualizada na lousa, via projetor, a fim de economizar tempo e dinamizá-la. Em seguida, algumas parábolas serão entregues aos alunos para análise, conforme o estudado anteriormente nos slides. Nesse primeiro momento, o objetivo é descobrir o que o aluno sabe sobre as parábolas, com o intuito de exibir um gênero significativo e pouco explorado na escola.

Segunda aula: Interpretação textual

O texto escolhido para esse momento é a parábola contemporânea “O segredo de Januário”, do livro *Parábolas em português*, de Inácio Rebelo de Andrade. Logo, serão realizados alguns questionamentos, a fim de preparar o educando para a produção textual, pois quanto mais ele conhece o texto, mais entende sua estrutura, além de possibilitar-lhe ampliação do vocabulário. Observe o texto que será trabalhado:

Era uma vez uma aldeia que ficava num vale. Há muitos e muitos anos, vivia aí uma família de camponeses: o pai, que se levantava todas as manhãs e ia cultivar a terra; a mãe, que ficava em casa a cozinhar a comida e a tratar da roupa; o filho, chamado Leandro, que ia de manhã para a escola e brincava à tarde com os amigos; o pai do pai, chamado Januário, que não fazia outra coisa senão gastar o tempo balançando-se numa cadeira de balanço. Januário e Leandro não eram apenas avô e neto: companheiros inseparáveis, não obstante a diferença de idades, passavam juntos muitas horas do dia e faziam confidências um ao outro. Januário contava ao neto histórias de encantar, ensinava-lhe coisas, desvendando-lhe segredos; por seu lado, Leandro repetia ao avô o que aprendia nas aulas, tudo bem explicado, ponto por ponto, tintim por tintim. A casa em que a família vivia era uma construção sólida, toda revestida de granito, para resistir bem aos rigores do inverno. No piso de cima, com janelas abertas para o exterior, ficavam os quartos de dormir e a sala de jantar, onde as pessoas residiam efetivamente; no piso de baixo, sobre o chão úmido sem revestimento, guardavam-se as alfaias de trabalho, como enxadas, ancinhos, machados e pás. Já cá fora, encostadas ao muro que limitava o quintal, ficavam as capoeiras das galinhas, as gaiolas dos coelhos e as pocilgas dos porcos. Havia ainda um sótão sob o telhado, que servia de despensa. Em cada época própria, guardavam-se aí as batatas, as cebolas, os nabos e os demais produtos trazidos da horta. Quando os velhos da aldeia viram que o céu ganhava aquela cor de cobre, que metia medo aos homens e aos animais; quando perceberam que o vento soprava do Norte, arrastando tudo consigo (nuvens de poeira, mas também pedras e árvores); quando deram conta de que a chuva vinha aí em bátegas ininterruptas –

porque haviam visto muito ao longo da vida, souberam logo que um tempo mau estava a chegar. Os velhos não se enganam. A chuva veio, e copiosa tal como ameaçava: despejava do céu como de um alguidar imenso, encharcou os campos, afogou as culturas (o trigo, o centeio, a aveia, mas também o que medrava nas hortas); descendo pela encosta, a água chegou em cachão à aldeia e inundou as ruas. Uma espécie de rio de lama e de detritos começou a subir em cada minuto que passava, até que galgou as soleiras das portas e entrou nas casas. Afogaram-se as galinhas nas capoeiras, os coelhos nas gaiolas, os porcos nas pocilgas. Durante dois dias e duas noites, alheia aos estragos que causava, a chuva continuou. As pessoas pediram a intervenção de Deus, rezavam, suplicaram, choraram; porque não foram ouvidas, clamaram, praguejaram, blasfemaram. Não houve reza que lhes servisse nem clamor que lhe valesse. Sempre igual desde o início, nem mais forte nem mais fraca, a chuva continuou. No início do terceiro dia, parou de repente, sem aviso prévio quando tudo parecia já perdido e ninguém acreditava mais no fim daquela tragédia. Os poucos que haviam conservado a fé e tinham resistido à tentação dos impropérios, disseram então que Deus se encontrava finalmente apaziguado e disposto a vir de novo em socorro dos Servos seus... Primeiro a medo, depois mais confiantes, as pessoas saíram das casas e puderam avaliar cá fora a dimensão da catástrofe. Muitos blasfemaram pela segunda vez. Mortos os animais, sem legumes nas horas nem culturas nos campos, os homens interrogavam-se: No meio daquela escassez, como alimentar as mulheres e os filhos nos meses seguintes? Deixar a terra ganhar sazão, arroteá-la, tudo isso levava tempo e demorava. Como dar de comer, entretanto a tantas bocas? Reunidos na eira agora vazia de cereais, os homens interrogavam-se e não sabiam o que fazer. Um deles levantou o braço, pediu a palavra e disse: --- É justo que se sacrifiquem os velhos e se salvem os novos. Deixando morrer à fome os nossos pais, pouparemos mantimentos e salvaremos assim as nossas mulheres e os nossos filhos. Certamente envergonhado com o que propunha, baixou os olhos sobre o chão. Fez uma pausa, ganhou alento e continuou: --- Esta solução pode parecer odiosa e condenável, mas é a única que temos neste momento... Ou estarei enganado?... Como que a uma só vez, a assembleia discordou. Não faltaram reprovações nem insultos. Como era possível?... Podia lá ser?!...Uma monstruosidade tão grande?!... Foi assim de início, mas depois..., quando os ânimos serenaram e todos e todos perceberam que aquela solução (efetivamente odiosa e condenável) era a única que havia nesse momento, um silêncio pesado tomou conta dos homens. Para quê mais protestos?... Para quê mais palavras?... Com os braços estendidos ao longo do corpo, arrastando os passos como os sonâmbulos, a cabeça encolhida sobre os ombros, cada um partiu a caminho de casa, disposto já a cumprir essa tão terrível, mas também tão incontestável necessidade... Haveria outra saída, outra maneira?... Todos os velhos foram levados para os sótãos, amarrados aí com correias grossas de couro, ficando então privados de beber e de comer fosse o que fosse. Januário teve a mesma sorte. Foi também amarrado de pés e mãos, privado de beber uma gota de água e de comer uma côdea de pão. Leandro não se conformou com o que estava a suceder ao avô: chorou horas a fio pelo destino infeliz do seu maior amigo e melhor companheiro. Mas porque era uma criança precoce e sabia bem que as lágrimas não resolviam a questão, decidiu logo proceder como devia. Quando jantava nessa noite, meteu no bolso dos calções num punhado feijão, três rodela de chouriço e dois figos secos. Deitou-se cedo como de costume, mas de madrugada, pé ante pé silenciosamente para não ser ouvido, foi à cozinha, encheu um copo com água e subiu depois até ao sótão. Amarrado com as correias grossas de couro, Januário estava ali desde a véspera, sem compreender a razão daquele castigo. Cheio de espanto e mágoa, não mexia sequer um músculo. Que fizera de reprovável? Que falta grave cometera para merecer tal afronta? Não ajudara a família nas horas de aflição? Com a pá e a enxada, o balde e a vassoura, não tirara

também o entulho dos quartos? Por que motivo era assim maltratado? Como num murmúrio, Leandro chamou em voz baixa: --- Avô, avozinho, sou eu! Januário abriu os olhos. À luz da lua que entrava pelos buracos do telhado, resplandecente no pijama de linho, com os cabelos cor de ouro, a pele branca do rosto, os bracinhos no ar, o neto lembrava um querubim descido do céu. ---- Avô, avozinho, sou eu! Januário sentiu um aperto no peito. Comovido, perguntou: ---- Trago-te um copo de água, um punhado de feijão, três rodela de chouriço e dois fígados secos. Gosto muito de ti e não quero que morras, nem à sede nem à fome. Januário perturbou-se ainda mais. Incapaz de se mexer, não podia abraçar o neto, nem cobri-lo de beijos, nem mostrar-lhe como estava agradecido. Repetia continuamente: Oh!, meu menino, meu menino! Com as mãos pequenas e frágeis, Leandro deu de beber e de comer ao avô; atencioso e sem pressa, animou-o depois com palavras de esperança, prometeu-lhe voltar ali todas as madrugadas. Leandro cumpriu a promessa. Quando os pais dormiam a sono solto, ele levantava-se da cama, ia à cozinha encher um copo com água, subia as escadas e ia ter com o Januário. Usava os cuidados de sempre: pé ante pé, silenciosamente para não ser ouvido. O tempo foi passando. Uma semana, duas semanas... Nas outras casas da aldeia, os velhos foram morrendo. Em carroças puxadas pela família, dentro de sacos de serapilheira a servir de caixão, os cadáveres eram levados para o cemitério. Sem cerimónias nem orações, como quem se livra de um fardo incómodo, eram enterrados à pressa na sepultura. Só Januário continuava vivo: dia a dia mais fraco, os ossos parecendo romper à flor da pele, tão magro e tão pálido que causava impressão, mas vivo. Os campos foram arroteados, amados e semeados de novo, com trigo, centeio e aveia; como um tapete verde a perder de vista, as plantas cobriram outra vez o solo cultivado. Nas hortas, a cebola, o tomate, a couve e o nabo voltaram aos canteiros respectivos. Cada vez mais magro e mais pálido, Januário permanecia no sótão, ninguém percebendo como é que um velho com aquela idade conseguia resistir a um jejum tão demorado. Ou ele era santo, e tinha a proteção de Deus, ou era bruxo, e estava de pacto com o Diabo. Com o ouro hipotecado das joias das mulheres, os homens foram comprar galinhas para as capoeiras, coelhos para as gaiolas, porcos para as pocilgas. Outra semana passou. Com os campos amanhados, as hortas recuperadas, os animais recolhidos, a aldeia parecia já esquecer o que havia acontecido. Parecia já esquecer, mas não esquecia de fato – porque enquanto Januário não morresse no sótão, enquanto não exalasse aí o último suspiro, ninguém poderia apagar da memória a lembrança terrível dos cadáveres nas carroças a caminho de cemitério. O velho não era já e apenas um sobrevivente, abençoado por Deus ou de trato com o Diabo; não era só um resistente à sede e à fome --- mas alguém que estava ali a denunciar com a sua presença como os homens se comportam muitas vezes pior do que os bichos...Primeiro as crianças, depois as mulheres, a seguir alguns homens adoeceram. Ninguém sabia que diarreia era aquela que devorava as entranhas da vítima, lhe arrancava gritos lancinantes e a matava ao terceiro dia. O quadro tinha tanto de estranho como de nojento: urina e fezes escorriam sobre os lençóis, empestando o ar de cheiros nauseabundos. Quem apanhava o mal falecia sozinho: porque nem o esposo para a esposa, nem os pais para os filhos, nem os filhos para os pais, arranjavam a coragem necessária para fechar os olhos dos moribundos. Levados outra vez nas carroças para o cemitério, os cadáveres (que não eram agora de velhos, mas de quem se livrava deles), novamente à pressa, sem cerimónias nem orações, eram enterrados na sepultura. Mães no fim da gestação e à espera de dar à luz, bebês acabados de nascer, rapazes que se beijavam ainda na semana anterior, nenhum conseguia escapar ao fluxo assassino. Leandro contou ao avô o que se passava: alguns colegas da escola tinham morrido, outros estavam já condenados, e até ele podia cair à cama de um momento para o outro. De olhos fechados, Januário parecia não dar atenção ao que ouvia --- mas quando o neto confessou ter medo de morrer, retesou-se todo e

exclamou: ---Oh!, meu menino! Tu, não!... Tu , é que não!... Debitado como estava, a voz titubeante, os lábios repuxados, fez um esforço enorme e disse: --- Lá longe , no meio da floresta, ao pé da Pedra Grande, há uma planta rasteira, que dá flores vermelhas cor de sangue. Vai buscá-las e esmaga-as no almofariz com farinha de arroz mete tudo na chaleira, faz um chá e dá-o de beber aos doentes de hora a hora. Quase num murmúrio repetiu: --- Lá longe, no meio da floresta, ao pé da Pedra Grande... Leandro desceu a correr as escadas do sótão e veio contar ao pai o segredo do avô: segredo de quem viu muitas coisas durante a vida; segredo bem guardado não só de Januário, mas também dos outros velhos, que não continuavam já ali para ajudar. Leandro e o pai foram à floresta. Era mesmo verdade: as flores vermelhas cor de sangue estavam no lugar indicado, ao pé da Pedra Grande. Colhidas uma a uma, foram levadas para casa e esmagadas no almofariz com farinha de arroz; fez-se o chá na chaleira, que foi dado de beber aos doentes de hora a hora. Primeiro as crianças, depois as mulheres, a seguir os homens, todos se curaram do mal terrível. Quem morreu cansado do seu desgosto e levou consigo outros segredos ainda por revelar; quem morreu no sótão e partiu nessa noite para o Céu, foi Januário: com a cabeça no peito de Leandro, tal como queria, embalado pela voz do seu menino, seu amor e seu consolo.

Ao expor a parábola na aula, é necessário explicá-la (história e estrutura) e pedir para cada discente dizer o que compreendeu da mesma. Posteriormente, solicitar que sejam respondidas algumas questões entregues, com a intenção de conhecer ainda mais a estrutura do gênero.

Essa atividade pode ser realizada em dupla, pois um aluno pode auxiliar o outro com possíveis dúvidas, ao longo da interpretação, além de poder também ser respondida digitalmente no Google Forms, por exemplo. Veja a seguir as perguntas que podem ser realizadas:

1- Qual é o gênero do texto?

- (A) Conto.
- (B) Fábula.

- (C) Anedota.
- (D) Parábola.

2- A tipologia da parábola exposta é

- (A) injuntiva.
- (B) narrativa.

- (C) dissertativa.
- (D) argumentativa.

3- A linguagem predominante no texto é

- (A) formal.
- (B) técnica.

- (C) regional.
- (D) informal.

4- Segundo a parábola,

- (A) As pessoas respeitavam os mais velhos.
- (B) Januário guardava um segredo muito valioso.
- (C) Januário não morria porque recebia alimento de seu neto.
- (D) As crianças foram as primeiras sacrificadas durante o tempo ruim.

5- "... passavam juntos muitas horas do dia e faziam confidências um ao outro." O termo destacado pode ser substituído por

- | | |
|---------------|----------------|
| (A) morais. | (C) segredos. |
| (B) atitudes. | (D) aventuras. |

6- O narrador presente na história é

- | | |
|------------------|-------------------|
| (A) observador. | (C) personagem. |
| (B) antagonista. | (D) protagonista. |

7- Em "Mas porque era uma criança precoce e sabia bem que as lágrimas não resolviam a questão." A conjunção destacada tem valor semântico de

- | | |
|--------------|------------------|
| (A) adição. | (C) explicação. |
| (B) negação. | (D) contradição. |

8- No trecho: "Ou ele era santo, e tinha a proteção de Deus, ou era bruxo...", o pronome destacado retoma

- | | |
|---------------|----------------------|
| (A) Leandro. | (C) pai de Leandro. |
| (B) Januário. | (D) pai de Januário. |

9- Em "... coelhos para as gaiolas, porcos para as pocilgas." A palavra destacada pode ser substituída por

- | | |
|-------------|----------------|
| (A) curral. | (C) celeiro. |
| (B) quarto. | (D) chiqueiro. |

10- Em "---Avô, avozinho, sou eu!" temos o uso do discurso

- | | |
|---------------|---------------------|
| (A) direto. | (C) direto livre. |
| (B) indireto. | (D) indireto livre. |

Após a construção da atividade, o professor corrigirá cada questão na lousa com o propósito de mostrar aos alunos a alternativa correta, eliminando qualquer tipo de dúvida em relação à interpretação da parábola. Essa parte é importante porque, além de trabalhar a compreensão textual, são também trabalhados vários elementos gramaticais, necessários para o entendimento do aluno.

Terceira aula: Produção textual

Nesta aula, o professor explicará a proposta de redação, conforme o que foi apreendido durante as aulas, como a estrutura da parábola, por exemplo. De início, será feita uma parábola em conjunto com os alunos para assimilarem a forma compreensível da organização textual. Isso contribuirá para a eliminação das incertezas de cada educando, antes do início do seu texto. Assim, a proposta de produção textual será a seguinte:

- Faça uma parábola baseada no texto “O segredo de Januário”. Ela deve levar o receptor a uma reflexão de vida, de modo que sirva de inspiração para as pessoas. Lembre-se que a parábola deve obedecer às regras de produção textual, como: parágrafo, coesão, coerência, letra legível, etc. Seu texto deverá ter, no mínimo, 15 linhas. Não se esqueça de que ela pertence à tipologia narrativa, por isso deve contar uma história com os elementos que fazem parte dela.

Quarta aula: Devolutiva da redação

Uma etapa muito importante é a devolutiva da produção textual, ou seja, o professor deve devolver a redação corrigida, com os apontamentos necessários. Assim, ela deve ser realizada em dois momentos: individual e em grupo. No momento individual, o professor deve escrever um recado na folha do aluno apontando as partes positivas do texto e os possíveis aprimoramentos. Assim como deve pedir para reescreverem suas produções.

Já no momento coletivo, devem ser levantadas as principais dúvidas e dificuldades dos alunos e explicados na lousa, com exemplos. Dessa forma, com os problemas levantados é necessário criar estratégias para diminuir os problemas no momento da escrita. Observe uma possível estratégia que pode ser realizada no caso de o educando utilizar muito a linguagem coloquial.

Atividade 1

A linguagem informal é utilizada entre amigos e familiares em situações corriqueiras do dia a dia. Porém, quando for escrever uma produção textual, na maioria das vezes, deve ser evitada. Assim, transforme as frases informais abaixo em frases formais.

- a- A gente precisa de ajuda.
- b- Hoje eu tô cansado.
- c- Me dá uma ajuda.
- d- É pra copiar?

Essa atividade ajuda o educando a entender que a maneira de se comunicar no dia a dia, muitas vezes, não pode ser utilizada nas produções escolares. Diante disso, quando forem escrever precisam ter um cuidado maior para não fazerem produções textuais totalmente informais.

Em suma, essas aulas têm o objetivo de auxiliar o docente na busca de criar maneiras de ajudar o educando a compreender o uso da produção textual, bem como sua construção de forma compreensível pelos leitores.

4.4 A tecnologia X escrita

A tecnologia surgiu, entre outras coisas, para facilitar a vida das pessoas, pois com ela se pode comunicar com os outros a milhares de quilômetros de distância. Além de estudar, trabalhar e fazer compras, sem sair de casa. Entretanto, com o avanço da tecnologia, muitos começaram a usar a internet desenfreadamente, deixando de lado os estudos e os livros, ou seja, só pensando em jogar, acessar sites de fofoca e utilizar as redes sociais.

Algumas pessoas veem nas TICs (tecnologias da informação e comunicação) a probabilidade inovadora e determinante para melhorar a educação no Brasil; todavia, deve-se considerar que existem muitos problemas ainda associados à incorporação de tecnologias nas salas de aula. Há um desafio para os professores mudarem na sua forma de conceber e colocar em prática, no ensino, uma nova ferramenta, por exemplo. Para Imbérnom (2010, p.36):

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade.

Diante disso, cabe ao professor descobrir como utilizar a tecnologia a seu favor e de seus alunos, uma vez que se sabe do seu auxílio na vida dos cidadãos. Assim, o professor de Língua Portuguesa pode, e deve, introduzir a tecnologia em sala de aula, como por exemplo, projetar slides do gênero conto para cada aluno ler um trecho e comentar o que achou das histórias. Na sequência, pode mostrar a história em vídeo, para despertar ainda mais o interesse do educando.

Se a escola disponibilizar tabletes e computadores, o professor deve acessar jogos eletrônicos que ajudem no ensino da disciplina estudada, também. Assim, Silva (2005) fala sobre a necessidade de a escola utilizar a tecnologia como auxiliadora na aprendizagem do educando:

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura (p. 63).

Ao aplicar a tecnologia em sala de aula, o docente tem que preparar corretamente essa aula, não podendo simplesmente pedir aos alunos que naveguem na internet e pensar que está utilizando a tecnologia em sua aula de forma eficiente; na verdade, essa é a maneira enganosa e errada. Desse modo, o docente pode criar um trabalho que incentive a leitura pelo aluno a fim de contribuir com a produção textual:

- Leitura orientada e livre de livros digitais;
- Leitura de histórias em quadrinhos digitais;
- Acesso a livros digitais de diferentes gêneros literários e escolha do que mais lhe agradou;
- Seleção e divulgação, via mural eletrônico, dos melhores livros lidos pela turma;
- Jogos que abordem a leitura;
- Debate: “Lendo no livro impresso e no livro digital: quais as diferenças e semelhanças?”;
- Construção de um blog sobre dicas de leitura;
- Criação de um livro digital e sua divulgação no ambiente virtual.

Com várias possibilidades de atividades que englobem o incentivo à leitura e, assim, potencialize a produção textual, a tecnologia voltada à educação é mais

uma delas. Dessa forma, a escola necessita trazer os meios tecnológicos para a sala de aula, principalmente para aquele aluno que não dispõe desses meios em casa. Dessa forma, esse aluno vai se sentir incluído na era tecnológica e terá mais chances de se interessar pelo conteúdo escolar. Concluimos com Leite *et al.* (2000) para reforçar nossos ideais:

Diante desta realidade, torna-se necessário que as escolas passem a trabalhar visando a formação de cidadãos capazes de lidar, de modo crítico e criativo, com a tecnologia no seu dia-a-dia. Cabendo à escola esta função, ela deve utilizar como meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem a própria tecnologia com base nos princípios da Tecnologia Educacional (p. 40).

Por conseguinte, não se deve falar mal do uso da internet, mas sim do seu uso de forma incorreta. É preciso explicar, dentro da escola, sobre o uso da internet de maneira coerente e ensinar ao aluno que ele pode utilizar as redes sociais e jogos eletrônicos, contudo, também pode estudar através do Youtube, ler bons livros on-line e até criar um blog sobre o que ele gosta de falar.

Não se deve esquecer que a escola tem o papel de formar cidadãos conscientes, portanto, é importante que os docentes acompanhem as mudanças, como explana Perrenaud (2000):

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENAUD, 2000, p. 128)

A finalização da sequência didática é a divulgação do livro digital da turma, que englobará a história das parábolas, algumas histórias conhecidas e, por fim, as parábolas de cada aluno. Esse momento é muito importante para que o aluno entenda que ele fez parte de um grande projeto e que sua história vai ser lida por muitas pessoas, ou seja, tudo o que ele aprendeu valeu a pena.

De maneira geral, a proposição desse trabalho, a partir de sequências didáticas, apresenta-se como uma forma de favorecer a compreensão do aluno, como afirma Passarelli (2004, p. 35):

Antes de ser um objeto escolar, escrita é um objeto social. Assim, a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita (e da leitura), propiciando-lhe o contato com as várias maneiras como ela é veiculada na sociedade. Daí a relevância de aproximar os usos escolares da língua escrita com o aspecto comunicativo dentro e fora do contexto escola.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) proporciona e promove diversas possibilidades de trabalhar a Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica no Brasil. De acordo com o que foi apresentado, as atividades sugeridas correspondem ao nosso contexto sociocultural e o exemplo mostrado pela construção de um livro digital é mais um mecanismo para possibilitar o interesse do aluno pelo conteúdo. Conforme o próprio documento comenta:

“Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais”. (BNCC, Brasil, 2018p. 69)

À guisa de conclusão, a sequência didática apresentada deve ser utilizada pelos docentes que têm interesse em mostrar um gênero distinto que vá chamar a atenção dos alunos perante a produção de texto, conforme as atividades mencionadas anteriormente. Cabe a cada professor usá-las da maneira que acharem pertinentes, conforme o público-alvo.

4.5 A avaliação, devolutiva e reescrita

A avaliação escolar é um dos temas mais discutidos em relação à aprendizagem na escola. Por causa disso, será explanada neste trabalho, considerada também como um recurso de auxílio na produção de texto.

Desse modo, é necessário lembrar que a escrita faz parte da construção de um cidadão, como destaca o trecho: “aprender a produzir uma diversidade de textos, respeitando as convenções da língua e da comunicação, é uma condição para a integração na vida social e profissional” (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010, p. 13)

Sabe-se que a produção textual é uma forma de avaliação, por isso, o docente deve fazer a seguinte pergunta: “Qual a melhor forma de avaliar a produção textual do meu aluno?”

Para responder a essa pergunta o professor deve, primeiramente, ter em mente o que pretende avaliar com a produção apresentada, pois a forma que a cria diz muito sobre seu objetivo. Assim, na condição de avaliador desse procedimento, o docente interpreta e atribui sentidos significativos à avaliação escolar. Com isso,

produz conhecimentos e representações sobre a avaliação e acerca de seu papel como avaliador. Nesse sentido, Sordi (2001) discorre que

Uma avaliação espelha um juízo de valor, uma dada concepção de mundo e de educação, e por isso vem impregnada de um olhar absolutamente intencional que revela quem é o educador quando interpreta os eventos da cena pedagógica (p. 173).

Atualmente, observa-se que avaliar se tem confundido com a possibilidade de medir a quantidade de conhecimentos apreendido pelos educandos, em consideração ao que foi ensinado pelo docente. Dessa forma, Gatti (2003) explana abaixo:

É preciso ter presente, também, que medir é diferente de avaliar. Ao medirmos um fenômeno por intermédio de uma escala, de provas, de testes, de instrumentos calibrados ou por uma classificação ou categorização, apenas estamos levantando dados sobre uma grandeza do fenômeno. (...) Mas, a partir das medidas, para termos uma avaliação é preciso que se construa o significado dessas grandezas em relação ao que está sendo analisado quando considerado como um todo, em suas relações com outros fenômenos, suas características historicamente consideradas, o contexto de sua manifestação, dentro dos objetivos e metas definidos para o processo de avaliação, considerando os valores sociais envolvidos (p. 110).

A melhor maneira de se avaliar uma produção textual é compreender o que realmente o aluno quis dizer com aquelas palavras, ou seja, é necessário corrigir suas dificuldades gramaticais e de coesão/coerência, porém, acima de tudo, o professor deve enxergar o texto em sua totalidade.

Lembrando que o discente vai escrever de acordo com seu conhecimento e vivência de mundo, é importante trazer para a aula diversas ferramentas de ensino, como livros, vídeos, textos, jornais, revistas, ou seja, instrumentos que ampliem o conhecimento do aluno.

O professor também precisa dar a devolutiva da produção, lembrando de elogiar o feito do aluno e corrigir aquilo que precisa melhorar. A devolutiva da produção textual é um dos procedimentos primordiais para utilização em sala de aula, pois o aluno precisa conhecer e entender suas dificuldades e progressos. Além de ter a chance de conhecer a forma mais eficiente que sua produção textual poderia ter.

Por fim, a devolutiva precisa focalizar os diferentes aspectos que conferem sentido à produção do discente, como Passarelli (2012) destaca no trecho a seguir:

No plano da coesão textual, o professor pode assinalar códigos de correção combinados com os alunos previamente ou registrar perguntas (Quem? O quê?) quando do emprego de formas linguísticas que não recuperam com

clareza o referente, ou questiona o sentido instaurado pelo emprego de conectores sequenciais. Também podem ser problematizadas escolhas lexicais que contribuam para a manutenção de sentido, quando do uso de termos e/ou verbos genéricos, assinalando perguntas (Como assim? Em que sentido?). No plano da coerência, a intervenção do professor volta-se a significação do texto como um todo. Em atenção às necessidades dos alunos, o professor observa aspectos que precisam ser reestruturados para dar conta da unidade temática, da sequência lógica e da explicação/ampliação das ideias. Orientações referentes a paragrafação ao emprego dos sinais de pontuação também são aqui relevantes, uma vez que a pontuação tem função lógica e se bem empregada, evita erros de interpretação (PASSARELLI, 2012a, p. 166 e 167).

Conforme o explanado, o mais correto é o professor não só apontar o problema do texto, mas descrevê-lo, indicando possibilidades de melhora, para, depois, pedir a reescrita, que é outro momento essencial na produção. Assim, a reescrita é também considerada muito importante no processo de produção textual, uma vez que, reescrevendo, o educando aprenderá e conseguirá apropriar-se do sistema de escrita, desenvolvendo novas habilidades de acordo com o corrigido pelo professor.

Com base na reflexão sobre o papel de relevância que a escrita exerce na sociedade, nota-se que precisa haver a reflexão sobre a produção de textos escritos e reescritos, a partir de seus usos sociais, a fim de responder o seguinte questionamento: De que modo a reescrita pode contribuir para o aprimoramento da produção escrita pelos discentes?

Para responder a essa pergunta é fundamental que o professor tenha estratégias interventivas, orais ou escritas, para levar o aluno a perceber os problemas de seu texto e corrigi-los antecipadamente. Assim, o ato de revisar o texto faz com que o educando, a partir dessas orientações, releia e encontre possíveis problemas.

Ao detectar as dificuldades, o educando pode arrumar seu texto, conforme as regras de produção textual, para deixá-lo mais coerente e, conseqüentemente, compreensível. Por isso, a revisão é uma etapa que precisa ser feita.

O educando, ao ter contato com seu próprio texto durante o momento de reescrita poderá estabelecer uma relação de confiança em relação à sua produção textual, o que lhe permitirá um olhar mais crítico e, assim, se enxergue nesse processo como um sujeito avaliador do processo da escrita. Segundo Menegolo e Menegolo (2005, p. 74),

A importância do ato de reescritura de textos reside no fato de que provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto criado, possibilitando um

relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e exclusão de enunciados). O aluno sai, ao reescrever, do estágio emocional (inspirativo), que gera a primeira escrita, e passa ao estágio de maior racionalização sobre o que foi materializado.

E prossegue,

E, neste encontro de um "eu-escritor" com um "tu-reescritor", que só pode acontecer no que Bakhtin (1997, p. 289-290) chama de "cadeia da comunicação verbal", o aluno não é um mero receptor, pois, ao receber [seu texto, [com apontamentos do professor], tende a compreender. [...] a significação (lingüística) de um discurso e adota, simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso [...].

Tal procedimento faz com que o aluno tenha um novo olhar para seu texto, observando detalhes que antes não observara. Diante disso, quanto mais houver o exercício da reescrita, mais o aluno notará que sua produção pode melhorar, transformando sua experiência em conhecimento.

Por conseguinte, avaliação, devolutiva e reescrita são componentes importantes na construção do conhecimento da produção textual do aluno. Primeiro, ele precisa saber o objetivo do texto proposto, depois, qual o resultado daquilo que escreveu, ou seja, os pontos negativos e positivos. Ao final, vem a reescrita, que é quando o aluno enxerga os erros e põe em prática o que aprendeu com a devolutiva. Assim, cada parte se encaixa na outra e precisa ser utilizada nas aulas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção textual traz características próprias enriquecedoras ao conhecimento intelectual por parte de cada estudante. Pode-se expressar o pensar através das palavras e, assim, posicionar-se em relação à sociedade em que se convive para torná-la mais justa, digna e compreensível. Em consonância com esses dizeres, Soares explana:

Quem aprende ler e escrever – e passa a usar a leitura e a escrita, desenvolvendo-se com esta prática – torna-se uma pessoa diferente; muda o mundo de viver, sua relação com os outros e com a sua cultura. [...] muda sua maneira de pensar, de falar, de participar da vida da sua comunidade (SOARES, 1998, p.58).

Diante disso, uma forma de prosseguir com a escrita no início do Ensino Fundamental 2 com qualidade é o docente considerar o uso da parábola na

contribuição do processo de aprendizagem da produção textual, uma vez que ela é uma narrativa breve e lúdica para ser trabalhada na aula.

É necessário ressaltar aos estudantes no que a parábola pode ajudá-los, como na parte gramatical e reflexiva. Assim, o professor orienta, com aulas bem planejadas, a inserção desse gênero de forma significativa, para que o educando entenda o objetivo da aula de produção textual, pois ela precisa ter sentido para ele, não apenas avaliativo, mas sim de conhecimento e evolução.

Conforme Geraldi (2015) afirma em seu livro *A aula como acontecimento* “Imagine uma aula em que se interrogue sobre o acontecido. Cada criança volta para escola cheia de histórias, de coisas a narrar, de peripécias a comentar. Como foram as coisas cá, como foram lá: curiosidades e vida”. Em consonância com a afirmação anterior, quando o aluno discorre sobre o acontecido em sua vida, se torna alguém que tem o que dizer porque vivenciou aquilo. Ao apresentar uma atividade com essa proposta, deixa-se claro ao aluno que ele faz parte da sociedade e que sua opinião tem importância.

Assim sendo, fica evidente que cabe ao professor criar maneiras diversas para conquistar o aluno na obtenção do conhecimento da produção textual e, assim tornar-se um cidadão que saiba se expressar diante dos acontecimentos da atualidade, procurando defender seus pontos de vista de maneira crítica e consciente. Além de saber se comunicar nas várias situações, tanto formais quanto informais do dia a dia.

As palavras de Freire (1996) definem esse trabalho, pois escrever tem suas dificuldades e requer do escritor uma reflexão em vários sentidos, contudo, quando finalizado, torna-se gratificante. E é esse o objetivo aqui, de fazer cada aluno se sentir satisfeito e encorajado para escrever ao ler seu texto.

Para complementar, esse trabalho pretende mostrar ao educando sua capacidade de escrever um texto de qualidade que fará sentido na vida de diversas pessoas.

Escrever deixa marca, registra pensamento, sonho, desejo de morte e vida. Escrever dá muito trabalho, porque organiza e articula o pensamento na busca de conhecer o outro, a si, o mundo. Envolve, exige exercício disciplinado de persistência, resistência e insistência, na busca do texto verdadeiro, aquele que o homem escreve com o seu próprio sangue (FREIRE, 1996, p. 38).

Desse modo, é preciso enfatizar que o incentivo à escrita não é somente função da escola, mas também da família e dos governantes. Por exemplo, os pais precisam instigar, desde criança, a leitura e estudo de seus filhos. Já ao governo cabe melhorar a qualidade da educação, com salário digno aos professores e infraestrutura nas escolas, como por exemplo, internet de qualidade.

A valorização da escola por todos precisa ocorrer urgentemente; a sociedade deve entender que a educação pode modificar a vida das pessoas, oferecendo oportunidades inimagináveis.

Nesse sentido, pode-se concluir que, seguindo os direcionamentos propostos neste trabalho, para que sejam obtidos resultados satisfatórios no processo de produção de textos, far-se-á necessário

- Analisar a estrutura do gênero parábola.
- Explicar o que é gênero textual e tipologia textual.
- Identificar possíveis dificuldades na construção do texto.
- Produzir formas de aprendizagem que diminuam tais dificuldades.
- Criar um trabalho que utilize a parábola como forma de aprendizagem.

Desse modo, o maior objetivo desta dissertação é auxiliar professor e aluno na busca da realização de produções textuais cada vez mais eficientes e compreensíveis por todos

Em suma, um cidadão que escreve bem, conseqüentemente saberá se expressar de maneira clara para as pessoas e conseguirá melhores oportunidades em sua vida. Desse modo, para concluir, as palavras de Paulo Freire (1987, p. 87) sintetizam os objetivos deste trabalho: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

REFERÊNCIAS

<http://padrezezinhoscj.blogspot.com.br/2012/07/historia-da-musica-popular-religiosa-e.html>

ARNEMANN, Aline Rubiane. **Sequência didática sobre artigo de opinião** - estudantes concluintes de Ensino Médio em Escolha profissional. Revista Bem Legal. Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 420-428, 2016.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 1999.

BIBLE Gateway passage: **Lucas** 18:9-17 - Almeida Revista e Corrigida 2009. Disponível em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lucas%2018:9-17&version>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRANDÃO, R. de O. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática. 1989.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUBER, M. **Tales of Hasidim másters**. Tradução de Olga Marx. Nova Iorque: Schocken Books, 1945.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMARGO, S. A. **Ensino de Jesus através das parábolas**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

CASSONATO, O. D. **A Bíblia.org**, 2015. Quantas Parábolas têm no Antigo Testamento e onde elas se encontram? Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=8475>. Acesso em 20 fev. 2022.

CHAMPLIN, R. N. O Novo testamento interpretado versículo por versículo. Guaratinguetá: Voz bíblica, s.d.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. 500 p.

CHAROLLES, M. 1978. **Introdução aos problemas da coerência dos textos** (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). Trad.: Paulo Otoni. Langue Française, Paris, nº 38, 1978. IN: D

COUTINHO, A. **Enciclopédia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

DELL'ISOLA, R. L. P. Intergenericidade e agência: quando um gênero é mais do que um gênero. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 4, 2007, Tubarão, **Anais**. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm>. Acesso em: 27 fev. 2022.

DISCOGRAFIA. **Rita Lee** – cd, 1997 – sonopress – Editora Globo.

DODD, C. H. **Parables of the Kingdom**. Londres: Nisbet & Co., 1935.

DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Tradução Decândio, F. e Machado, A. R. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DUPONT, J. **O método das parábolas hoje**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1985.

ECO, U. **Obra aberta**. Tradução de Sebastião U. Leite. São Paulo: Edusp, 1976.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1998.

FERNANDES, M. **Toda Matéria: conteúdos escolares**. 2013. Figuras de linguagem: resumo e exemplos. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem>. Acesso em: 5 mar. 2022.

FISHER, N. **The Parables of Jesus: glimpses of the new age**. New York: Women's Division, Board of Global Ministries, The United Methodist Church, 1979.

FREIRE, M. **Observação, registro, reflexão: Instrumentos metodológicos**. 2 eds. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GABY, W. T.; GABY, E. S. **As parábolas de Jesus**. Rio de Janeiro: cpad, 2018.

GATTI, B. A. O professor e a avaliação em sala de aula. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 27, p. 97–114, 2003. DOI: 10.18222/eae02720032179. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2179>. Acesso em: 5 jun. 2022.

GARRIDO, Javier. **El camino de Jesús**. Spain: Sal Terrae, 2006.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GONÇALVES, João Batista Costa. A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem. **Veredas On line - Análise do Discurso**. PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora-MG, p. 157-166, 2010. ISSN 1982-2243. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-12.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.

GRAFF, A. E. **Teoria e prática do estudo bíblico**. Canoas: Ulbra, 2014.

GRAWUNDER, M. Z. **A palavra mascarada**: sobre a alegoria. Santa Maria: ed. da UFSM, 1996.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989.

HANSEN, J. A. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986.

HOLANDA, A. B de F.; RÓNAI, P. **Mar de histórias**: antologia do conto mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010

JENNY, L. "A estratégia da forma". In: _____. Poétique. **Revista de Teoria e Análise Literária**. Coimbra: Almedina, 1979. p. 5-49. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/356653347/A-estrategia-da-forma-Laurent-Jenny-pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. Trad. João Rezende Costa. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária**. v. 1. Coimbra: Arménio Amado, 1958.

KIRKWOOD, W. Storytelling and self-confrontation: parables as communication strategies. **Quarterly Journal of speech**, 1983. DOI:10.1080/00335638309383635. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Storytelling-and-self%E2%80%90confrontation%3A-Parables-as-Kirkwood/ad5bc1f1f9cac2ba4b04d27e9281072106f31a44#references>. Acesso em: 5 mar. 2022.

LA FONTAINE, j. As mais belas fábulas de La Fontaine. São Paulo: Paulinas, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON. Metáforas da vida cotidiana. Coord. de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. 2. ed. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

LEITE, L. *et al.* Tecnologia educacional: mitos e possibilidades na sociedade tecnológica. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 148, p. 38-43, jan./mar., 2000.

LIMA, J; RUGGERI, W; SILVA. M, S, A. **Para que minha família se transforme**.p.75Campinas, SP: Verus Editora. 4ªed. 2003

MAGNE, A. J. S. **Princípios elementares de literatura**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935.

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 01, 2002. ISSN 1676-2924. Disponível em: http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/artigos/videos/Mandarino_Monica.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.

MARCELLO, C. Fábula A Cigarra e a Formiga (com moral). **Cultura Genial**, 21 mai. 2020. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/a-cigarra-e-a-formiga/>. Acesso em: 5 fev. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **A Produção textual, análises de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGOLO, Elizabeth Dias Wallace; MENEGOLO, Leandro Wallace. **O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito autor**. Ciências & Cognição. v. 5, p. 73 - 79. março/2005. Disponível em: www.cienciasecognicao.com.org. Acesso em 13/11/2019.

MENEZES, I. **Hábitos de leitura de alunos do 2º e 3º ciclos do ensino básico e impacto na aprendizagem: concepções de alunos, professores e professores bibliotecários**. 227f. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares). Departamento de Educação e Ensino a Distância. Universidade Aberta, Lisboa, 2010.

NERY, A. Coesão - As partes de sua redação formam um todo? **Uol Educação**, 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/coesao-as-partes-de-sua-redacao-formam-um-todo.htm>. Acesso em: 18 mai. 2022.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MORAIS, A. G. **Ortografia Ensinar e Aprender**. São Paulo Ática, 1998.

_____. **Ortografia como objeto de reflexão: quando o ensino ajuda o aprendiz a explicar seus conhecimentos sobre a norma**. Reunião anual da ANPEd, 1999, Caxambu, Anais. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/46/ortografia%20Artur%20Go%20mes%20de%20Morais.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

_____. **O aprendizado da ortografia**. 3º Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003

OLIVEIRA, F. Linguagem formal e informal. **Educa Mais Brasil**. 21 jul. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/linguagem-formal-e-informal>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PASSARELLI, L.G. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012a.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

QUINTANA, Mario. **A rua dos cataventos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

RANGEL, A. **As mais belas parábolas de todos os tempos**. Vol. I. P.56 Belo Horizonte, MG. Editora Leitura. 12ªed. 2006.

RODHEN, H. **Sabedoria das parábolas**. 5. ed. São Paulo: Alvorada, 1988.

ROSENFELD, A. **Texto /Contexto**. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996, p. 270.

ROPS, H. D. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SANT'ANNA, M. A. D. **O gênero da parábola**. São Paulo, Editora UNESP, 2010, p. 317.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. **Integração das Tecnologias na Educação: salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação, p. 62-69, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>. Acesso em: 26 de ago. 2021.

SOARES, M. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo, Ática, 1988.

SORDI, M. R. L. de. **Alternativas propositivas no campo da avaliação**: por que não? In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SOUZA, A. O. de. **O texto narrativo e a parábola: Leituras de desenvolvimento da compreensão, conhecimento linguístico e extração de sentido**. PUC/SP, 2015, 78 pág. Monografia para o curso de Pós-graduação em Letras. (p. p10)

VERGUEIRO, W. História em quadrinhos em debate. 2009. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-anteriores-conversa-com/historia-em-quadrinhos-em-debate>. Acesso em: 01/02/2023

VIEIRA, A. **Analisando a música: Amor e sexo- Rita Lee**. Disponível em: <http://www.sempreromantica.com.br/2020/11/analizando-musica-amor-e-sexo-rita-lee.html> Acesso em 16/07

TAVARES, H. U da C. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

THE new **enciclopedia britannica** macropaedia. 15. ed. Chicago/Londres: Enc.Brit. Inc, v. 7, p. 136, 1974.

TRACY, D. **Metaphor and Religion**: the test case of Christian texts. Critical inquiry. Chicago: The University of Chicago Press, v. 5, n.1, 1978.

VILELA, M.; KOCH, I.G.V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Asmedina, 2001.

WEINRICH, H. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Madri: Gredos, 1968.

WILDER, A. N. **Early Christian Rhetoric**: the language of the New Testament. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

ZABALA, A. **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.